3 1761 07135982 2

PQ
9261
A575A7

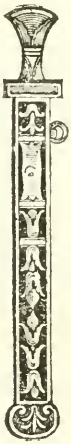
Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/oalfagemedesanta00alme

O ALFAGEME DE SANTAREM

O ALFAGEME
DE SANTAREM
OU
A ESPADA DO CONDESTAVEL

PELO AUCTOR
DE CATÃO E AUTO DE GIL-VICENTE



LISBOA
Na Imprensa Nacional

MDCCCXLII

PQ
9261
H575H7

Quiz-se pintar n'este quadro a face da sociedade em um dos grandes cataclysmos por que ella tem passado em Portugal. O pintor isolou-se de todo o sentimento e sympathia — paixões politicas, não as tem — para ver e representar, como elles foram, são e hãode sempre ser, os dois grandes elementos sociaes, o popular e aristocratico. Tomou para a primeira luz do quadro as principaes figuras da interessante anecdota da espada de Nun'alvares Pereira e da prophecia do alfageme de Santarem, tam sinceramente contada n'aquelle ingenuo stylo patriarchal da primeira « chronica do Condestabre », d'onde passou depois para os historiadores e poetas que a repettiram.

O fundo e accessorios do quadro teem o mesmo character de desenho e de côres.

Em Fernão-Vaz, o alfageme, e na sua gente, Gil-Serrão, Braz-Fogaça etc., estão os populares com todos os sabidos defeitos e com todas as inquestionaveis virtudes da classe. Nun'alvares Pereira é o bello-ideal da nobreza, Mendo-Paes o typo de seu abastardeamento. No último está a prosa torpe das revoluções, nos outros a poesia d'ellas.

Froilão-Dias é o homem sincero do passado, e o ministro da paz e da verdade, porque é verdadeiro ministro de Deus. Risonha com os pequenos, austera com os grandes, a sua voz clama sempre no deserto; — que não ha deserto mais surdo, nem mais cego tambem, do que a tumultuaria praça da revolta.

O amor é essencial parte do drama porque o drama é a vida, e o amor a essencial parte da vida. Em Alda está o amor puro, e estrême de vaidade, muito menos raro na mulher que no homem, mas sempre raro. Em D. Guiomar o commum dos amores vulgares cuja base de composição é a vaidade, e que, segundo o temperamento ou o acaso deixam preponderar mais ou menos o instincto sensual, assim se chamam depois criminosos ou virtuosos na estupida e falsa linguagem do mundo convencional.

Delineou-se este drama em meados de 1839, e effectivamente se compoz agora.

Bemfica 1º de outubro de 1841.

O ALFAGEME

Pessoas do Drama.

O ALFAGEME (FERNÃO-VAZ).
NUN'ALVARES PEREIRA.
FROILÃO-DIAS.
ALDA.
MENDO-PAES.
DONA GUIOMAR.
O ALCAIDE.
JOANNA.
SERAPHINA.
CÔRO DAS DONZELLAS DO ALFAGEME.
GIL-SERRÃO.
BRAZ-FOGAÇA.
CÔRO DOS SERRALHEIROS DO ALFAGEME.
POVO.

Damas e cavalheiros de Santarem; cavalleiros, pagens e homens-d'armas de Nun'alvares, aguazis do Alcaide.

Logar da scena — A ribeira de Santarem.
1383—1385.

ACTO PRIMEIRO.

É no suburbio de Santarem, ditto *A Ribeira*. Á esquerda uma casa antiga, apalaçada, com vestigios de grandeza senhorial, mas muito arruinada, com escada exterior de pedra, descuberta e practicavel, e collocada de modo que os actores, quando descem, ficam com a face para o spectador. No alto da escada, patim com parapeito, e cuberto com uma parreira. — Á direita uma casa abarracada mas vasta e bem reparada, em que estão os armazens e serralharias do Alfageme, cujas forjas accesas e trabalhando são visiveis para o spectador: a parte mais posterior da casa é mais antiga e acanhada, com sos duas janelinhas agudas e porta no meio. — No fundo Marvilla ou parte alta de Santarem. — Em baixo corre o Tejo. — Da esquerda vem a estrada de Lisboa, pela direita se sobe para Santarem. — No meio da scena, entre as duas casas alguma árvore. — É de hynverno. — A mesma vista em todos os actos.

SCENA I.

ALDA E GUIOMAR *no patim, incostadas ao parapeito;* O ALFAGEME *ás portadas de sua casa.* CÔRO DE SERRALHEIROS E DONZELLAS *do Alfageme, dentro.*

Ao levantar do panno, continúa a introducção da orchestra acompanhando o tinir das bigornas e o assoprar das forjas.

ALFAGEME, dando a última demão a uma espada, canta.

(stylo de romance popular antigo.)

Ja la vem o sol na serra,
Ja la vem o claro dia,
E inda o conde de Allemanha
Com a... *(tosse)* hum, hum, hum!.. dormia.

A trova diz: Allemanha;
Eu digo: Gallegaria...
Onde chegou Portugal
Mais a sua bisarria!

CÔRO.

Onde chegou Portugal
Mais a sua bisarria!

ALFAGEME.

Mangas da minha camisa
Não n'as chegue eu a romper,
Se em vindo...
Se em chegando o nosso infante
Não ha aqui muito que ver!

CÔRO.

Deus nos traga o nosso infante
Que tem muito que fazer!

ALFAGEME, fallando.

Muito que ver e muito que fazer! Ha como nunca houve. Gallegos, Castelhanos, schismaticos apossados de tudo... Extrangeiros senhores do reino... do reino e da rainha! E para nós, tributos não faltam. — Veremos, veremos; que isto não está para muito, e não tarda o dia de juizo. *(Canta)*

Quem não deve, não deve, não teme;
Espadas e lanças faz o alfageme.

CÔRO.

Quem não deve, não deve, não teme;
Espadas e lanças faz o alfageme.

ALFAGEME.

E vamos a ellas, rapazes; fazer bem espadas, bem lanças, bem hachas, azevans e partazanas, que hãode ser muito feiradas, e cedo. Anno de çafra para o alfageme, meus amigos. Do modo que isto anda revôlto! — É trabalhar, rapazes.

ALDA, á parte para Guiomar.

Tambem m'o adivinha o coração, que cedo havemos

de ter grandes alterações n'ésta terra. — Quanto ha que el-rei falleceu, senhora D. Guiomar?

GUIOMAR.

El-rei D. Fernando? — Haverá... Estamos a 8 de Dezembro. Elle morreu a 22 de Outubro — é pouco mais de um mez. E ja como ésta gente anda sôlta e revôlta! — A rainha D. Leonor por bôcas do povo d'este modo! Não ha villão ruim que se lhe não attreva. — Ah! ah! quem podéra...

ALDA.

É villania. Uma mulher, uma senhora — rainha que ella não fosse — andarem-lhe com a vida por trovas e motetes! — E Deus sabe quantos aleives, quantos falsos testimunhos por ahi não andam...

(O Alfageme entra para a sua casa.)

SCENA II.

ALDA, GUIOMAR.

GUIOMAR.

La isso!.. Aquellas amizades com o conde Andeiro não ha negá-las: e muito mal lhe fazem a ella e a todos nós que seguimos seu partido. Mas emfim ella é a regente do reino, que lh'o deixou el-rei no seu testamento; e o reino é de sua filha.

ALDA.

N'essas coisas me não metto eu, que não intendo... —Vamos para baixo, que está a manhan tam bonita. Mas afflige-me ouvir diffamar uma pobre mulher, talvez innocente. *(Vão descendo e fallando, e ficam em baixo.)* Hade ser innocente. — E ver andar revolvendo o povo com estes abborrecidos cantares... E este nosso vizinho, que me parecia homem serio e de outros pensamentos, ajudando tambem... Não o esperava d'elle. — Dizei-lhe alguma coisa, senhora; fazei-lhe vergonha com isso,

qne vos hade attender de certo: é homem que foi criado em vossa casa... que vos deve tanto...

GUIOMAR.

Aonde isso vai! — Aqui foi nado e criado certamente; aqui o teve meu pae como a filho, que por tal lhe queria; e com meu irmão se criou, que é seu collaço, e aõ tracto e usos de cavalleiro se acostumou. Ninguem teve mais altos espiritos. Mas des que Deus levou meu pae, começou a infadar-se da vida que levava e a dizer que não era para cavalleiro quem cavalleiro não nascêra; que seu pae fôra alfageme, e elle alfageme havia de ser; que mais queria fazer armas para senhores e vender-lh'as como mercador, do que vender-se elle a si, para lh'as deixarem tractar como escudeiro e em dependencia de senhores; — que era pobre e queria ser ricco, para não comer o pão de ninguem, mas o seu. E um ditto d'elle de todos os dias era que — villão por villão, antes em sua casa, que na de seu sogro não.

ALDA.

Nobres espiritos tem. — Que pena!

GUIOMAR.

Pena de quê? A sua fortuna foi essa teima em que persistiu. Foi-se ás forjas e ferramentas do pae, deixou todo o uso e tracto de cavalleiro, começou a trabalhar por seu officio, e tanto lidou, tanto lidou, que entrou a ganhar freguezia e credito, e hoje é o mais perfeito, e tambem o mais ricco alfageme de Portugal.

ALDA.

Inda assim!

GUIOMAR.

Vês aquellas casarias todas, com tanta forja a trabalhar, tanta gente occupada, tantos armazens cheios de armas de toda a sorte e valia? — Pois tudo isso tem elle feito. A casita do pae era so aquillo que se ve la no canto, no fim, com a portinha baixa e duas

janellas estreitas, que o filho não quiz mudar, nem pôr á feição do resto da casa, por honra e memoria do pae, diz elle. — É um homem muito fóra do trilho dos outros; faz suberba e vaidade do que a mais gente se invergonha.

ALDA.

Ja o vejo com outros olhos. Parecia-me de um tracto tam...

GUIOMAR.

Grosseiro... não? — É fingido. Diz elle que para viver com os da sua egualha assim precisa. Não sei. Mas quando elle queria, não tinha a côrte d'el-rei D. Fernando mais guapo cavalleiro; nem se assenta, nas almofadas do estrado da rainha D. Leonor, dama a quem seu gallanteio não agradasse e desvanecesse.

ALDA.

Maravilhas me contais do alfageme. Cuidei que lhe querieis mal: nunca lhe fallais, e elle apenas vos sauda de longe.

GUIOMAR, estremecendo e corando.

Eu!.. — Elle d'antes vinha aqui mais vezes. Mas... é um homem muito ás veças dos outros; ja te disse. — Desde que meu irmão... a nossa casa entrou a cahir de fortuna...

ALDA.

Por isso foge de vós?.. — E tam brioso o dizieis!

GUIOMAR.

Como não conheço outro. — Meu irmão que está em Lisboa, como sabes, em requerimento de serviços de nosso pae ha tantos annos, tem consumido, sem fructo, na dependencia da côrte o pouco resto de fazenda que nosso pae não perdêra no serviço d'el-rei... que assim o tem pago a seus filhos!.. Entrou a valer-se d'elle meu irmão... hoje devemos-lhe muito, uma quantia que nem eu sei. De protegido passou a protector. E se ainda morâmos n'ésta casa e lhe chamâ-

mos nossa, é mercê do alfageme, Alda. Teu tio, quando para aqui veio para Santarem, que teu padrinho D. Alvaro lhe deu ésta cappellania aqui de Sancta Iria, por nos ajudar veio morar comnosco. As rendas d'essa pobre cappellania (abençoadas são ellas que para tanto chegam!) são quasi o unico rendimento de que hoje se sustenta ésta casa, que ja teve tanto e tanto deu. Tu estás aqui ha poucas semanas, cuidavas talvez...

ALDA.

Não cuido nada senão em vos servir, em vos agradecer de todo o meu coração o amparo que achei n'ésta casa quando, por morte de meu senhor D. Alvaro Gonçalves, o meu sancto padrinho que está em glória, fiquei tam sosinha, tam sem abrigo.

GUIOMAR.

Pois quê? da Flor-da-rosa, d'aquella casa tam bemfazeja e tam ricca, verdadeira casa de Hospitaleiros, te lançariam os filhos do prior?... Pedro Alvares Pereira, que hoje é o prior em vez de seu pae, e todos elles, que são cavalleiros de tanto nome e de tam principal nobreza, te haviam de abandonar?

ALDA.

N'aquella casa em que nasci, morreria contente e satisfeita de minha situação humilde, alli passaria toda a vida sem desejar mais nem mais pretender, se... se... Mas como havia de eu ficar n'uma familia de mancebos, gentis-homens, e que o mais velho não tem trinta annos? Não os terá Pedr'alvr'es, o prior, não.

GUIOMAR.

O mais môço é D. Nuno: não é? que edade tem?

ALDA.

Dous annos mais que eu. — Bem vêdes que não podia ficar n'aquella casa. Em quanto viveu o sancto prior, — eu era criada em casa, filha de seu mordomo, ninguem reparava em que vivesse alli entre os

bons cavalleiros do Hospital uma pobre orphan a quem o mesmo D. Alvaro Gonçalves tractava por filha, e todos seus filhos, todos seus cavalleiros por irman; mas depois que elle morreu, era outra coisa; senão fosseis vós e meu tio ficava sem abrigo — a triste orphan desvalida e dependente...

GUIOMAR.

Dependente, filha! De quem? Ja te confessei, com toda a sinceridade, que aqui não ha senão as paredes velhas d'ésta casa a que ainda chamâmos nossa por mercê de Fernão Vaz o Alfageme, de quem ja tudo é, Alda; de quem e dos seus populares em breve será tudo quanto era da gente nobre d'ésta terra, que elles crescem e nós minguâmos. Toda a riqueza vai passando a mãos de villões...

ALDA.

Se elles trabalham tanto...

GUIOMAR.

E nós ficaremos a pedir. — Meu irmão custa-lhe a dever éstas obrigações... pésa-lhe estar em dívida com um homem que ja foi seu dependente. — Elle percebe-o, foje de o vexar, e por isso aqui não vem. — Eis-ahi está.

ALDA.

Honrado homem!

GUIOMAR.

Bem o podes dizer.

SCENA III.

ALDA, GUIOMAR, ALFAGEME; CÔRO DE DONZELLAS *do Alfageme, dentro.*

ALFAGEME, chegando á porta da sua casa, vem cantando.

Quem não deve, não deve...

(Ve-as, pára de cantar e tira o barrete com muito respeito.)

Deus vos salve, senhoras.

(Guiomar corteja com a cabeça).

ALDA.

Bons dias, vizinho. — Muito occupado estais hoje.

ALFAGEME.

Hoje e sempre: é o meu officio, é a minha vida, é o para que vim a este mundo — para trabalhar. Ja que é sinna, quero cumpri-la alegremente.

ALDA.

Bem alegre, que tanto cantais.

ALFAGEME.

Cantar!... Musica de alfageme, solfa de ferreiro: é acompanhar o tinir da bigorna. Que hade a gente fazer!

ALDA.

Bem me agrada a musica e a toada; é singella e de folgar. — As lettras que hoje cantastes é que...

ALFAGEME.

As lettras!... Nem eu sei o que foi: algum romance velho que ja se não usará de cantar por saráos de senhores — coisas ca de gente do povo; é o que nós sabemos.

ALDA.

Quereis que vos diga o que tenho no coração?

ALFAGEME.

Paraquê? — Bem o sei.

ALDA.

Como sabeis!

ALFAGEME.

Assim o não soubera!

CÔRO, dentro.

So se for o conde Allarcos,
E esse tem mulher e filha!

OUTRAS VOZES.

Ai ricco pae da minha alma,
Esse é o que eu queria!

ALDA, perturba-se e córa, e disfarçando incaminha-se para a escada.

É um descante contínuo n'ésta vizinhança... Não se póde.

ALFAGEME, em acção de voltar para dentro.

Ja as farei callar...

ALDA, com infado e subindo a escada.

Paraquê? Que me importa! — Mas valha-me Deus! — meu tio sem chegar! Vou ver se...

ALFAGEME.

Ahi vem elle descendo aquella incosta: não tardará aqui cinco minutos. — Então não me dizeis o que tendes no coração?

ALDA, do meio da escada.

Se o sabeis...

ALFAGEME.

Dizei embora.

ALDA.

Outra vez será. — Meu pobre tio! Como elle hade vir tolhido com tanto frio que faz! Vou tractar de ter tudo prompto para o seu jantar.

(Entra para casa; Guiomar a segue, mas fica no meio da escada.)

SCENA IV.

GUIOMAR *do meio da escada;* ALFAGEME *de baixo.*

GUIOMAR.

Fernando?

ALFAGEME.

Senhora D. Guiomar?

GUIOMAR.

Sempre me haveis de fallar assim?

ALFAGEME.

Tracto-vos como quem sois, com o respeito que vos devo

GUIOMAR.

Ja me não deveis senão respeito?

ALFAGEME.

Tudo quanto sou vos devo, e a vosso pae, senhora, e á vossa familia: d'isso me não esqueço um instante.

GUIOMAR.

D'antes, Fernando, eram outras dívidas as que vos pesavam mais no coração.

ALFAGEME.

D'antes era outro tempo, senhora. — Aquelle Fernão Vaz que se attrevia a levantar os olhos para... para onde não devia, aquelle pobre escudeiro que tam mal cabido andava entre senhores tam altos e damas tam esquivas... morreu; — nem memoria d'esse louco deve ficar. — Vós, que tanta vez vos esquecieis d'elle em vida... para que vos lembra agora que está defuncto? — D'esse não sei nem eu ja: agora so conheço o alfageme.

GUIOMAR.

Se tam esquecido quereis estar do que fostes e da criação que tivestes — e tanta galla fazeis do tracto grosseiro em que so vos dais por feliz, como vos deixais tomar assim do amor de uma donzella que, se não é nobre, como tal foi criada e viveu sempre — ricca so em prendas e donaires de senhora, feita para dama, e como tal havida e tractada sempre em uma das mais nobres e mais poderosas familias do reino, que ainda hoje a proteje e tem por sua? — Alda é...

ALFAGEME.

Alda é tudo o que dizeis, e muito mais ainda: é um anjo, um anjo de innocencia, de singelleza e bondade. Foi criada, como dizeis, no meio d'essas tentações da grandeza — e da vaidade; mas não a desvairaram. Alda é do povo como eu; o meu amor não póde invergonhá-la. Quem me hade impedir de a amar, de ser feliz em amá-la, de esperar, de procurar que

ella acceite o meu amor? Um amor sem paixão para que dure — sem remorso para que nunca amargue.— Quem m'o hade impedir?...

GUIOMAR.

Quem? — Se me eu quizera vingar de vós e d'ella, com uma palavra podia.

ALFAGEME.

Dizei-a por vossa vida.

GUIOMAR.

Mereciei-lo.

ALFAGEME.

Dae-me o que mereço.

GUIOMAR.

Não quero.

ALFAGEME.

Porquê?

GUIOMAR.

Porque ainda não é tempo.

(Sobe e entra.)

SCENA V.

ALFAGEME, so.

Esta mulher é má. — Agora conheço que nunca a amei, nem ella a mim. — É má e vaidosa: queria-me para escrávo de seus caprichos, detesta-me, porque eu o não quiz ser. — Quer-se vingar... De quê?... se foi ella a que... me desprezou, que antes quiz a vergonha de... do que degradar-se a ser a mulher de um hómem do povo... Não me accusa a consciencia: adeus! — Oh! mas ahi vem o sancto velho do nosso cappellão. Isto é que é honrado clerigo. Uma virtude alegre, que não pésa, que chama a gente. *(Fallando para dentro das officinas).* Raparigas, ahi vem o nosso padre Froilão. — Morrem por elle todas. —

Ei-lo ahi vem de dizer a sua missa, e de rezar o officio da manhan. Coitado, como elle vem cançado! Estamos em Dezembro, e o sol queima como de verão. — Mas ja elle vem a rir. É sempre aquella sancta paz, aquella alegria do ceo.

SCENA VI.

ALFAGEME, FROILÃO-DIAS, JOANNA, SERAPHINA e CÒRO DE DONZELLAS *do Alfageme, que sahem correndo de dentro das officinas ao incontro do padre.*

CÒRO.

(Musica simples imitando um stylo popular portuguez.)

Padre cappellão,
Casae-me, meu padre, pela vossa mão,
Que eu ja não tenho nem pae nem irmão,
E quero casar-me, padre cappellão.

FROILÃO, arremedando-as.

Casae-me, casae-me, padre cappellão! Não ha mais senão casae-me, casae-me. É com que ellas sonham. Raparigada! — Então que queres tu, Joanna? um noivo? — Hade-se achar um noivo. E tu, Seraphina? O mesmo, hem! Pois tambem Seraphina hade ter. — E éstas todas, Anna, Magana, Rebeca, Suzana... Hade haver para todas.

(Cercam-n'o as raparigas todas, dando as mãos e dançando á roda d'elle, cantam:)

CÒRO.

Viva o nosso padre, padre cappellão,
Que é o nosso sancto de mais devoção!

JOANNA.

Que me hade casar.

SERAPHINA.

E a mim por que não?

CÔRO.

A todas, a todas, quer queira quer não.

FROILÃO, arremedando-as.

A todas, a todas quer queira, quer não? *(Fallando)* Quê! eu sou aqui san' Gonçalo d'Amarante, que é o sancto casamenteiro?

JOANNA.

San' Gonçalo d'Amarante,
Bem lhe resa minha tia;
Casamenteiro é de velhas,
Va para outra freguezia.

CÔRO.

Va para outra freguezia.

FROILÃO, fallando.

Quê, quê? Ai que eu excommungo isto tudo...

TODAS, fallando.

Excommungadas as velhas! As velhas, hu, hu, hu, surriada!

FROILÃO.

E os velhos tambem: não é assim? Então n'esse caso...

CÔRO.

E os velhos tambem, menos frei Froilão.
Que é o velho das môças, velho de feição.
As môças donzellas
Casa Dom Froilão:
Quer feias, quer bellas...

FROILÃO.

So as que são bellas...

CÔRO.

A todas, a todas, que elle é de feição,
E é o nosso sancto de mais devoção.

FROILÃO, arremedando-as a dansar e a cantar.

E eu aqui estou feito san' Paschoal-Baillão!

CÔRO.

É o nosso sancto de mais devoção.

FROILÃO, do mesmo modo.

É um fresco sancto san' Paschoal-Baillão! *(Fallando.)* Apage com ellas, que dão cabo do pobre velho. Dá ca d'ahi um banco, alfageme, que me não posso ja ter nos pés. *(Correm as raparigas todas a buscar um banco, trazem-lh'o; senta-se: e ellas, umas se sentam no chão aos pés do padre, outras ficam em pé).* Toda a manhan no côro a resar psalmos, a cantar antiphonas... e ésta raparigada agora sai-me com essas jaculatorias... para me descançar, não é assim? — Ora vão, minhas filhas, vão, que bom é rir e folgar, e cantar e dançar, que não offende a Deus nem ao proximo, alivia do trabalho e alegra a vida, que nos não fez Deus para tristes e pezarosos. Triste ande o peccado e as más tenções. Mas quem tem o coração folgado, folgue-lhe o rosto, que é de razão. O sancto temor de Deus não mette medo, antes alegra e dá confôrto. — Ora vão, vão trabalhar, filhas.

ALFAGEME, á parte.

Isto é que é padre. Não houvera mouro nem judeu, nem d'esses herejes que agora diz que ha, se todos os padres fossem como este.

JOANNA.

A sua benção, padre cappellão!

SERAPHINA.

A sua benção!

TODAS, em chusma e umas depois das outras, ajoelhando deante d'elle.

A sua benção, a sua benção, a sua benção!

FROILÃO, internecido.

Minhas filhas, Deus vos abençôe a todas, e vos faça mulheres honradas para serdes felizes, que não ha uma coisa sem a outra. Coitadinhas! — Então o pobre do velho tropego que mal serve para se zombar d'elle...

JOANNA.

Não diga isso, padre cappellão, não diga isso!

TODAS.

Não diga isso!

FROILÃO.

O pobre clerigo velho e brincalhão, pois que lhe quereis?

JOANNA.

Que nos abençoeis, padre, que nos deis a vossa mão a beijar: tudo nos corre bem quando levâmos a vossa benção.

FROILÃO, estendendo as mãos sôbre ellas, e com as lagrymas nos olhos.

Em nome de Deus vos abençôo, filhas. — Minhas filhas coitadinhas! *(Beijam-lhe todas as mãos.)* Ora vão trabalhar; vão. — Fóra d'aqui pequenada, saffa! *(Bate as palmas, e todas as raparigas voltam pullando para dentro das officinas.)*

SCENA VII.

FROILÃO-DIAS, ALFAGEME.

ALFAGEME.

Que feitiço dais a éstas môças, que assim morrem por vós, nem ha mais alegria para ellas do que ver-vos e folgar comvosco? — Nem vos respeitam menos; que uma palavra que lhe digais, é Evangelho para ellas... e para nós todos. Ha tres annos que aqui estais n'ésta cappellania, e ja todo o povo vos quer como a pae, ja nos tendes a todos por filhos.

FROILÃO, levantando-se.

Menos tu, que, se es filho, es mau filho.

ALFAGEME.

Eu!

FROILÃO.

Tu, sim. — Anda ca, anda ca, alfageme, que me não importam os tuas alfagemias... Anda, meu ar-

meiro, meu espadeiro, que as tuas armas e as tuas espadas dou em todas com um trinco ao demo... Dize-me ca: tu não sabes que eu sou o pae d'éstas raparigas todas?

ALFAGEME.

Sei.

FROILÃO.

Que ha tres annos, como ainda agora disseste, que estou n'ésta cappellania que me deu o prior do Hospital, meu senhor que Deus tem, e que ja sou o tio Froilão, o mestre Froilão, o papá Froilão de toda ésta pequenada? E que não soffro que ninguem m'as desincaminhe, — e ou me hão de casar honestamente com ellas, ou ninguem m'as hade indoudecer com tontarias, senão vai tudo com trezentos milheiros de belzebus?

ALFAGEME.

Sei. Mas que tendes que me dizer a mim n'esse ponto? Mais de vinte môças de todas as edades ahi trabalham n'essas serralherias, e em minha vida não tive uma palavra leviana que dizer a uma d'ellas. Antes sou tam rigoroso e severo com os meus officiaes como sabeis. Com vossa ajuda e conselho, éstas minhas officinas, cheias de gente rude e popular, podiam servir de exemplo... e de confusão a muita casa de senhoras presumidas que nos olham com desprêzo... e upa, upa, ao mais alto!.. E fallam, que a quem as ouvir...

FROILÃO.

Deixemos la essas contas: cada-um faz o que deve, e deixa fallar os outros. Má lingua que muito falla, com sua vergonha por fim se calla. Não me caias, homem, no vício do tempo, que é andar a assoalhar as fraquezas do proximo... e sem se lembrarem que o sol que n'ellas dá tambem dá em quem as põe ao soalheiro... Vamos a outro conto. — Pois sabeis que eu sou ca a meu modo cavalleiro andante de donzellas

desvalidas... cavalleiro de garnacha sim — mas, por ésta cruz de San' João de Jerusalem que trago ao peito, que sou cavalleiro tambem! Por cima d'ésta armadura negra visto, em logar de sôbreveste de palladim, uma sôbrepelliz de clerigo; mas com ella vou destemido por esse mundo a indereçar *tuertos* de quanta dona dolorida e de humilde condicção por mim chama...

ALFAGEME.

Sei que muita mulher de bem vos deve honra e estado, muito homem feliz o socêgo e quietação de vida em que vive; que a rir e a folgar tendes ganho mais almas para Deus e desviado mais peccadores da má vida, e feito mais felizes n'este mundo do que todos os prégadores de San'Domingos e todos os...

FROILÃO.

Adeus, adeus! Deixemo'-nos de comparações: cada um préga como sabe. Eu sou o padre Froilão, de meu natural folgazão, que não sei senão rir e brincar, e a rir e a brincar vou prégando. Se faço algum bem, é por que Deus me abençoa. E adiante. — Pois sabeis tudo isso, meu dom Alfageme da má-morte, e dizei-me ca, homem de grevas e arnezes, ruim cabide de ruins armas, meu estafermo de não sei que diga, dizei-me ca, homem: que malditto demo vos apertou o gorgel no pescoço, que vos fez arregallar os olhos para a minha Alda, a menina dos meus olhos, a filha do meu coração? — A minha Alda, sò alfageme remendão de más armas ferrugentas! *(O alfageme fica confundido e cabisbaixo.)* Anda ca, anda ca; que te heide aqui correger e esfregar, como tu correges uma durindana implastada de escudeiro velho.

ALFAGEME.

Eu, senhor, confesso que... Mas era...

FROILÃO.

Era o quê, sô Vulcano d'aldea? Não sabe que a minha Alda foi criada como senhora entre senhoras, com

mais prendas que ellas todas, com mais virtudes que nenhuma d'ellas? Que é filha de paes honrados e limpos? Ja não fallo em ser minha sobrinha. — Que meu senhor D. Alvaro lhe queria como a filha, que com seus filhos se criou n'aquella honrada e virtuosa casa da Flor-da-Rosa? Que meu chorado amo so a morte o pôde apartar de sua querida affilhada? E que agora ha umas semanas que veio para a minha companhia, depois que elle morreu, e aqui está commigo em casa d'estes nossos primos?.. primos arredados...

ALFAGEME.

Tam arredados d'antes quando eram riccos, e tam chegados agora que não teem.

FROILÃO.

Quem lhe pergunta por isso? Vou-me eu agora casar com elles, para saber o grau de parentesco de que heide tirar dispensa? — Calle-se, e ouça. Sabe tudo isto, ve tudo isto, — ve como a tracta meu senhor D. Pedr'alv'res Pereira, seu irmão D. Nuno, que aqui esteve ainda outro dia e aqui hade voltar cedo... D. Nuno, moço tam fidalgo e tam bizarro, não ve como a tracta? Como irman sua...

ALFAGEME.

É o peior parentesco que lhe conheço.

FROILÃO, á parte.

Meu Deus, ja aqui andará a calúmnia! *(Alto)* Que dizeis, homem, que dizeis! D. Nuno Alvares Pereira!

ALFAGEME.

O senhor D. Nuno Alvares Pereira é o mais gentil e mais bemquisto cavalleiro moço que tem hoje Portugal. Assim elle seja pela boa causa! Mas isto ca...

FROILÃO.

Que fallais vós de boa causa, e que sabeis vós de qual é a boa causa, homem dos meus peccados?

SCENA VIII.

FROILÃO-DIAS, ALFAGEME; E ALDA *que chega ao alto da escada, sem a presentirem.*

ALFAGEME.

A boa causa é a do povo e a do seu legítimo rei.

FROILÃO.

Valha-te Deus por estadista, homem; que assim te perderás, alfageme, e as tuas alfagemias, se te metteres n'esses dibuchos. Deixa isso para senhores.

ALFAGEME.

Demais lh'o temos deixado: por isso tam arrastados andâmos, e tam suberbos elles nos trazem o pé no pescoço.

FROILÃO.

Ai, meu Deus, meu Deus! Sancta Maria da Alcaçova nos accuda, que deu em fazer politica o alfageme em logar de fazer espadas!

ALFAGEME.

Com espadas se faz ella, padre, a boa, a de-vêras. E se nós, que fazemos o com que ella se faz, nos desinganarmos a trabalhar por nossa conta...

FROILÃO.

Tem-te lá, Portugal, arreda, Castella, que aqui vai el-rei alfageme meu senhor! — Cerra, San' tiago!

ALFAGEME.

Tem-te, Portugal, que te não caias em Castella: digo eu que não sou rei alfageme; mas alfagemes e outros que taes, a podêr que possam, hãode fazer rei a quem de direito é, e não a extrangeiros e schismaticos. La está o infante D. João em Toledo...

ALDA.

Desejais para rei esse mau infante que está cuberto de sangue innocente! Por de melhor coração vos tinha, Fernão Vaz.

FROILÃO.

Oh! Ahi estavas tu, minha Alda?

ALDA.

Agora cheguei para vos dizer que venhais a comer alguma coisa. Achei-vos a fazer tanta algazarra com essas questões d'estado que não intendo, que me vou ja muito depressa. — Mas não vireis comer alguma coisa, meu tio?

FROILÃO, tomando o Alfageme pelo braço, e baixo para elle.

Vêde-me aquelle anjo, Alfageme. Sabeis que é um anjo, um anjo do paraiso?

ALFAGEME.

Por anjo o adoro.

FROILÃO.

Com fe?

ALFAGEME.

Fe viva e pura.

FROILÃO.

Ora pois, tende esperança.

ALFAGEME.

Com a fe e a esperança por minha parte, haverão charidade comigo?

FROILÃO.

Tu es um homem honrado, que eu bem o sei, Alfageme. Dá ca um abraço. *(Abraça-o.)* Deixa-te de politicas, governa a tua vida e não queiras governar o mundo. Vai trabalhar, e fallaremos. Fallaremos: adeus!

(Sobe pela escada e pára em cima ao-pé de Alda.)

ALDA.

Parece-me que ja eram horas, tio?

FROILÃO.

São horas e mais que horas de te eu dar um beijo, Alda, que ainda hoje não abracei a minha querida filha. *(Abraça-a e beija-a; e tendo-a ainda abraçada, diz para baixo ao Alfageme que os está contemplando.)* Alfageme, Alfageme, que estás tu ahi a olhar? Vai-te para a forja.

(Voltando-se para Alda.) Alda, olha que aquillo trabalha em ferro, mas é ouro de lei... como uma dobra de D. Pedro.

SCENA IX.

FROILÃO-DIAS, ALDA.

ALDA.

Ai, meu querido tio!

FROILÃO arremedando-a.

Meu querido tio! Não sou o seu querido tio; sou uma figa para você, se não tiver juizo.

ALDA.

Pelejais comigo?

FROILÃO.

Não pelejo, nem tu o mereces, filha. Mas olha, Alda: amores são amores... isto é, amores não são amores tal, quando... Sabes tu como diz a trova?

(Canta por entre dentes.)

Flores que não dão fructo, flores,
Não regues, jardineiro, não,
Que perdes o teu tempo em vão
Com essas flores.

ALDA.

Que quereis dizer?

FROILÃO.

Que leio em ti como em breviario aberto, Alda: sei o que tens n'esse coração que o atormenta. Mas sei que, ao-pé d'essa desgraçada paixão que la está, tambem está muita virtude e muita honra. E são as que hãode vencer. Não é assim, filha?

ALDA, com firmeza.

Sim, meu tio; de certo.

FROILÃO.

Pois é ajudá-las com tempo, que são fortes bata-

lhadoras ambas, mas querem auxiliadas com a firmeza da vontade é com... Sabes tu, Alda, como se diz entre o povo, que a mordedura do cão com o pêllo do cão se cura? — Pois alegria, minha filha, que tristezas para nada aproveitam. Ja tu reparaste como este nosso vizinho alfageme fez da sua forja uma capella de musica, que até os folles lhe assopram a compasso, e a bigorna lhe affina em *ut la sol re*, como o hymno de san'João? Pois olha que é bonito. Adeus que eu ja venho. *(Vai para dentro intoando o hymno latino.)*

Ut queant laxis resonare fibris
Mira gestorum famuli tuorum,
Solve polluti labii reatum,
Sancte Joannes!

(Torna para fóra e díz)

Quer dizer que o bem cantar
Nas cordas do coração
Tem a sua affinação.

SCENA X.

ALDA *no patim*, ALFAGEME *em baixo;* CÔRO DE SERRALHEIROS E DONZELLAS *do Alfageme, dentro.*

ALFAGEME, sahindo de sua casa e caminhando para junto do patim da escada.

Por aquellas regras do breviario de D. Froilão, não vos póde agradar a minha musica, que a não sei affinar por essa intoação... Não sei, ou não me attrevo, que tenho medo.

ALDA.

De quê?

ALFAGEME.

De quebrar as cordas todas ao pobre instrumento, grosseiro e mal construido, tosco e sem harmonia. E por-fim paraquê?.. para se rirem das minhas vans pretenções.

ALDA.

Rir!.. A mim nunca me faz rir a musica. Nenhuma toada, por mais alegre, me causou nunca senão tristeza.

UMA VOZ, dentro.

(o mesmo stylo antigo.)

Assomae-vos, minha mãe,
A essa janella do mar;
Vinde ver o conde Alarcos
Que ahi vai a degollar.

CÒRO, dentro.

Conde Alarcos... conde Andeiro,
Que ahi vai a inforcar.

ALDA, descendo.

Que feias lettras! É pena, Fernão Vaz, que ha por ahi tam bonitas coplas, tam gentis vilancetes, e vós e vossa gente, ha dias a ésta parte, desseis em cantar estes mal-agourentos romances que não resam senão de feias mortes e feios peccados que as trouxeram!

ALFAGEME.

Que quereis, senhora? O cantar do povo anda com as acções de seus amos. O povo é como as crianças. Quando lhe cheira a guerra entre a gente grande, ja vereis os rapazes pelas ruas a cavallo em cannas e arrodellados de papel, gritando arma e guerra, e fingindo em seu folguedo os combates que de-véras adivinham. O povo canta de mortes e castigos quando os espera da justiça de Deus, porque ve os grandes fazer por elles.

ALDA.

Dobra-se o mal assim a esperar por elle, a anticipá-lo.

ALFAGEME.

Quando o mal vem por castigo, é justiça.

ALDA.

Pois deixae a Deus fazê-la quando e como lhe prou-

ver; não tomeis em vossa mão vingar aggravos de que elle vos não fez juiz. — Sabeis vós, Fernão Vaz, que ha muitas apparencias falsas n'este mundo; que o maior innocente passa ás vezes por criminoso; que um êrro involuntario, uma fraqueza leve e muito perdoavel, nas mãos da calúmnia se erige em crime atroz? Sôbre-tudo comnosco, pobres mulheres, a quem uma palavra basta para perder, que um volver d'olhos diffama, um ditto inconsiderado póde deshonrar!

ALFAGEME.

Sei, Alda. — Mas sei tambem que a virtude e o merito de uma mulher são a cousa mais difficil de offuscar quando são verdadeiros. Querieis-me ainda agora dizer o que tinheis no coração. Vou dizer-vos eu o que tenho no meu. Vós sois um anjo, Alda, em quem eu creio como n'uma coisa do ceo. Que me dissessem de vós quantas infamias póde inventar a calúmnia mais negra, não as cria.

ALDA.

Não?

ALFAGEME.

Não.

ALDA.

Olhae bem o que dizeis.

ALFAGEME.

Não.

ALDA.

Porquê?

ALFAGEME.

Porque vos tenho estudado e vos conheço.

ALDA.

Quem sabe?

ALFAGEME.

Sei eu. Eu que vos amo na singelleza de meu coração, que toda a minha ventura sería fazer a vossa; eu que, se não receasse, se não visse que o tracto gros-

seiro e humilde de um homem do povo desdizia tanto de vossas prendas e costumes...

ALDA.

Tammanha senhora sou eu! Creio que zombais de mim, senhor Fernão Vaz: não vo-lo mereço, que sou vossa amiga de-véras. Basta o que meu tio Froilão vos quer e o bem que de vós diz, para vos eu estimar. — Eu sou uma pobre orphan desvalida que amparou a charidade de meu senhor e padrinho; em cuja casa me criei com mais mimo, é verdade, com mais regallo do que a minha condicção cumpria... mas por charidade. Sabeis o que valem éstas palavras?

ALFAGEME.

Não sei? Oxalá que o não soubera, e tam bem, e por mim!

ALDA.

E agora não tenho outra protecção senão este meu pobre tio velho e infêrmo... — E dizeis-me vós que?..

ALFAGEME.

Digo-vos uma coisa so: podeis vós casar com um homem que não amais?

ALDA.

Que não amo?

ALFAGEME.

Que não amais.

ALDA.

Ama-me elle a mim?

ALFAGEME.

Como o intendeis?

ALDA.

Se me tem amor?

ALFAGEME.

Amor?.. *(hesita)* não. Tem-vos amizade de pae, de irmão, tem por vós uma devoção, uma...

ALDA.

Posso.

ALFAGEME.

Imaginais que podereis vir a amá-lo?

ALDA.

Crê elle que poderá chegar a amar-me?

ALFAGEME.

Se não tendes outro amor...

ALDA.

Eu!..

ALFAGEME.

Vós.

SCENA XI.

ALFAGEME, ALDA, NUN'ALVARES, CAVALLEIROS.

NUN'ALVARES.

Alda!

ALDA.

Nuno! *(Desmaia. Nuno corre a ella e a sustém nos braços.)*

ALFAGEME, fica pensativo e com os olhos cravados nos dous por algum tempo; depois, cruzando os braços e olhando para o ceo, diz amargamente:

Meu Deus, meu Deus! Mais outra que me inganava!..

ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

JOANNA, SERAPHINA *em* CÔRO *com as outras* DONZELLAS DO ALFAGEME *que estão ás portas e janellas da casa, mostrando as várias peças d'armadura, espadas, montantes, etc. aos* CAVALLEIROS *em* CÔRO *que de fóra as examinam e fallam para dentro como quem apreça e quer comprar.*

CÔRO DOS CAVALLEIROS.

Oh que riccos arnezes brilhantes,
Oh que bellas espadas cortantes!
São lindas, lindas!

JOANNA.

Meus nobres senhores,
Feirae, feirae, feirae;
São lindas, lindas, comprae.

CÔRO DAS DONZELLAS.

Feirae, feirae, meus nobres senhores:
São lindas armas.

CÔRO DOS CAVALLEIROS.

Feiremos d'amores,
Que mais lindos são.

SERAPHINA.

Pois este montante?

UM CAVALLEIRO.

Cortante!

JOANNA.

Este morrião?

OUTRO CAVALLEIRO.

Brilhante!

CÔRO DOS CAVALLEIROS.

Mais brilham, mais cortam no meu coração
Armas d'esses olhos.

CÔRO DAS DONZELLAS.

Feirae, meus senhores.

CÔRO DOS CAVALLEIROS.

Feiremos d'amores.

CÔRO DAS DONZELLAS.

Não ha d'esse tratto aqui, não, não, não.

JOANNA.

Ha lanças e espadas,
Cotas e pavezes,
Grevas e celladas.
E os peitos que temos...
(tocando nos peitos d'armas.)
Não têem coração;
São de aço...

ALGUNS CAVALLEIROS, querendo abraçá-las.

Provemos!

ALGUMAS DONZELLAS, repelindo-os.

Provados estão.

CÔRO DOS CAVALLEIROS.

Oh que riccos arnezes brilhantes,
Oh que bellas espadas cortantes!
São lindas, lindas!

CÔRO DAS DONZELLAS.

Meus nobres senhores,
Feirae, feirae!

CÔRO DOS CAVALLEIROS.

Feiremos d'amores.

JOANNA E SERAPHINA.

Lindas armas!

DOUS CAVALLEIROS.

Lindos mercadores!

CÔRO DAS DONZELLAS.

Pois feirae.

UM CAVALLEIRO.

Feiremos d'amores;
Dar-vos-hei em troca o meu coração.

CÔRO DAS DONZELLAS.

Não ha d'esse tratto aqui, não, não, não.

(As Donzellas vão recolhendo as armas; alguns dos Cavalleiros se vão dispersando, outros gallanteiam ainda com as Donzellas; mas éstas desapparecem de todo, e os Cavalleiros se dispersam e retiram por fim.)

SCENA II.

O ALFAGEME *apparece á porta última da sua casa no alto da scena*, NUN'ALVARES *vem descendo a escada da casa de Mendo;* FROILÃO-DIAS *atraz d'elle, mas fica no alto da escada*; CÔRO DAS DONZELLAS *do Alfageme, dentro.*

FROILÃO, ajoelhando.

Senhor, meu senhor!

NUN'ALVARES, parando no meio da escada, e voltando-se para traz.

Que fazeis!

FROILÃO.

Estou de joelhos deante de vós, senhor, pedindo misericordia. Tende dó d'éstas cans: lembrae-vos que ainda o outro dia as arrepellaveis ao pobre clerigo velho quando vos trazia ao collo. Lembrae-vos de vosso pae, D. Nuno! Lembrae-vos...

NUN'ALVARES.

Não vos basta a minha palavra?

FROILÃO, erguendo-se.

Dae-m'a, e fico descansado.

NUN'ALVARES.

Dou... dou a minha palavra.

FROILÃO.

Fe e palavra de homem de bem?

NUN'ALVARES.

Fe e palavra de homem de bem.

FROILÃO.

De que nunca mais?..

NUN'ALVARES.

De que nunca mais.

FROILÃO.

Tornareis a fallar-lhe?

NUN'ALVARES.

Fallar-lhe, fallar-lhe... — Intendamo'-nos, meu bom Froilão, meu velho amigo Froilão. A minha palavra, dei-a, está dada: sou filho de quem sou, heide cumpri-la. Que me custe a vida... custe o que custar, heide cumpri-la. De hoje em diante, Alda é minha irman, minha irman como se nascesse da mesma mãe, como se nos gerasse o mesmo pae...

FROILÃO, correndo pela escada abaixo com os braços abertos.

Meu filho, meu querido filho, meu Nuno!.. D. Nuno Alvares Pereira, filho d'aquelle grande homem que... *(No alvorôço com que vai, ao chegar a Nun'alvares quasi que o faz cahir, e ambos se precipitariam se Nun'alvares se não firmasse de repente no guarda-mão da escada, segurando ao mesmo tempo a Froilão.)*

NUN'ALVARES.

Tomae tento, Froilão. Olhae que ambos iamos cahindo. Estais louco?

(Descem de todo a escada e vêem para o meio da scena.)

FROILÃO.

Louco! Doudo, doudo varrido de contente. Quero saltar, quero baillar, quero cahir, e quebrar as pernas se for preciso... e a cabeça — e tudo... — Salta, Froilão, bailla, Froilão. *(Cantando e dançando.)*

Que é um grande sancto san' Paschoal-Baillão.

CÔRO DAS DONZELLAS, dentro.

É o nosso sancto de mais devoção.

NUN'ALVARES.

Estais alvoraçando a vizinhança: vède.

FROILÃO.

Não é nada, não é nada. — As pequenas alli do Alfageme. Isso é sancta gente. *(Fallando para as janellas da casa do Alfageme)* Raparigas, logo; logo saltaremos e dançaremos e cantaremos. Agora quietas.

CÔRO DAS DONZELLAS, dentro.

Casae-me, meu padre, pela vossa mão
Que eu ja não tenho...

FROILÃO, para dentro.

Então? Quietas. — *(Para Nun'alvares)* Mas como a trova diz bem:

Que eu ja não tenho nem pae nem irmão!

CÔRO DAS DONZELLAS, dentro.

E quero casar-me, padre capellão.

FROILÃO.

Agora fui eu o culpado, que lhes dei o alamiré. — — *(Fallando para dentro)* Acabou-se: vejamos! *(Para Nun'alvares)* Então, meu ricco D. Nuno da minha alma?..

NUN'ALVARES.

Ja vos disse: é minha irman. Fe e honestidade de irmão lhe guardei sempre. Deshonradas veja eu mulher e filhas, quando as tiver, se a honra e a fama de Alda me não foram sempre mais charas do que a propria vida!

FROILÃO, chorando.

Nuno, meu querido Nuno! — Senhor D. Nuno, meu amo, *(Ajoelha e beija-lhe as mãos muitas vezes.)* meu nobre amo!

NUN'ALVARES.

Basta, homem; catae respeito a essa loba que arrastais pelo chão. Estas mãos não são ungidas como as vossas.

FROILÃO, erguendo-se direito e com solemnidade.

D. Nuno Alvares Pereira, vosso pae foi meu amo e

meu bemfeitor. O pão que como, este hábito que visto, o alto ministerio que tão indignamente exerço, tudo lhe devo; e sei que é muito. O pobre velho tonto e folgazão sabe o alto logar a que, por auxílio de vosso pae e mercê de Deus, foi subido. — E quando está deante do altar, na presença do SENHOR, na cadeira do Evangelho, ou no tribunal da Penitencia... que appareçam ahi os grandes do mundo, os reis da terra... heide-lhes dizer: « Ajoelhae-vos deante do sacer-« dote do Deus Vivo, humilhae-vos, beijae éstas mãos « onde desce o Cordeiro immaculado. » — *(Com humildade)* Mas fóra d'ahi, meu filho, o sacerdote de Christo é o servo de seus servos, deve ser humilde, submisso, e manso de coração como seu divino Mestre. — Ja vos disse, que devi muito a vosso pae, senhor D. Nuno: desde hoje muito mais é o que vos devo a vós. Não quereis que vo-lo agradeça?

NUN'ALVARES.

Não: faço o que manda a honra, não o que me pede a vontade. — A honra!.. Eu sei... Mais honra sería...

FROILÃO, com anciedade.

O quê, senhor?

NUN'ALVARES, com enthusiasmo.

Não me deixar violentar de vãos respeitos humanos, de preconceitos ridiculos e mesquinhos; buscar a felicidade onde o coração me diz que ella está, tomar nos braços a minha Alda, e dizer-lhe: « Alda, vem, vem « ser... »

FROILÃO, com mais anciedade.

Vem ser?..

NUN'ALVARES, resoluto.

Minha mulher.

FROILÃO, internecido.

Quereis matar-me. — Que mal vos fez este pobre velho, senhor? *(Incosta-se a uma árvore, como não podendo com o sentimento que se apoderou d'elle.)*

NUN'ALVARES, acudindo-lhe.

Meu amigo, meu bom Froilão... então, então! — Em que vos offendi?

FROILÃO, rompendo a chorar.

Ó senhor, senhor... Não sei se agora, se quando me offendestes mais. — O filho de meu amo, o filho de D. Alvaro Gonçalves, as riccas esperanças de uma familia tam nobre, para quem nada ha grande, nada ha tam alto n'ésta terra a que não possa aspirar, por sangue, por virtude, pelos altos espiritos que Deus lhe deu e que tanto medraram na boa criação que tiveram!.. E eu havia de consentir?.. Antes morrer, antes. — Mas vós não haveis de fazer tal, senhor: estais desposado com aquella ricca-dona de Entre-Douro-e-Minho com quem vosso pae tanto gôsto tinha de vos ver casado; senhora tam formosa, tam fidalga, tão ricca dos bens da fortuna... Oh, senhor D. Nuno, e destes-me a vossa palavra!

NUN'ALVARES.

Dei-vos palavra que de hoje em diante Alda sería para mim uma irman — querida e adorada sempre! — mas sagrada como irman até para o meu pensamento. Ésta palavra, heide cumpri-la se...

FROILÃO.

Se! — Condições ainda, D. Nuno?

NUN'ALVARES.

Uma so. — Se ella não quizer ser... minha mulher.

FROILÃO.

Acceito. A vossa mão.

NUN'ALVARES, dando-lhe a mão.

Aqui está.

FROILÃO.

Victoria! — Sei quem tenho na minha Alda: hade recusar. O seu nascimento, a sua pobreza, o mesmo amor que... a generosidade da sua alma!.. Hade recusar.

NUN'ALVARES.

Ella!

FROILÃO.

Ella.

NUN'ALVARES.

Veremos.

FROILÃO.

Não temos que ver: ja vimos.

NUN'ALVARES.

Mas não haveis de usar da vossa auctoridade.

FROILÃO.

Não.

NUN'ALVARES.

Não a haveis de previnir, de lhe metter medos.

FROILÃO.

Nem uma palavra.

NUN'ALVARES.

Deixar-me-heis fallar com ella á vontade.

FROILÃO.

Deixarei.

NUN'ALVARES.

Aqui n'este logar: eu aqui, Alda n'essa escada.

FROILÃO.

E eu em cima no patim.

NUN'ALVARES.

Concedido.

FROILÃO.

Podéra não!

NUN'ALVARES.

Se recusar... partirei so, ésta mesma noite.

FROILÃO.

E ireis cumprir a vossa palavra, ireis ao Minho receber D. Leonor d'Alvim que vos está esperando.

NUN'ALVARES.

Irei... irei, se... — Primeiro me espera o Mestre d'Aviz em Lisboa, onde não falta que fazer, antes

que... — Mas tudo isso é se eu for como dizeis. Mas sei que não heide ir.

FROILÃO.

E eu sei que haveis de ir.

NUN'ALVARES.

Veremos.

FROILÃO.

Veremos.

NUN'ALVARES.

Pois veremos. Mas se Alda for fiel ao que... se ella não recusar, ésta madrugada nos recebereis logo, ahi n'essa capella; e por noite partirei para Lisboa a servir meu amo, mas ja espôso da minha Alda, ja feliz e socegado d'este coração.

FROILÃO.

Prometto. Mas sei que não teremos d'essas alvoradas.

NUN'ALVARES.

Ora muito me heide eu rir do meu Froilão velho!

FROILÃO.

Dito e concluido. Até á noite, meu senhor.

NUN'ALVARES.

Dito e concluido. Até á noite.

(Froilão sobe a escada e vai para dentro da casa.)

SCENA III.

NUN'ALVARES *incaminha-se para as janellas do Alfageme em que estão os mostradores com as armas; o* ALFAGEME *sai da sua porta no alto da scena, e vem á roda para o meio do proscenio.*

ALFAGEME, á parte.

Que animada prática tiveram!.. e que extranha devia de ser! — O padre ria e chorava, e foi-se tam contente! *(Reparando em Nun'alvares.)* E Nun'alvares está

triste! — Oh Alda, Alda!.. Mas quê! Eu sou o Alfageme. — Á tua forja, Alfageme. *(Incaminha-se para sua casa.)*

NUN'ALVARES, vendo o Alfageme.

Bellas espadas e bem corrigidas, por sancta Maria! — Maravilhas tinha ouvido do Alfageme de Santarem; mas vejo que ainda não diziam nada para o que é. — Quereis-me correger ésta espada velha? Pôr-m'a-heis tam guapa e tam bem guarnecida como essas que ahi tendes?

ALFAGEME, olhando com attenção e lentamente, ora para a espada, ora para Nun'alvares.

Espada tam velha para cavalleiro tam moço!

NUN'ALVARES.

Era de meu pae; não a trocára pelo melhor damasco.

ALFAGEME, provando-a no chão.

É uma bella folha, da melhor têmpera. — Como um espelho vo-la porei se quizerdes.

NUN'ALVARES.

Quando?

ALFAGEME.

Estais com pressa?

NUN'ALVARES.

Como quem tem de partir por horas.

ALFAGEME.

Por horas?

NUN'ALVARES.

Ésta madrugada irei para Lisboa.

ALFAGEME.

Tam depressa!

NUN'ALVARES.

Tam devagar é elle: ja eu la devia estar com meus cavalleiros e a minha gente a servir o Mestre d'Aviz.

ALFAGEME.

Boas novas me dais, cavalleiro: tereis de alviçaras

a mais bem guarnecida espada que ainda appareceu em batalha ou torneio. Dar-lhe-hei um fio!.. — Não a poupeis, que tendes folha para muito; e com o fio que lhe eu heide dar, cortará, sem fazer bôcca, por armaduras de ferro... quanto mais que... hollandas e setim são faceis de cortar.

NUN'ALVARES.

Que dizeis? Não vos intendo.

ALFAGEME, olhando para a espada e como quem falla comsigo.

A espada do Prior do Crato, D. Alvaro Paes, o mais honrado fidalgo que teve ésta terra, cingida por cima das armas do Mestre d'Aviz com que foi armado cavalleiro — aqui em Santarem, e foi um dia de prazer e de bom agouro! — D. Nuno Alvares Pereira, em presença d'el-rei D. Fernando a quem Deus perdoe, e pelas proprias mãos... lindas mãos!.. oh! lindas são ellas — de certa rainha que...

NUN'ALVARES.

Sabeis a minha vida toda, pelo quê vejo, senhor Alfageme.

ALFAGEME.

E por tal signal, que nenhumas armas serviram ao joven escudeiro senão as do Mestre d'Aviz que a ditta rainha lhe mandou pedir. Ora bem se ve que ja andava fado n'éstas coisas, e que o que tem de ser, tem de ser. — E assim ides agora para o Mestre d'Aviz?

NUN'ALVARES.

E para quem havia de eu ir?

ALFAGEME.

E o Mestre, senhor cavalleiro, não hade ser por seu irmão, pelo filho de seu pae, o nosso rei verdadeiro, o infante D. João que está em Castella?

NUN'ALVARES.

Perguntais-me por coisas, senhor Alfageme!.. É

materia tam delicada que não seí, em verdade, o que vos responda.

ALFAGEME.

Não sabeis! — *(com enthusiasmo)* Mas é que não podeis dar senão uma resposta: a que daria o mesmo Mestre, a que dá toda a gente honrada d'este reino, a que hade dar todo a povo quando...

NUN'ALVARES.

Quando lh'o perguntarem.

ALFAGEME.

Ou quando elle quizer fallar sem que lh'o perguntem.

NUN'ALVARES.

Bravo estais!

ALFAGEME.

Braveza chamais á justiça, á razão... de quem não quer ver em mãos de extrangeiros este reino que é nosso, que tanto sangue custou a nossos paes para o resgatar de mãos de mouros!

NUN'ALVARES, com lhaneza.

Inganais-vos, meu amigo.

ALFAGEME, desabrido.

Não sou vosso amigo.

NUN'ALVARES.

Sereis, quando souberdes que o meu impenho é o vosso, que o mesmo ardor nos inflamma.

ALFAGEME.

Talvez.

NUN'ALVARES.

De certo. Que ambos temos o mesmo amor...

ALFAGEME.

Inda mal!

NUN'ALVARES.

Inda mal! — Extranho homem sois. Pois o mesmo amor á causa?..

ALFAGEME.

Á causa! Ah! — a causa, a causa...

NUN'ALVARES.

Como assim? Estareis jogando comigo? Sabeis que me chamo Nun'alvares Pereira?

ALFAGEME, tranquillamente.

Sei.

NUN'ALVARES.

Que sigo o Mestre d'Aviz?

ALFAGEME.

Agora o dissestes.

NUN'ALVARES.

Sereis do partido da rainha?

ALFAGEME.

Eu!.. de uma mulher que... que não tem nome para se dizer deante de gente!

NUN'ALVARES.

Então não vos intendo.

ALFAGEME.

Nem podeis intender. Vós sois D. Nuno Alvares Pereira, o homem do Mestre d'Aviz; eu sou Fernão Vaz o Alfageme, o homem do povo. A vossa causa é a do vosso principe cujo sois, a minha a da terra em que nasci. Bem vêdes que differentes andâmos. — E com tudo, por diversos que sejam nossos fins... Deus faça triumphar o mais justo!

NUN'ALVARES.

Amen!

ALFAGEME.

Amen! — Por differentes que sejam, em uma coisa nos intendêmos e trabalharemos junctos: em castigar esse extrangeiro que nos opprime e nos deshonra, em libertar o reino d'ésta insupportavel tyrannia. — Contae com o povo, senhores cavalleiros. E pelo de Santarem vos respondo eu.

NUN'ALVARES.

Sois um homem de honra e de primor, Fernão Vaz. *(offerecendo-lhe a mão.)* Dae-me a vossa mão.

ALFAGEME, fugindo com a sua.

A minha mão, senhor D. Nuno! Ja vos disse que não era vosso amigo.

NUN'ALVARES.

Mas sou-o eu vosso; e em pinhor d'ésta amizade sincera vos peço que acceiteis a minha mão. *(offerecendo-lh'a outra vez.)*

ALFAGEME.

Não posso acceitá-la.

NUN'ALVARES.

Porquê?

ALFAGEME.

Porque não dou a um homem, em testimunho d'amizade, ésta mão que talvez, antes de muito, tenha de pegar n'uma espada para lhe atravessar o coração.

NUN'ALVARES.

Pois não são meus contrarios os vossos? Na hora do combate não estaremos ambos do mesmo lado?

ALFAGEME.

Sim, contra o inimigo commum, e até que elle seja destruido; mas... Não me peçais mais explicações, senhor D. Nuno. — A vossa espada estará prompta ésta noite. E o Alfageme estará prompto sempre, elle e os seus, todo este povo de Santarem, para defender a liberdade do reino. Que mais quereis? — Tendes os vossos segredos, e eu os meus: cada qual guarde o que é seu. — Olhae: *(apontando para o fundo esquerdo.)* vêdes aquelle homem que ahi vem correndo a toda a brida?

NUN'ALVARES, olhando para o mesmo lado.

Vejo. E se me não ingano, é, é...

ALFAGEME.

É MendoPaes, meu collaço, que ainda antes d'hontem d'aqui partiu.

NUN'ALVARES.

Como elle vem açodado!

ALFAGEME.

Mendo Paes, o irmão de D. Guiomar d'alli defronte? *(apontando para a casa defronte.)* E torna de Lisboa ja! Grande caso deve de ser. — La dá a volta, la entra no pateo, apea-se. Ei-lo aqui vem.

SCENA IV.

NUN'ALVARES, *o* ALFAGEME *e* MENDO-PAES.

MENDO.

Alviçaras, alviçaras! Ganho-as eu? dizei-me. Não sabeis ainda as novas?

NUN'ALVARES.

Quaes?

MENDO

Ah! Não sabeis; ja vejo. — A rainha... o Mestre... *(reparando em Nun'alvares.)* — Oh! senhor D. Nuno, perdoae que vos não conhecia com o alvorôço, perdoae. — O senhor D. João, vosso amo, aquelle grande principe, verdadeiro filho d'el-rei D. Pedro, sangue de Pedro Justiceiro!..

NUN'ALVARES.

Que lhe succedeu? Dizei, por vossa alma.

MENDO.

Eu fui logo offerecer-me ao serviço do Mestre, que me deu ésta carta para vós, senhor D. Nuno.

NUN'ALVARES.

Dae, dae depressa. *(Toma a carta e abre.)*

MENDO.

Oh que grande principe! Aquelle infame conde Andeiro...

ALFAGEME.

O conde Andeiro?..

MENDO, reparando no Alfageme.

Oh! Fernão Vaz, meu collaço, tambem vos não tinha visto. Se eu ainda não estou em mim. Parabens,

homem. Tinheis razão, Fernando: eu é que... Mas, bem vos haveis de lembrar... não podia crer, pareciame impossivel. Emfim...

ALFAGEME.

Emfim explicae-vos. O conde Andeiro?..

NUN'ALVARES, levantando os olhos da carta que está lendo.

O Mestre?..

MENDO.

Morto, morto vilmente como...

NUN'ALVARES e ALFAGEME, a um tempo.

Quem? quem?

MENDO.

João Fernandes Andeiro, o conde d'Ourem.

ALFAGEME.

Victoria, victoria! A justiça de Deus que por fim começa.

NUN'ALVARES, tristemente.

Começado está. Quando acabará agora?

SCENA V.

NUN'ALVARES *continuando a ler a carta*; ALFAGEME, MENDO-PAES, FROILÃO-DIAS; JOANNA, SERAPHINA *e mais* DONZELLAS, BRAZ-FOGAÇA, GIL-SERRÃO *e mais* SERRALHEIROS *do Alfageme, que acodem aos brados d'este.*

ALFAGEME.

Vinde, vinde, acudi todos a ouvir a boa nova. Morreu o traidor. Viva Portugal! Morreu o conde Andeiro... *(voltando-se para Mendo.)* E dizei, Mendo: ás mãos do povo?

MENDO.

Ás do Mestre d'Aviz, que no paço mesmo, e quasi aos olhos da rainha, o cravou de punhaladas.

ALFAGEME, descontente.

Paciencia: foi so meia justiça. — Mas contae-me: que succedeu depois? A rainha?..

NUN'ALVARES.

O Mestre?

MENDO.

Pouco mais sei do que isto. No instante que succedeu o que vos contei, logo o Mestre me deu essa carta; sahi de Lisboa e pouco descanso tomei no caminho, corri sempre até aqui chegar. Pelas ruas que passei ja andava tudo alvorotado. Esperavam-se grandes coisas...

ALFAGEME.

E grandes coisas haverá: eu vo-lo prometto.

NUN'ALVARES, aos Cavalleiros que o rodeiam.

Senhores, estae prestes, que ésta alvorada partimos para Lisboa.

ALFAGEME, com intenção.

E porque não ja, D. Nuno Alvares Pereira?

NUN'ALVARES.

Porque... porque... *(á parte a Froilão)* Ésta madrugada parto; não vos esqueçais.

ALFAGEME, com intenção.

Perdereis todo este tempo d'aqui até ámanhan?

NUN'ALVARES.

São as ordens do Mestre, que saia d'aqui ao romper d'alva ámanhan, para estar em Lisboa, ás portas de Sancto-Antão, a... *(pegando na carta, como quem se affirma e lendo.)* Eis aqui o que me diz o Mestre: « O « honrado povo de Lisboa abraçou a nossa causa...«

ALFAGEME.

Porque o Mestre d'Aviz tomou a d'elle. E em quanto o Mestre nos for fiel...

NUN'ALVARES.

Pois por quem é o Mestre d'Aviz, homem? De quem é a liberdade que elle defende, senão do povo?

ALFAGEME.

Todos juram pela liberdade do povo quando precisam d'elle.

NUN'ALVARES.

Sois desconfiado.

ALFAGEME.

Sou. — Não era; fizeram-me.

NUN'ALVARES.

Guardae para vós — ao menos por agora — essas desconfianças. A todo o tempo é tempo para ser ingrato.

ALFAGEME.

Ingrato! Ja! Cedo começa a accusação do costume.

NUN'ALVARES.

Homem, por Deus, o que precisâmos agora todos é de confiança e união para vencermos. Se nos desunimos ja, vencerá o extrangeiro.

ALFAGEME.

Boa palavra dissestes. Venha d'onde vier a razão é sempre razão. — *(para a sua gente.)* Viva a nossa liberdade e o infante D. João!

SERRALHEIROS e DONZELLAS.

Viva a nossa liberdade e o infante D. João!

NUN'ALVARES.

E viva o Mestre d'Aviz!

CAVALLEIROS.

Viva o Mestre d'Aviz!

ALFAGEME, friamente.

Viva!

NUN'ALVARES, tornando a ler na carta.

« O povo de Lisboa não deixou aclamar el-rei D. « João de Castella. Investiu com a cavalgada que sa- « hiu dos paços do concelho para a aclamação, e o « conde de Cea D. Henrique Manuel, que levava a ban- « deira, custou-lhe muito a escapar das mãos do povo « amotinado. »

ALFAGEME.

O povo de Santarem não hade ficar atraz. Ésta tarde querem aclamar aqui tambem o tal rei de Castella. Nós lh'o diremos logo. — Agora cantar, raparigas,

e folgar que este é dia de grande alegria. — Jornal dobrado a todos. — Joanna, Seraphina, então, raparigas, vamos a isto.

JOANNA.

Que trova quereis que cantemos?

ALFAGEME.

Dizei a canção do Alfageme.

TODOS.

A canção do Alfageme.

CANÇÃO DO ALFAGEME.

UMA VOZ.

Assopra, assopra, ó Alfageme,
E não descanses de assoprar:
A quem tem alma, a quem não teme
Não póde este fogo queimar.

CÔRO.

A quem tem alma, a quem não teme
O nosso fogo não póde queimar.

VOZ.

É o fogo que a espada tempéra
Que tempéra nosso coração:
O Alfageme, se a patria o espera,
Se ella arvora seu nobre pendão,
Deixa a forja! — e á patria, que espera,
Leva a espada! — leva o coração!

CÔRO.

Alfageme, a patria te espera;
Deixa a forja! — leva o coração.

VOZ.

O Alfageme, que faz a espada
Com que a glória se vai ganhar,
Tambem lhe póde a mão crestada
Levá-la ao campo a triumphar.

CÔRO.

Oh! póde, póde a mão co'a espada;
Levemo-la ao campo a triumphar!

VOZ.

O Alfageme, que espadas tempéra,
Queima o braço, calleja-lhe a mão.
Pela patria que a vida lhe dera,
Como a forja, lhe arde o coração;
O Alfageme, se a patria o espera,
Deixa a forja, leva o coração.

CÒRO.

Alfageme, a patria te espera;
Deixa a forja, leva o coração!

GIL-SERRÃO.

Viva o Alfageme!

TODOS.

Viva!

BRAZ-FOGAÇA.

Morram os schismaticos!

TODOS.

Morram!

ALFAGEME.

Viva a nossa liberdade!

TODOS.

Viva!

ALFAGEME.

Os nossos vereadores estão vendidos; os nossos mesteres são uns covardes; hoje querem acclamar rei extrangeiro, querem-nos dar por senhor a el-rei D. João de Castella: havemos de soffrê-lo?

TODOS.

Não, não.

ALFAGEME.

Poseram as armas de Castella no pendão da nossa villa, e as de Portugal... as nossas Quinas, as sanctas Chagas de Christo por baixo!

TODOS.

Traidores!

ALFAGEME.

Pois a elles, meus amigos, que *(ouve-se um sino ao longe)* o bando não tarda a sahir dos paços do Concelho. Não ouvis o sino da tôrre das Cabaças. — É o sino das Cabaças; é o bando que vai sahir. Não lhes deixemos aclamar o rei extrangeiro, um excommungado. A elles, e viva a nossa liberdade!

TODOS.

Viva! Viva!

(Continúa a dobrar o sino ao longe. O Alfageme toma de seu armazem uma enorme hacha de armas; todos os trabalhadores se armam, cada-um com a primeira coisa que acha; fica tudo em grande desordem, armas pelo chão etc. Sahem em tumulto, dando vivas e repettindo o estribilho da canção do Alfageme:)

Alfageme, a patria te espera;
Deixa a forja, leva o coração!

ACTO TERCEIRO.

As forjas do Alfageme estão apagadas.

SCENA I.

FROILÃO-DIAS *incostado á varanda do patim no alto da escada, olhando tristemente para os* SERRALHEIROS E DONZELLAS *do Alfageme que entram aos dois e aos tres, e como que véem muito cansados. Depois de algum espaço que dura esta scena muda, o* ALFAGEME *entrando com a sua hacha d'armas ás costas.*

ALFAGEME.

Tornem para ca a acclamar rei extrangeiro ás barbas de Portuguezes! — Inda que o mais povo do reino se deixe quebrantar, aqui está o de Santarem para pôr pé atraz — pé de boi, portuguez velho — que não ha movê-lo! — Foi como em Lisboa, foi melhor que em Lisboa; não o acclamaram, e fugiram com a cabeça quebrada alguns dos taes fidalguinhos!

FROILÃO.

Valha-me Deus!

ALFAGEME, reparando em Froilão.

Que é isso? Estais triste! Não vos alegrais de nos ver contentes, não tomais parte na nossa alegria!

FROILÃO.

Meu amigo, Deus vo-la conserve, — e as não faça mudar em tristezas essas alegrias! Em toda a sinceridade do meu coração lh'o peço: mas quando ellas véem tam alvoraçadas, não duram.

ALFAGEME.

Pois quê! achais que fazemos mal em renegar dos extrangeiros e punir por nossos direitos?

FROILÃO.

Se fosse isso so!

ALFAGEME.

E metter medo aos traidores paraque nos não vendam?

FROILÃO.

Andae, andae. Deus, que o permitte, bem sabe porquê: altos são os seus juizos. Mas eu gósto de alegrias mais quietas e pacíficas. Ha muito tinir d'espadas n'essa solfa; não me agrada, não sei affinar por ella. Sou homem de paz, filhos, sou muito de paz.

ALFAGEME.

A paz ja não é possivel. Sôbre quem accendeu a guerra, caia todo o mal que d'ella vier, todo o sangue que se derramar! Nós somos innocentes.

FROILÃO.

Oh Fernão Vaz! na guerra civil não ha innocentes nem culpados. É um flagello da íra divina que desafiam os peccados dos reis — e dos povos tambem. Todos são executores e todos são victimas: — os que vencem porfim, são ás vezes os que perdem mais. Mas... seja feita a vontade de Deus. Ja que as coisas chegaram a isto!.. — Para mim... acabou o rir e o folgar.

JOANNA.

Pois não! E nós que havemos de fazer, sem o nosso padre capellão, sem o nosso bom Froilão? Venha para baixo, venha o nosso...

(Cantando.)

Venha o nosso padre, padre capellão,

CÔRO DAS DONZELLAS, querendo dançar, mas tibiamente.

Que é o nosso sancto de mais devoção!

FROILÃO, tristemente e descendo a escada.

Vou, filhas, vou, mas é rezar por vós, e pedir áquelle SENHOR em cuja mão está o coração dos reis — e o dos povos — que a todos o assocegue, e nos mande paz e quietação.

ALFAGEME.

E justiça.

FROILÃO, ja em baixo.

E justiça e justiça — que nunca andou senão abraçada com a paz. É verdade é verdade.

ALFAGEME.

Bem, bem. Deus disporá como for sua vontade: nós ponhamos de nossa parte. Que bem sabeis: Quem se fia na Virgem e não corre... Emfim, tenho ditto: o povo de Santarem não hade ficar atraz do de Lisboa!

SCENA II.

FROILÃO *vai-se incaminhando para sahir; o* ALFAGEME *como para entrar em casa;* NUN'ALVARES.

NUN'ALVARES.

Froilão, o ditto, ditto.

FROILÃO.

Ah! sois vós, senhor D. Nuno?

NUN'ALVARES.

Venho de estar com meus irmãos. O prior — quem tal diria! — o prior, meu irmão Pedro, está por Castella! — Paciencia, deixá-lo. Diz que tem medo do povo: que isto que não póde sahir bem. Veremos. — Diogo Alvares não; meu irmão Diogo: lembras-te? que sempre foi muito meu amigo...

FROILÃO.

É guapo mancebo, é. E D. Pedro tambem, e vós todos, vós todos. — Oh, que vivesse eu para vos ver armados uns contra outros!

NUN'ALVARES, reflectindo.

É verdade. — Mas Diogo, resolvi-o: vai commigo para Lisboa. — Assim vêde: parto ao romper d'alva. E antes de partir...

FROILÃO.

Justaremos as nossas contas: está ditto.

NUN'ALVARES.

Eu vou ter com meu irmão Diogo, que está esperando por mim alli em baixo.

SCENA III.

FROILÃO-DIAS; o ALFAGEME *á porta de sua casa, com a espada de Nun'alvares; depois* GIL-SERRÃO.

FROILÃO.

Uma palavra, Fernão Vaz.

ALFAGEME.

Ja sou comvosco: deixae-me dar ordem a ésta espada que prometti de ter prompta ésta noite, e ja não sobra tempo. *(fallando para dentro)* Oh la, Gil-Serrão! *(Apparece Gil-Serrão á janella.)* Vós, que ja não sois para reboliços e que ficastes em casa, e não estais estropiado de saltar e gritar como essa gente toda que ahi entrou agora, — vós ide-me trabalhar no corregimento d'ésta espada, que d'aqui a duas horas tereis prompta de vosso trabalho. Eu por minha mão lhe virei depois dar o último fio; — que é obra de primor, e para quem... *(como quem duvída e depois se resolve)* para quem a merece: é verdade; merece.

FROILÃO, chegando-se e pegando na espada.

Ou eu ja estou tonto de todo, ou estou conhecendo ésta espada.

ALFAGEME, dando-lh'a.

Vêde lá, vêde lá.

FROILÃO.

É a mesma: não ha outra em todo o Portugal como ésta. De Rhodes a trouxe quando lá foi servir suas commendas meu senhor D. Alvaro que Deus tem em glória, com ella foi ao Sallado quando em suas victoriosas mãos levava hasteado o lenho da Véra Cruz, com ella voltou triumphante.— Oh espada de meu sancto amo, raio de Deus que tanto brilhaste n'aquellas mãos bemaventuradas! deixa-me-te beijar, espada invencivel, symbolo de glória e de justiça que nunca defendeste senão a honra e a virtude, deixa-me beijar a tua sancta cruz por cuja causa triumphaste sempre! — Reliquia preciosa de meu sancto amo! — E como veio ás tuas mãos este thesouro, Alfageme?

ALFAGEME.

Deram-m'a a correger e guarnecer.

FROILÃO.

D. Nuno?

ALFAGEME.

Esse foi.

FROILÃO.

Providencia de Deus! a espada querida do pae tocou ao filho mais querido! — Honrados são todos e cavalleiros; mas o do coração era este. Inda bem que lhe cahiu em partilha. — Meu Deus, meu Deus, tenho fé que com ésta espada ninguem ferirá sem justiça, ninguem poderá defender uma causa má e reprovada de vós. — *(Para o Alfageme.)* Ter-lh'a-heis prompta logo?

ALFAGEME.

Para ésta noite lh'a prometti, e não faltarei. *(Dá a espada ao official para dentro de casa.)*

SCENA IV.

FROILÃO-DIAS, ALFAGEME; GUIOMAR e MENDO-PAES *chegando ao alto da escada.*

FROILÃO.

Ora vinde ca.

ALFAGEME.

Dizei o que quereis.

(Conversam em voz baixa para um lado.)

GUIOMAR, a Mendo.

Fica tu, Mendo; que eu vou ver a doente. Logo me explicarás tudo isso, e eu te acabarei tambem de informar do que por ca vai. — Mas, apezar do pouco bem que lhe quero, não posso deixar de a ir ver.

MENDO.

A quem, a Alda? Pois tam mal está?

GUIOMAR.

Não: é coisa que logo lhe passa. É sujeita a esses estremecimentos que dizem — mal de coração. Na verdade o que é, é que está derrancada da boa vida em que a criaram para fidalga. — A filha do mordomo de Alvaro Gonçalves, com-effeito!

MENDO.

Nossa prima ainda.

GUIOMAR.

Mas que prima! ja nem se lhe sabe o grau. — Como é delicada aquella senhora! So de ver o mano... — Está forte mano! o mano Nuno, lhe deram aquelles inturvamentos de cabeça. — Boa mulher de casa para um homem de trabalho, que precisa de lidar!

MENDO.

Sim, que tu n'outro tempo... Mas isso ja la vai. — Pois com-effeito Fernão Vaz?

GUIOMAR.

Logo te direi tudo; e avisaremos no que se hade fazer.

MENDO.

E Nun'alvares?

GUIOMAR.

Chegou hoje do Alemtejo, poucas horas antes que tu chegasses de Lisboa; incontrou-a em requebros com o Alfageme — e d'ahi é que foram aquelles desmaios. — O amor dos manos ainda é o mesmo de parte a parte. Mas ahi ha coisas. Froilão, Froilão é que anda tecendo isto. Ves? Elles alli estão a cochichar. *(Apponta-ndo para onde está o Alfageme com Froilão.)* — Olha se percebes alguma coisa, e logo fallaremos.

SCENA V.

FROILÃO-DIAS, ALFAGEME; MENDO-PAES *no patim da escada.*

FROILÃO, como continuando a conversação e tomando calor.

É a vossa última palavra?

ALFAGEME.

A derradeira.

FROILÃO.

Estais determinado?

ALFAGEME.

É uma resolução firme, inalteravel, como são todas as minhas.

FROILÃO.

Que esperais ganhar com isso?

ALFAGEME.

Nada — perder muito talvez.

FROILÃO.

É o certo.

ALFAGEME.

Embora. Resolvi, não mudo.

FROILÃO.

Paciencia!.. Perdi a mais doce, a mais querida esperança da minha vida.

ALFAGEME.

Pois que esperaveis de mim? Que chegado o ensejo

de obrar, vinda a hora do perigo e do trabalho, eu desamparasse os do meu partido, os meus populares, e aqui me ficasse a amolar espadas, emquanto outros as vão dar ao vento das batalhas? — Nunca.

FROILÃO.

Um homem como vós, abastado, independente... lançar-se no remoinho da guerra civil, renunciar ao socêgo, á paz da sua casa, á felicidade tranquilla que podia gosar com uma espôsa querida!

ALFAGEME.

Padre, essa ventura não a creou Deus para mim... Deixae-me: para infeliz basto eu, a minha negra sinna heide corrê-la eu so... *(prosegue como quem diz involuntariamente o que não queria dizer)* E quem vos diz, homem, que não é o desespêro que me arremeça na voragem? — que não é o ver-me fechadas para sempre as portas d'esse paraiso com que sonhei, o que me arroja ao terrivel abysmo?.. abysmo espantoso, mas em cuja tremenda agitação so póde haver socêgo, vida para um coração desatinado, para uma alma perdida, como a minha! Quem sabe se o desejo, se a esperança de satisfazer a unica paixão, o unico prazer dos desesperados, a vingança?..

FROILÃO.

Vingança, Fernando! de quem?

ALFAGEME.

De quem?.. de quem? — De um homem que sou obrigado a estimar, a respeitar, cujas qualidades e espirito superior me acovardam e humilham, de um homem que... Não me perguntei quem é, Froilão; não vo-lo direi. E nunca lhe perdoarei a elle, nem quando nas agonias do passamento, abraçado com a cruz do Redemptor...

FROILÃO.

Calae-vos, calae-vos, Fernando; tende dó da vossa alma. — Oh meu Deus, meu Deus, e este era o ho-

mem que eu tinha escolhido para meu herdeiro, para lhe deixar o precioso thesouro que a nenhum outro confiára! Este era o homem virtuoso, sem ambição, e quebrado nas paixões do mundo, a quem eu queria intregar a minha Alda!..

ALFAGEME, com ironia amarga.

Alda me dayeis vós a mim?

FROILÃO.

Dava sim, porque te não conhecia, homem de suberbas e vinganças, que em teu coração de repúblico tens mais requintados e violentos todos os vicios de que tanto accusas a esses que Deus pôs acima de ti na ordem do mundo. *(Com tristeza e desconsolação.)* Ah Fernão, Fernão, Deus te perdoe o mal que me fazes — e Deus te pague o desingano que ainda me dás a tempo!

ALFAGEME, com violencia crescente.

Desingano-vos eu?.. Será. — Mas quem, pelo sangue de Christo, quem é que me inganava a mim? — *(N'estas últimas palavras apperta com tanta fôrça a mão de Froilão, que o faz desfallecer e curvar-se. — E logo, como cahindo em si, o ampara e faz sentar no banco ao-pé das árvores.)*

FROILÃO.

Quereis... matar-me?.. Começais por mim vossas bizarrias de campeador!

ALFAGEME, meio ajoelhado.

Oh perdoae-me, perdoae-me por quem sois. Estou louco, estou perdido. Perdoae-me, que não sei o que faço nem o que digo.

FROILÃO, sem olhar para elle, fazendo-lhe signal com a mão.

Pois sim, sim, estais perdoado; mas deixae-me, por charidade, deixae-me...

ALFAGEME, indo-se pelo fundo da scena.

Agora sim, que sou um homem reprovado e maldito de Deus!

SCENA VI.

FROILÃO-DIAS; MENDÓ-PAES *que se vem chegando.*

FROILÃO, sem ver Mendo.

Minha filha, minha ricca filha, que hade ser de ti! — Ou a vida ou a razão estão por pouco; bem o sinto. Mas antes seja aqui que se acabe *(pondo a mão no coração)* do que aqui, meu Deus! *(batendo na testa.)* — Oh! seja... seja feita a vossa vontade sòbre tudo. *(Silencio longo: Froilão está todo absorto em seus tristes pensamentos.)*

MENDO, chegando-se a elle como quem o quer consolar.

Não vos afflijais assim, meu velho Froilão: não hade ser nada. Alda está melhor: agora me disse minha irmã que ja estava boa, que não é nada.

FROILÃO, sem olhar para elle.

Não é nada?

MENDO.

Não; não é para vos affligirdes assim.

FROILÃO.

Não é para me affligir! — *(levantando-se e olhando para elle.)* Senhor Mendo Paes, vós sois moço, cheio de vida e de esperança: não sabeis o que isto é; não sabeis o que é ser velho, sentir-se com um pé ja frio dentro da cova, e as mãos ainda apegadas a este mundo — e o coração a vaziar-se de esperanças e a encher-se de saudades... Deixae-me, deixae-me ir abraçar a minha filha, que preciso... preciso.

MENDO.

Se é Alda que vos dá cuidado, padre...

FROILÃO.

Pois que hade ser, homem! Que outro apêgo tenho eu a este mundo! Tam bello é elle?

MENDO.

Estou pasmado de vos ouvir. Vós tam alegre de

vosso natural, que sempre nos prégais que a tristeza e a desconfiança em Deus é peccado, — que, seja qual for a nossa sorte, devemos estar contentes com ella e viver satisfeitos!.. Vós, Froilão!

FROILÃO.

Eu, Froilão, eu, aquelle velho alegre e descuidado que, zombando com elles, venci os trabalhos da existencia, que, a rir e a folgar, passei, cantando, as ruas da amargura d'ésta vida, e cheguei ao calvario da velhice, tremendo com os annos, mas sem penas nem remorsos... eu n'este derradeiro termo da decrepitude, onde cuidei adormecer sem sobresalto, expirar sem agonia, mais abraçado com a minha cruz do que pregado n'ella... oh! a minha esperança era uma esperança impia e descrida. Castigou-me Deus; tenho na bôcca a esponja do fel e do vinagre: — nem o justo passou sem ella, como passaria o peccador! — Oh meu Deus, meu Deus, paraque vivi eu até ésta hora!

MENDO.

Socegae. Pois é Alda que vos dá cuidado, aqui está com minha irmau, commigo...

FROILÃO, andando e sem olhar para elle.

Sim, sim.

MENDO.

Que lhe queremos como parentes.

FROILÃO, do mesmo modo.

Sim, sim.

MENDO.

Nunca lhe faltará abrigo nem protecção; e do que tivermos repartiremos com ella sempre.

FROILÃO, parando, e voltando-se para elle.

Sim, sim. Deus vo-lo pague, Mendo, — Deus vo-lo pague. — Mas la disse o Evangelho que nem so de pão vive o homem. E o maior desabrigo e desconfôrto de uma alma é não ter outra alma a que se in-

coste. E a minha Alda, a minha Alda, quando eu não estiver ca para a amar, quem hade amá-la como ella merece, como aquelle coração precisa, se não for um espôso... um espôso que saiba o que ella valle?

MENDO.

Tambem... se quereis que vos diga, meu amigo, não sei que amizade era aquella do prior do Crato, do vosso D. Alvaro Gonçalves, que nem um triste dote soube deixar á sua ricca affilhada por quem tanto morria.

FROILÃO, com vehemencia.

Não lhe deixou dote! Quê? As prendas, a criação que lhe deu, aquella innocencia, aquelle juizo, aquella virtude... Bem digo eu que me não intendeis, Mendo. — Inda bem que ella não tem outro dote.

MENDO.

Porquê?

FROILÃO.

Porque não faltariam cubiçosos, e... quem sabe?.. Talvez vos cahisse nas mãos. *(Sobe pela escada acima depressa e entra.)*

SCENA VII.

MENDO-PAES.

E não se ingana, que para eu morrer de amores por ella, para a eu preferir a todas as mulheres d'este mundo, não lhe falta senão essa virtude que todas as outras realça: um dote honesto e decente. — Belleza, graças, donaire, tudo me arrebata na ricca priminha. Mas casar... minha pobre Alda, isso agora!.. — Virtude... virtude tem ella demais! e fraca esperança posso eu ter... — E d'ahi, quem sabe?.. ella não tem dote... — Se a quererá mesmo assim o Alfageme? — Quer, quer, que não é homem de reparar n'essas coisas. Elle tambem, com o cabedal que elle tem,

póde fazer o que quizer. — Um villão ricco como um senhor! E eu pobre, miseravel, e devendo-lhe uma somma que nem eu ja sei. — É preciso livrar-me d'elle e da dívida. Veremos: estes tempos de alterações são optimos para a gente se arranjar. *(Olhando para o fundo da scena.)* Ahi vem Nun'alvares Pereira. Vou-me antes que me veja, que tenho medo d'elle. Não sei o que tem nos olhos aquelle moço que parece ler no coração da gente. Desconfio que me conheça, que perceba que me finjo tam affeiçoado ao Mestre d'Aviz, porque assim me faz geito para servir melhor o meu partido, — o da rainha, ja se ve. O partido da rainha! Sou do partido da rainha, sou. Por quem havia de eu ser? Sou pela rainha porque ella tem os exercitos d'el-rei de Castella atraz de si, e por fim é quem hade vencer, deixá-los andar.

SCENA VIII.

MENDO-PAES; GUIOMAR *do alto da escada.*

GUIOMAR.

Mendo!

MENDO.

Quê?

GUIOMAR.

Vem ca, vem ja, que tenho muito que te dizer com pressa.

SCENA IX.

NUN'ALVARES *imbuçado na capa e com o chapeirão cahido sôbre os olhos. — É quasi noite.*

São horas; é noite, noite quasi fechada, escura ja — e cada vez escurece mais — como a pede o meu desejo. — Oh Alda, vou desinganar-me do teu amor; vou-te dar tal próva do meu coração, que se tu...

(Incosta-se a uma árvore e fica como absorvido em seus pensamentos.)

SCENA X.

O ALFAGEME e NUN'ALVARES, *sem se verem um ao outro.*

ALFAGEME, entrando.

Não é possivel! Este alvorôto, estes tumultos que tanto excitei, ja me não podem excitar a mim. Este favor do povo, que por toda a parte me accolhe, que era o alvo de todos os meus desejos, ja me não move, ja me não satisfaz, não me distrai d'este fatal, d'este insupportavel tormento que se me apossou d'alma. — O povo que faça o que quizer, que sirva aos Castelhanos ou ao Mestre d'Aviz. Que me importa! Que reine D. João o legítimo ou D. João o bastardo, D. Leonor ou D. Beatriz, catholicos ou schismaticos, que se me dá a mim! Quebrou-se-me o pulso para a espada, quebrou-se-me o coração para o odio — Mataram-te, Alfageme... Pois mataram um homem! — Disputae entre vós ésta pobre terra de Portugal... combatei á vontade, que o terreiro é vosso. — Por mim ja agora... *(Entra para sua casa, sem ver Nun'alvares, e atira violentamente com a porta.)*

NUN'ALVARES, ouvindo bater a porta.

Quem vai ahi? Quem é? — Inganei-me, não é ninguem. *(Corre a scena, observando)* Está tudo so.

SCENA XI.

NUN'ALVARES, *que voltou a incostar-se á árvore*; ALDA e FROILÃO-DIAS, *apparecendo no alto da escada.*

FROILÃO, baixo para Alda.

Parece-me que é elle que alli está incostado áquella árvore.

ALDA, sem olhar.

É.

FROILÃO.

Ves bem?

ALDA.

Não vejo, sinto.

FROILÃO á parte.

Coitadinha! *(alto)* Vai, desce até meia escada: eu aqui fico; não tenhas receio: se vier alguem, a minha presença aqui te salva de toda a calúmnia. — Mas não virá ninguem; é tarde, em casa estão todos accommodados, e ahi defronte tambem não percebo... *(observando)* Está tudo quieto e so. — Minha filha, sou eu que auctorizo, fui eu que ordenei ésta explicação entre vós: — era indispensavel, mas deve ser a última.

ALDA.

Sim, meu tio.

FROILÃO.

Tenho plena confiança em ti, Alda. Tudo o que fizeres dou por bem feito e approvo ja. Tudo, menos continuar n'este fatal gallanteio.

ALDA.

Gallanteio, meu tio!

FROILÃO.

Pois seja paixão, sejam esses requintados amores que imaginais.

ALDA.

Tam innocentes, tam puros!

FROILÃO.

E que por isso mesmo te desacreditam mais, porque não tens malicia para os incubrir. — Emfim vai, vai, e acabemos com isto. *(Esconde-se.)*

ALDA, descendo lentamente a escada, e parando de degrau em degrau.

Meu Deus! tremo toda... Desço ésta escada como

quem... Creio que não custa mais a subir a do patibulo! *(Tomando resolução.)* Meu Deus, dae-me fôrça; Virgem do Amparo, sêde commigo. *(Desce apressadamente uns poucos de degraus, pára como quem ficou muito cansada, põe a mão no coração, e depois, olhando para onde está Nun'alvares.)* É elle que alli está de-certo. *(Chama.)* Nuno!

NUN'ALVARES, sobresaltado.

Quem me chama?

ALDA, chamando outra vez.

Nuno!

NUN'ALVARES.

Es tu, Alda? *(Correndo para ella.)* Oh! es: não ha outra voz que soe assim.

ALDA.

Sou eu, Nuno; sou eu que venho fallar-te... que te venho dizer... Ai, Nuno! não ha remedio, é preciso. Isto havia de acabar. Bem m'o adivinhava o coração. Eu fechava os olhos para não ver a realidade, para não acordar d'este sonho de crianças em que temos vivido... eu, ao menos, eu... e que se desvaneceu porfim. — Um sonho, um sonho, Nuno, mas em que eu era tam... tam feliz: para que o heide eu negar! Não o sabes tu?

NUN'ALVARES.

Sei, minha Alda, sei. Que tens, que pódes ter tu n'esse coração que eu não veja?

ALDA.

Inda bem, Nuno, que assim o crês: não duvidarás nunca de mim.

NUN'ALVARES.

Duvidar de ti!

ALDA.

E hasde acreditar tudo o que te eu disser.

NUN'ALVARES.

Tudo.

ALDA.

Pois quero-te confessar uma coisa, quero-te dizer... — Faço mal n'isto; não se deve dizer: uma donzella honesta, assim na cara de um homem... — Mas tu es meu irmão, Nuno.

NUN'ALVARES.

Sou, dize: que me queres confessar?

ALDA, depois de breve silencio.

Lembras-te dos nossos primeiros annos, dos nossos innocentes brinquedos de crianças, na Flor-da-Rosa, quando tu, pouco mais velho do que eu, terias dez annos...

NUN'ALVARES.

E tu oito.

ALDA.

Te chamavas o meu cavalleiro, e me sentavas ao-pé da fonte da Moira, no fim da quinta, debaixo d'aquelles castanheiros tam altos... E fazia uma calma! mas alli era tam fresco. — E eu era a bella infanta, dizias tu, no meu jardim assentada, e tu eras o cavalleiro que vinhas da Terra-Sancta perguntar-me pelo annel de sette pedras, de que me tinhas deixado metade...

NUN'ALVARES, mostrando-lhe a mão esquerda, e fazendo acção de tirar um annel.

Pois a minha ei'la aqui.

ALDA.

Bem sei. — E vinha teu irmão Diogo disputar-te o direito... E brigaveis ás lançadas... de canna; tu para defender a tua dama, que era eu; — e elle, mais velho que tu, ficava sempre vencido. E depois, tu vinhas a mim e... e...

NUN'ALVARES.

E beijava-te... *(Quer abraçá-la.)*

ALDA, dando-lhe a mão.

A mão, cavalleiro.

NUN'ALVARES, tomando-lhe a mão e beijando-lh'a.

É verdade, era so a mão d'essa vez.

ALDA.

E teu irmão, desesperado...

NUN'ALVARES.

Ah! assim é que era: quando elle se desesperava muito, muito, — então, para o fazer raivar ainda mais, o beijo era... *(Quer beijá-la na face.)*

ALDA, evitando-o.

Não está aqui teu irmão agora, Nuno...

NUN'ALVARES, resignando-se.

É verdade.

ALDA.

E eu tinha oito annos! — *(Pausa.)* E lembras-te quando teu pae nos vinha achar n'estes innocentes folguedos, como elle ria, e me tomava no collo, e dizia: — « Ora basta de brincadeira, que me parece que « a bella infanta vai tomando o caso a serio. » — E eu, d'aquella edade!.. eu corava, Nuno.

NUN'ALVARES.

Coravas, porquê?

ALDA.

Porque teu pae dizia... a verdade. — Ja não tinha outro prazer senão estar comtigo, ja me abhorrecia onde tu não estavas, ja te amava... como agora te amo.

NUN'ALVARES.

E eu! Se os nossos corações nasceram assim, se ja Deus nos creou um para o outro!

ALDA.

Deus, póde ser; não sei. Mas desde então até agora, e á proporção que fomos crescendo, se foi alargando — n'este mundo em que temos de viver — a immensa distancia que hoje nos separa. — Amo-te ainda, Nuno... Sabe a Virgem do ceo com quantas lagrymas lh'o tenho confessado, lhe tenho pedido que me ampare, que me defenda.

NUN'ALVARES.

De quê, Alda? — O meu amor, com ser apaixonado e violento, deixou jamais, ao-pé de ti, de ser timido e recatado, innocente como o amor de um irmão? E tu pedias á Virgem que te defendesse!.. de quem?

ALDA, abaixando os olhos.

De mim, Nuno.

NUN'ALVARES, com enthusiasmo.

Oh Alda, esta noite é o primeiro dia da minha vida!

ALDA, tristemente.

E o derradeiro da minha.

NUN'ALVARES.

Que disseste!

ALDA.

O que é verdade, o que hade ser, o que é tam certo e resoluto na minha alma, como é certa a crença, a confiança que tenho em Deus que me hade ajudar, que me hade salvar.

NUN'ALVARES.

Oh Alda!

ALDA.

Este amor nasceu antes da razão e tomou o logar d'ella; quando a edade a trouxe, ja não achou onde caber: mas tambem nasceu sem esperanças, elle! Innocente criancinha como eu era quando nasceu, bem vi que as não tinha. Nasceu... — e cresceu sem ellas, que é maior prodigio! — mas ja ves que não podia ser vividouro; traz a morte em si. E o termo fatal chegou: está na agonia, bem ves. — Deixa-o morrer em paz, meu irmão.

NUN'ALVARES.

Morrer! este amor que nasceu comnosco, que é parte da nossa vida! Não o deixarei morrer; não eu, Alda, que ainda quero viver.

ALDA.

Tambem eu quero... Não queria, mas agora preciso viver. E Deus e a Virgem, e o sentimento de minhas obrigações, e a satisfação de as ter cumprido me hão-de dar ânimo para affrontar com a vida e soffrê-la.

NUN'ALVARES, com despeito.

Bem dizes que nasceu fraco o teu amor, Alda, que assim pódes ser tam valente com elle. Eu não.

ALDA.

Tu não! Porquê? — Porque me tens mais amor do que eu a ti? — Oxala que o accreditasses! Mas não o cres. Ésta valentia por que me motejas, donde vem ella porfim senão do mesmo excesso do meu amor? — Nuno, eu sei quanto te amo; e tu tambem o sabes. Assim como sei todo o amor que me tens: com elle contei. Nuno, meu querido irmão, ajuda-me, salva-me de mim mesma. Tem dó de mim, meu irmão!

NUN'ALVARES, tristemente.

Irmão! *(Resoluto.)* Sou, Alda, sou teu irmão. Que queres tu que eu faça?

ALDA.

Que partas ja.

NUN'ALVARES.

Jurei partir ao romper d'alva...

ALDA, com sobresalto.

Tam cedo!

NUN'ALVARES, internecido e pegando-lhe na mão.

Oh Alda!

ALDA.

Oh Nuno!

(Ficam algum tempo assim como em suspenso e cahindo-lhes as lagrymas.)

ALDA, esforçando-se para serenar o rosto.

Bem: partirás ao romper d'alva... e irás para muito longe, para muito longe... aonde te espera... *(Quer retirar a sua mão da d'elle.)*

NUN'ALVARES.

Quem?

ALDA.

Meu Deus, que fôrça é precisa!.. onde te espera a tua espôsa.

NUN'ALVARES, largando-lhe a mão.

Nunca! Jamais... nunca.

ALDA.

Prometteste.

NUN'ALVARES.

Prometti... fizeram-me prometter. Assignei, sim, uma escriptura que está nulla, nulla.

ALDA.

Meu, irmão tu queres-me perder? De que me serve a minha innocencia de que Deus e tu são testimunhas, se tu atiras assim com a minha fama, com a minha honra ás esfaimadas bôccas da calúmnia! Que dirá o mundo, que dirá essa poderosa familia que assim vais injuriar? A tua propria familia o que hade dizer? — Que o criminoso amor de uma donzella que não pôde ser tua mulher... e que tu fizeste... que tu abaixaste a tua... *(Com grande afflicção e desconsôlo.)* Oh Nuno, Nuno! tua irman, a tua Alda com similhante nome pelo mundo! *(Desata a chorar.)*

NUN'ALVARES, tomando-lhe as mãos.

Por Deus que está no ceo, Alda, pela alma de meu pae, pela sua espada que aqui... *(Vai com a mão ao lado da espada e não a acha.)* Que é da minha espada?.. Ah sim. — Mas pela sancta cruz d'aquella sancta espada te juro que tal espôsa não tomarei por mulher, se tu...

ALDA, cubrindo o rosto com as mãos.

Se eu o quê?

NUN'ALVARES.

Se tu queres ser minha espôsa, minha mulher.

ALDA, com enthusiasmo e alegria.

Meu Deus, meu Deus! — Que disseste, Nuno?

NUN'ALVARES, resoluto.

O que hoje, hoje mesmo, agora, n'este mesmo instante quero cumprir. Tenho a palavra de teu tio.

ALDA, incredula.

De meu tio?

NUN'ALVARES.

Sim, de teu tio, que logo, aqui, n'essa cappella nos receberá. Eu tenho de partir ao romper d'alva, que me chama o Mestre a Lisboa; mas partirei teu espôso, *(com júbilo)* teu marido, Alda, teu para sempre, teu á face do ceo e da terra. *(Quer abraçá-la.)*

ALDA, evitando-o.

Ainda não, Nuno. — *(Fazendo esfôrço para se tranquillizar.)* Ouve. Tu vais para Lisboa a chamado do Mesetr?

NUN'ALVARES.

Vou: que tem?

ALDA.

Não te apartarás de sua companhia, de sua casa, não o abandonarás nos perigos, nas arriscadas impresas que ja começou...

NUN'ALVARES.

Não por certo; nunca, antes morrer mil vezes.

ALDA.

Vivirás na côrte, no paço, com os teus eguaes, com os teus parentes, entre essas damas tam nobres e tam desdenhosas... cercado de...

NUN'ALVARES.

Que importa, Alda? Na côrte ou no campo, ricco ou pobre, grande senhor ou obscuro cavalleiro, serei teu sempre, teu.

ALDA, vacillando.

Não digas mais, Nuno, não digas mais. *(Internecida e tristemente.)* Deus te hade pagar a consolação que me deram as tuas palavras. Fizeram-me um bem... — Oh Nuno! eu tinha vergonha, tinha remorsos de

meu amor: ja não tenho. — Eu, uma pobre orphan, sem nome e quasi sem parentes... tu D. Nuno Alvares Pereira... Como havia de eu aspirar?.. Havia não sei quê n'este amor, que me degradava, me invillecia a meus proprios olhos. Agora faço glória d'elle — D. Nuno Alvares Pereira queria-me para sua espôsa!.. *(Com agradecimento.)* Oh meu Nuno!

NUN'ALVARES.

Não eras tu minha irman, Alda? Tirando-te esse nome que te foi dado por meu pae, qual te havia de dar eu?

ALDA.

Obrigada, Nuno: Deus t'o pague! Deus t'o hade pagar. — Até aqui tive eu fôrça, mas agora...

NUN'ALVARES.

Agora o quê?

ALDA, *resoluta.*

Agora que medi toda a generosidade d'esse coração, agora que te devo mais que a vida, mais que a honra — porque a meus proprios olhos me elevaste e innobreceste — agora que vejo, Nuno, que sou obrigada a confessar que o teu amor ainda excede o meu... Excede? — Excede sim: eu não tinha senão a minha honra, e não t'a dava... não; prezava mais o meu nome que a tua felicidade. — E tu! tu sacrificavas-me nome, grandeza, esperanças do mundo... quem sabe se a honra tambem? — Pois quê, Nuno! Rellecte bem: que haviam de elles dizer? — « Dom Nuno Alvares Pereira, coitado!.. aquillo foram escrupulos de consciencia... era uma pobre de Christo, teve dó d'ella... Elle tambem não é ricco; e depois ja não havia outro remedio... » — E hãode te appontar ao dedo, e hãode surrir quando tu passares...

NUN'ALVARES.

E tu não sabes que com tres pollegadas do ferro da minha espada cravo, na bôcca do infame, a lingua que

se atrevesse a... e calo para sempre os falladores todos?.. se taes houvesse, que não ha; inganas-te, Alda: fazes-te injúria a ti propria.

ALDA.

Bem sei que o farias como dizes, que os havias de calar. Mas a fama de tua mulher... de tua mulher, Nuno! A tua fama, a tua honra sería feita á ponta da espada. E ella, a mal-agourada, em continuos transes, em sustos sempre pela vida de quem lhe dava a honra! — *(Com resolução.)* Tal não será, Nuno: não hasde ser mais generoso do que eu; não me amas mais do que eu te amo.

NUN'ALVARES, internecido.

Alda!

ALDA.

Não posso, não devo, não heide ser tua mulher.

FROILÃO, apparecendo.

Bem, minha filha, bem! — Que vos disse eu, Nuno? *(Desce.)*

NUN'ALVARES, olhando para cima.

Oh! Froilão... Ja me não lembrava; agora intendo porque... *(para Alda com vehemencia.)* Isso não vem do teu coração, Alda: não póde ser. Foi elle. — Pois juro o sangue de Christo que...

FROILÃO.

Não jureis. D. Nuno, que é falso.

ALDA, com brandura.

Nuno, em tam pouco me estimas que me não julgas capaz de uma acção boa por mim?

NUN'ALVARES, perdendo a cabeça.

Não sei, não sei. Ja não creio em ninguem, ja não creio em nada... — E que farás tu, Alda? Que fareis vós d'ella, Froilão? Vós, no fim da vida, ella que mal a começa agora!.. Ja vejo. — Oh Alda, Alda! uma prisão perpétua... tal será o premio do meu amor e da tua virtude... um mosteiro!

FROILÃO.

Não por certo.

NUN'ALVARES.

Então o quê? — Ousareis?..

FROILÃO.

Casá-la com um homem honrado, da sua egualha, que tenha coração para avaliar o que lhe dou, e fazenda para a podêr estimar.

NUN'ALVARES.

Alda, Alda casada com um villão! A minha Alda! Aquella flor, tam mimosa de outro tratto, criada em jardins de senhores, hãode lançá-la na courella de um labrego... oh Alda! *(passeia agitado pela scena; pára no meio, como ferido de uma idea subita, e diz á parte:)* Disfarcemos para saber. *(Alto e voltando para os dois.)* Não consinto, não hade ser... So se... — Bem, Alda, bem: eu, pelo menos, sou teu irmão, e tenho direito de saber quem é o meu... o espôso que me preferes.

ALDA.

Disseste bem, Nuno: que te prefiro.

NUN'ALVARES.

A mim!

ALDA.

A ti, meu irmão: porque tu não podes ser... senão meu irmão.

NUN'ALVARES.

E é?...

FROILÃO.

Este honrado vizinho que aqui mora defronte, homem de...

NUN'ALVARES.

O Alfageme?

FROILÃO.

Esse.

NUN'ALVARES.

Um homem grosseiro!

ALDA.

Não é, Nuno.

NUN'ALVARES.

Com que olhos o vês ja!

ALDA.

Com os da razão: bem vês que o não amo.

NUN'ALVARES, para Froilão.

Um cabeça de motim!

FROILÃO.

Cabeça não, D. Nuno: este motim, todos os motins começam por mais alto. — Mas descançae, que ou elle hade assocegar e deixar-se d'esses bandos, ou Alda não hade ser sua mulher.

NUN'ALVARES.

E tu queres, e tu consentes, Alda?

ALDA.

Quero sim, meu irmão. É um homem de bem, de bom coração, honrado, generoso; teve uma criação muito acima do seu estado... como eu, Nuno; — para cavalleiro estava, mas teve a nobre resolução de voltar a seu estado natural... como eu heide ter, meu irmão.

FROILÃO.

Tem dos bens da fortuna, é laborioso e honesto, adora-a...

NUN'ALVARES, inquieto.

Adora-te?

ALDA.

Não.

NUN'ALVARES.

E tu queres casar com um homem que te não ama?

ALDA.

E eu, tenho-lhe amor?

NUN'ALVARES.

Mas se... se elle te vier a amar? — E hade, oh! hade. Hade amar-te, Alda! — Um villão hade amar

a minha Alda! — Hade amar-te, elle hade amar-te... E tu... tu?

ALDA, com firmeza.

Meu irmão, eu heide fazer a minha obrigação: heide...

NUN'ALVARES, interrompendo-a.

Hasde o quê, Alda?

ALDA, com serenidade.

Heide amar a meu marido.

NUN'ALVARES, desesperado.

Voto a Satanaz...

ALDA.

Nuno!

NUN'ALVARES.

Que tal não será. — Tu, Alda, tu amarás outro homem, vivo eu! Sancto Lenho da Véra Cruz, que... *(desvairando e resoluto)* Para amante me não queres... nem eu queria. Por espôso me não acceitaste... Pois será o que escolheres: mas uma das duas coisas hade ser. *(Toma-a de repente nos braços e vai a fugir com ella. Alda desmaia.)*

FROILÃO.

Nuno, D. Nuno! — Acudam, acudam. *(gritando a brados)* Aqui de!..

NUN'ALVARES, arrojando Froilão de si.

Deixae-me, ou juro pela espada de meu pae...

SCENA XII.

O ALFAGEME, *sahindo de sua casa com a espada na mão*; NUN'ALVARES; FROILÃO-DIAS, *cahindo como desmaiado*; ALDA.

ALFAGEME, tomando-lhe o passo.

Não jureis em vão, senhor D. Nuno. A espada de vosso pae, tenho-a eu aqui: *(Brandindo-a)* tomae-a primeiro, e depois jurareis.

NUN'ALVARES.

Quem es tu? *(Recuando e reparando n'elle.)* Oh! o Alfageme. *(Vai depor Alda ao-pé do tio, e volta com ira concentrada.)* Obrigado, meu amigo! A ponto vindes. Hoje é dia de bom agouro. *(Deita a mão ao lado da espada, e não a achando, diz amargamente e por entre os dentes.)* Oh fatalidade, sinna má, não tenho espada!

ALFAGEME, abatendo a espada e tranquillamente.

Entrae n'aquelle armazem e escolhei.

NUN'ALVARES.

Vai tu mesmo; e dá-me essa que é minha.

ALFAGEME.

Era de vosso pae. Está para ver se sois digno d'ella.

NUN'ALVARES, infurecido.

A mim, a mim, Alfageme! Caro pagarás tudo. *(Corre a casa do Alfageme e volta com uma espada.)* Não dou ésta honra a todos. Mas comtigo...

ALFAGEME, tranquillamente e com dignidade.

Por ora tenho na mão ésta espada, e sou mais digno de lhe pegar do que vós. — Brigais com a espada de vosso pae, senhor D. Nuno, não com o villão que a tem no punho.

NUN'ALVARES, mais infurecido.

Defende-te homem, por Christo que ja me pésa a tua vida mais que a minha. *(Investe furioso com o Alfageme, que se defende com todo o sangue frio, e procura desarmá-lo sem lhe fazer mal.)*

ALDA, acordando com o tinir das espadas.

Nuno, Nuno, meu irmão, meu!..

(Nuno cai.)

ALDA.

Ai! *(acode-lhe e abraça-se com elle.)*

FROILÃO, levantando-se.

Que fizeste, homem! — Oh meu querido amo! *(Vai-lhe acudir tambem.)*

ALDA, erguendo a cabeça, sem olhar para o Alfageme, mas levantando a mão para elle.

Fernão Vaz, que vos não tornem a ver os meus olhos.

ALFAGEME, com um surriso amarello.

Não é nada, senhora; vède. Foi um leve bote no hombro, que lh'o não pude evitar por mais que fiz.

NUN'ALVARES, tornando a si, e sentando-se.

Alda! — Foi a espada de meu pae: a justiça era por ella. *(levantando-se em pé.)* Não estou ferido: o podêr daquella espada me derribou e me fez cahir em mim. Sois um homem honrado, Alfageme. — Alda perdoa-me, perdoa a teu irmão, a teu irmão... que não é ja... que hade vir a não ser... mais que teu irmão. — A minha espada, Fernão Vaz.

ALFAGEME.

Es-la aqui, senhor cavalleiro.

NUN'ALVARES, beijando-a muitas vezes.

Espada de meu pae, que tam bem começas a servir-me! tu serás na minha mão...

ALFAGEME, com enthusiasmo.

Um raio de glória!

ALDA, do mesmo modo.

Um symbolo de honra!

ALFAGEME.

A defensão de Portugal!

FROILÃO.

A victoria de Christo!

ALFAGEME, como em extase.

Sereis o primeiro homem de Portugal, D. Nuno Alvares Pereira! Não vos pêze, não vos pejeis de ser vencido do pobre Alfageme. Foi essa espada que tem o condão de dar sempre a victoria a quem a impunhar pela virtude. Essa espada é de incanto. Nunca vi lâmina assim. Boas fadas a fadaram: ou antes, no rio Jordão por mãos de anjos foi temperada. Tenho feito,

tenho corregido muita espada, nunca vi faíscar scentelhas como de fogo do Ceo, quaes essa deita. Essa espada vos fará grande, vos dará titulos, honras, vos fará... conde, condestavel do reino... e digno de tudo isso!

NUN'ALVARES, olhando a espada com complacencia.

Que brilhante está! *(Torna a beijá-la; depois ao Alfageme:)* Ainda vos devo o preço....

ALFAGEME, surrindo.

Não me paguei ja por minhas mãos?

FROILÃO, surrindo.

Fez de molleiro o Alfageme.

NUN'ALVARES, com bondade.

Embora. — Ésta bolsa contêm mil dobras: será o dote de minha irman, *(intregando a bolsa a Froilão, e depois surrindo para o Alfageme)* e o preço da *correcção*... da espada.

ALFAGEME, tomando a bolsa das mãos de Froilão e tornando a po-la nas de Nun'alvares.

O dote de Alda é aquelle coração. Alda, eu ouvi tudo o que dissestes.

FROILÃO.

Ouvistes!

ALFAGEME.

Ouvi, e fiquei sabendo o thesouro que me dais. — Senhor D. Nuno, o preço da *correcção*... da espada, dar-m'o-heis quando fordes condestavel do reino.

NUN'ALVARES, rindo.

Quereis zombar. Eu condestavel!

ALFAGEME.

É uma inspiração que Deus me deu, uma visão que tive quando a estava affiando. Ve-la-heis cumprir, de certo; e então me pagareis. — Agora *(apontando para Alda)* que mais me quereis dar?

NUN'ALVARES.

Tendes razão. — Alda, a tua mão. *(Toma a mão de*

Alda e lh'a põe na do Alfageme.) Alfageme, ésta mulher é minha irman; dou-t'a eu.

FROILÃO, estendendo as mãos sôbre elles.

E eu vos abençôo.

NUN'ALVARES, com um suspiro.

Adeus, Alda... adeus!

ALDA.

Nuno!

ALFAGEME.

Não abraçais vosso irmão, Alda?

(Alda olha para o Alfageme como quem o admira, Nuno faz outro tanto: abraçam-se.)

NUN'ALVARES.

Adeus, Alda!

ALDA.

Adeus, meu irmão!

SCENA XIII.

NUN'ALVARES, ALDA, FROILÃO-DIAS, ALFAGEME, CÔRO DOS CAVALLEIROS.

NUN'ALVARES, para os cavalleiros.

A cavallo, meus senhores, e para Lisboa! *(Para o Alfageme.)* Por Deus, que sois o villão mais cavalleiro!...

ALFAGEME.

Se ha tanto cavalleiro villão...

(Os cavalleiros rodeiam Nun'alvares, e se dispoem para partir.)

CÔRO DOS CAVALLEIROS.

(Musica guerreira.)

Partamos!
Corramos;
Partamos que a espada
Por sangue ja brada!

Corramos!
Na ponta da lança
Flammeja a esperança
Da glória!
A victoria
Nos quer coroar.
Partamos,
Corramos!
Galopa, galopa a bom galopar,
Que a glória,
A victoria
Nos quer coroar!

ACTO QUARTO.

SCENA I.

É muito de madrugada: tudo fechado em casa do Alfageme; a de Mendo-Paes está illuminada, e ouve-se dentro musica festiva: ha toda a apparencia possivel de um sarão sumptuoso que se prolongou até de manhan.

D. GUIOMAR, DAMAS E CAVALHEIROS.

UM CAVALHEIRO, dentro.

Por despedida, a canção d'el-rei Arthur e da sua Tavola-redonda.

UMA DAMA, dentro.

Ja rompe a manhan.

GUIOMAR, chegando á varanda.

É dia, dia ja claro, e este infernal festim sem acabar! — E meu irmão que inda não voltou! Que terá succedido!

UM CAVALHEIRO, dentro.

Traição! a bella Guiomar que nos deixa, a rainha da festa que nos desampara, a nossa rainha Ginebra!

VOZES, dentro.

A rainha para o seu throno!

(Sahem varios cavalheiros e damas ao patim, que levam D. Guiomar para dentro.)

TODOS.

A rainha da festa, e vamos á canção.

(Alguns cavalheiros e damas ficam defóra no patim.)

UMA VOZ, canta.

COPLA I.

El-rei Arthur — o coitado!
El-rei Arthur de Inglaterra,

C'os seus dôze cavalleiros,
Vêde-lo, vai para a guerra.
Vão pagens, vão escudeiros,
Tudo vai por seu mandado;
Que el-rei Arthur de Inglaterra
Vai para a guerra — coitado!

CÔRO.

El-rei Arthur de Inglaterra.
Deixá-lo ir para a guerra!

COPLA II.

Fica a rainha Ginebra,
Fica a Tavola-redonda...
Deixá-lo ir com seu primor!
La de sangue espuma a onda,
Aqui ferve almo liquor.
Suas glórias elle celebra,
Nós a Tavola-redonda
E a rainha Ginebra.

CÔRO.

Suas glórias elle celebra,
Nós a rainha Ginebra.

UM CAVALHEIRO.

Guapa canção! E a proposito: o Mestre de Aviz e os seus valentões que o teem a elle pelo rei Arthur e a si por outros tantos Galaazes e Lancelotes! Pois que batalhem elles, e nós ficaremos com a Tavola-redonda e...

TODOS, cantando.

E a rainha Ginebra.

OUTRO CAVALHEIRO, sahindo ao patim com o copo na mão.

A bella rainha Ginebra! E a virar.

TODOS, bebendo.

A bella rainha Ginebra!

ALGUNS.

Outra copla, outra copla.

COPLA III.

Pela Tavola-redonda
Tambem vai rija a batalha,
Rija, rija de matar.
Nem capacete nem malha
Valem n'este pelejar:
Que a taça que gyra á ronda
É quem traz ésta batalha
Pela Tavola-redonda.

CÔRO.

Gyre, gyre a taça á ronda
Pela Tavola-redonda!

COPLA IV.

Pela rainha Ginebra
Aqui so se hade justar;
E el-rei Arthur — o coitado!
Por la que ande a brigar.
Cada qual tem o seu fado:
Em quanto elle escudos quebra,
Nós os copos — e a justar
Pela rainha Ginebra.

CÔRO.

Lança e copo aqui se quebra
Pela rainha Ginebra.

(Entram para dentro os que estavam defóra, e ouve-se musica festiva e tinir de copos etc.

SCENA II.

MENDO-PAES *riccamente vestido; depois* D. GUIOMAR, DAMAS, CAVALHEIROS.

MENDO.

Ainda por ca dura a festa! — É mister que acabe agora para começar a outra. Estão furiosos os populares contra elle, e não tardarão aqui. *(Vai a subir a escada.)*

GUIOMAR, sahindo ao patim.

Es tu Mendo? Inda bem! Que ha?

MENDO.

Que está a entrar el-rei de Castella, o meu, o nosso rei.

GUIOMAR, descendo a meia escada.

Aomenos, graças a Deus, acabou isto. — Deixas-me aqui com ésta gente ha mais de tres horas. É dia, e ainda se não vão; eu ja não posso...

MENDO.

Agora se irão, espera: em lhe eu dando a notícia. Que queres? Não havia remedio senão festejar este grande dia com os amigos, os bons, os nossos.

GUIOMAR.

Bons, nossos! — Serão.

MENDO.

Pois não são? Os principaes cavalheiros de Santarem. — Espera que ja te livro d'elles. — E temos que fallar. *(Sóe e diz para dentro da porta.)* Meus cavalheiros, el-rei D. João que chega. — El-rei D. João de Castella e Portugal.

VOZES, dentro.

Vamos-lhe ao encontro. Vamos.

MENDO.

Ide, que eu ja vou.

(Sahem damas e cavalheiros.)

SCENA III.

MENDO-PAES *torna a descer;* D. GUIOMAR *o segue.*

MENDO.

Estamos salvos, Guiomar. Custou. Dous annos de lidas e perigos! Dous annos quasi. Vejamos. Em 6 de Dezembro foi a morte do conde de Ourem. A 8 cheguei eu aqui, e foi...

GUIOMAR.

Aquella famosa aventura da espada do condestavel.

MENDO.

Ja tu lhe chamas tambem condestavel?

GUIOMAR.

Se todos lh'o chamam!

MENDO.

Mas nós não, que é reconhecer um titulo illegitimo. Quem deu ao Mestre d'Aviz o direito de fazer Nun'alvares Pereira condestavel do reino que não é seu?

GUIOMAR.

Pois sim: que me importa a mim com isso!

MENDO.

Oh! importa-me a mim. — Mas vamos: 8 de Dezembro... passou todo o anno seguinte; estamos a 8 de Agosto d'este anno. Ha justamente vinte mezes — inda não ha dous annos; é verdade. Mas o que se tem passado! Ora vence o Mestre, ora el-rei de Castella. E um homem de bem sem saber por quem se hade resolver. — Emfim agora estou seguro.

GUIOMAR.

Porquê? Estás certo que vencem os Castelhanos?

MENDO.

Creio que sim; mas nunca fiando. Para descargo de consciencia e pelo que póde succeder, tenho servido a um e a outro, e com ambos tenho ganho. E quanto ca ao nosso Alfageme e á enorme dívida que lhe devêmos, que é o mais importante — aqui estão os alvarás ambos. *(Mostra dous pergaminhos com sellos pendentes, um de fitta azul, outro incarnada.)* Provavelmente hade servir este, o vermelhinho. Mas se não servir, ca está o outro que tambem não é feio. É azul: linda côr, boa côr egualmente! Todas as côres são boas, a fallar a verdade.

GUIOMAR.

Oh Mendo, Mendo, que não sei que te diga!..

MENDO.

Pois não digas nada, que é o melhor. Agora o caso é resolver o Alfageme a partir. Elle detesta os Castelhanos — e isso bom é para nós —; mas está irresoluto na causa do Mestre, e é preciso decidi-lo. — Nun'alvares e D. João estão em Abrantes: e se elle se resolver a ir para la... tudo está feito. — Tenho arranjado ca uma coisa que me parece que não falha. Deixa estar.

GUIOMAR.

Coitado!

MENDO.

Isso! ve agora se te chega a compaixão; a boas horas. — Mulheres! — Ja te não lembra a injúria que soffreste, de um villão, Guiomar! Ja te não lembra que a presença d'elle aqui, a sua vida, seja onde for, é um insulto, uma affronta para ti, para teu irmão... obrigado a devorá-la em silencio por não diffamar o nobre sangue da nossa familia!

GUIOMAR, corando.

É verdade, meu irmão... — Mas porque não matastе tu esse homem antes... antes de elle casar?

MENDO.

Mulher, mulher!.. ciumes! — O nome, a fama, a honra da sua gente, a sua, nada a moveu... e o ciume, esse...

GUIOMAR.

Que te importa o motivo, se eu consinto na infamia de tam baixa vingança?.. que é o que tu queres. — O indigno, o hypocrita, tenho-lhe odio; a ella, á presumida da mulher, abhorreço-a quasi tanto como ao marido... parece-me que mais. E ha dous annos que ahi estão casados e vivendo felizes... — Feliz elle! oh não, que eu bem conheço Fernando. Rallam-n'o os ciumes como a mim... Inda bem... Mas não basta:

preciso mais solemne vingança. — Dizes tu que pos esse modo, e partindo elle para o Mestre d'Aviz?..

MENDO.

Ficarás vingada.

GUIOMAR.

Villanmente.

MENDO.

Com villão, villão e meio. Querias tu casar com elle?

GUIOMAR, hesitando.

Eu!.. Bem sabes que não quiz. Um homem que se deshonrou, que se fez mechanico, podendo ser...

MENDO.

Um cavalheiro pobertão. Pois bem, não quizeste. Que lhe havia de eu fazer? Matá-lo, sabendo todos quanto lhe devo? — Como ficava eu? Perdido no conceito público e sem me livrar da divida. — Assim é patriotismo, é lealdade; foi um sacrificio que fiz das minhas mais charas affeições no altar da patria. — O partido que vencer — o meu partido hade-me acclamar um heroe, que é o costume.

GUIOMAR.

Podias tê-lo provocado a um duelo por qualquer pretexto — e matá-lo honrada e lealmente.

MENDO.

Um villão! Um duelo com um baixo mechanico! Mendo Paes reptando a Fernão Vaz, cruzar a sua espada com a do Alfageme!

GUIOMAR.

Não teve esse escrupulo o condestavel.

MENDO.

Nun'alvares Pereira? E achas que fez muito bem? Não sabes como Fernando joga a espada? — O que lhe valeu a Nun'alvares foi que elle o não queria matar.

GUIOMAR.

Ah!.. intendo.

MENDO.

Nada; isto assim é melhor. — E a minha bella Alda, a minha desdenhosa priminha... Ella é nossa prima, arredada sim, mas... E agora é preciso valer-lhe, ampará-la.

GUIOMAR.

Mendo, esqueces-te que eu sou uma senhora, e tua irmã?

MENDO.

Não: nem de que essa senhora me deu o direito de a expulsar de minha casa, e declarar a todo o mundo...

GUIOMAR.

Mendo, es um covarde.

MENDO.

Sou.

GUIOMAR.

Um espia, traidor...

MENDO.

Sou.

GUIOMAR, desatando a soluçar e a chorar de repente.

Meu irmão, perdoa-me pelo amor de Deus — deixa-me ir, deixa-me ir ja para um convento... o das Claras...

MENDO.

E o dote?

GUIOMAR.

Oh meu irmão, por alma de nosso pae; serei freira conversa, serei tudo... Mas vamos e ja, ja, senão morro... *(Está de joelhos.)*

MENDO.

Guiomar!.. *(D. Guiomar levanta-se.)* — Vamos. Um dia heide fazer uma acção boa. Irás para as Claras. Está resolvido; mas primeiro, havemos de resolver estoutro arrependido a partir para melhor destino. — Oh ei-los ahi véem por fim. *(Ouve-se tumulto dentro.)*

GUIOMAR.

Quem?

MENDO.

Agora verás. — Véem optimos; bons testões e boas canadas de vinho me custou.

(Sobem ambos a escada.)

SCENA IV.

D. GUIOMAR *e* MENDO-PAES *no alto da escada. O* POVO *entra em magotes e amotinado; entre elles como chefes* GIL-SERRÃO, BRAZ-FOGAÇA *e mais* SERRALHEIROS *do Alfageme;* JOANNA, SERAPHINA *e outras mulheres com elles.*

CÔRO DO POVO.

Traição, traição, traição!

GIL-SERRÃO.

Quem nos perdeu!

BRAZ-FOGAÇA.

Quem nos vendeu!

CÔRO.

Traição, traição, traição!

GIL-SERRÃO.

É não ter alma.

BRAZ-FOGAÇA.

Não ter coração.

CÔRO.

Traição, traição, traição!

GUIOMAR, para Mendo.

São capazes de o matar, Mendo.

MENDO.

E se fossem, a perca! — Mas não, não é nada; deixa estar.

GUIOMAR.

Então o que é, que tem ésta gente?

MENDO.

Tem o que ainda agora te disse: que está el-rei de Castella perto da villa, que ahi vai subindo a calçada da Atamarma; e agora estão com medo do castigo que merecem. É o costume: chega-lhe tarde, mas chega-lhe de-véras. Até aqui, o Alfageme era o seu homem, o seu capitão; agora hãode querer pendurar o caudilho á porta do Sol para ver se lhes escapa a garganta d'elles; e hãode gritar que ainda bem que se livraram do Alfageme, que era quem os obrigava a fazer as maldades e as cruezas que fizeram.

GUIOMAR.

Mas todos nós vimos o contrário: e a ti mesmo, por duas vezes te salvou elle a vida, escondendo-te do povo e defendendo-te quando esses amotinados gritavam por ésta escada acima: «Morra o castelhano, o schismatico, o traidor, o espia!»

MENDO.

É verdade: e é a mesma coisa agora, a mesma gente, agora querem-n'o matar a elle por não ser castelhano nem schismatico.

GUIOMAR.

Pois sim: mas acode-lhe tu, salva-lhe a vida ao menos, que bem sabes quanto lhe devemos.

MENDO.

Devemos, devemos; e para lhe não dever é que...

GUIOMAR.

Anda, vai.

MENDO.

Se elles estiverem pelo que lhe eu disser... *(Começa a descer lentamente a escada.)*

CÒRO.

Traição, traição!

JOANNA.

Meu pae!

GIL-SERRÃO.

Minha filha!

SERAPHINA.

E tu, meu irmão!

CÔRO.

De nós que será?

GIL-SERRÃO.

Ai quem nos perdeu!

BRAZ-FOGAÇA.

Ai quem nos vendeu!

GIL-SERRÃO.

Foi elle.

CÔRO.

Foi elle, foi elle.

BRAZ-FOGAÇA.

Pois ja,
Pois hoje por todos aqui pagará.

CÔRO.

Pois hoje por todos aqui pagará.

SCENA V.

GIL-SERRÃO, BRAZ-FOGAÇA, JOANNA, SERAPHINA *e mais amotinados;* O ALFAGEME *abrindo a porta de casa e sahindo; atraz d'elle* ALDA, FROILÃO-DIAS *e* MENDO-PAES; D. GUIOMAR *no patim da escada.*

ALFAGEME.

Quem é que hade pagar por todos? Se sou êu, aqui estou. Em que moeda quereis que vos pague?

ALDA, abraçando-se com o Alfageme.

Fernando, Fernando, lembra-te de teu filho!

ALFAGEME, desimbaraçando-se d'ella.

Deixa-me, Alda: éstas coisas não são para mulheres. Vai para ao-pé de teu filho, deixa-me.

GUIOMAR, para Mendo.

Então vai, olha que... *(Impaciente e levantando a voz.)* Foge, Fernando, que te matam.

(Rumor entre os amotinados, que todos se voltam para onde está Guiomar.)

ALDA.

Ella tem razão, foge, Fernando.

MENDO, chegando-se ao-pé d'elle,

É o mais prudente, Fernando. Essa gente está furiosa e com medo; por consequencia capazes de tudo. Sai pela porta de traz de tua casa que deita para o rio. Eu terei mão n'elles por aqui. Nun'alvares... a quem chamam o condestavel, la entre a gente do Mestre — está em Abrantes.

ALDA.

Em Abrantes, tam perto d'aqui! Vai para elle, vai que te hade accolher bem. Oh! de certo! E escaparás d'ésta má gente... Maus! coitados, estão loucos.

FROILÃO.

E espicaçados de más môscas anzoneiras, de ruins agulhas ferrugentas que aqui andam tecendo mentiras e desgraças. *(Olha para Mendo; depois, querendo affastar o Alfageme.)* Deixae-me fallar com elles.

ALFAGEME, segurando-o.

Com estes aqui? Que quereis fazer? Pedir-lhes que me perdoem? A mim! Pelo sancto-milagre de Santarem, que ajustarei minhas contas com elles, eu em propria pessoa e sem mais ninguem.

ALDA.

Fernando!

ALFAGEME.

Deixa-me, ja te disse. *(Adiantando-se para os amotinados.)* Que me quereis vós, que vos devo eu? Fallae. — Appellidastes-me de traidor: em que vos atraiçoei, quando, por quem? — Que vos vendi... Eu, Fernão Vaz, eu, o Alfageme de Santarem! Por que preço?

Dizei. — Olhae para essas officinas! abandonadas, desertas. Essas forjas!.. ha dous annos apagadas? Esses armazens!.. vazios. A minha fazenda!.. gasta, consummida. Em quê? — Em vos sustentar com essas armas na mão. Essas armas que eu vos dei... paraquê? Para defenderdes a vossa propria causa. A vossa causa que vós desertastes... que nunca defendestes; porque é ruím sinna do povo que nunca a sua causa soube defender, — precisa de um homem, de um nome, de um phantasma — da sombra de qualquer coisa, comtanto que não seja a sua, para tomar calor por ella. Qual foi o meu crime? Pretender tirar-vos d'essa cegueira! — Não quericis a rainha para não servir a extrangeiros: tinheis razão. Mas é fôrça servir alguem?

GIL-SERRÃO.

O Mestre d'Aviz é pelo povo, é-nos leal.

ALFAGEME.

É leal o Mestre d'Aviz! E passeou pelas ruas de Lisboa com aquelle pendão em que estavam pintados seus dous infelizes irmãos, o infante D. João e o infante D. Diniz, os verdadeiros, legitimos herdeiros d'el-rei D. Pedro e da coroa d'estes reinos, para depois...

BRAZ-FOGAÇA.

As côrtes ja decidiram o contrário.

ALFAGEME, com escarneo.

As côrtes... as côrtes... Meia duzia d'homens que la mandou o seu bando d'elles!

GIL-SERRÃO.

Traição, traição!

TODOS.

Traição, traição!

(Mendo-Paes anda por entre os gruppos dos amotinados, fingindo que os accommoda, e excitando-os mais.)

ALFAGEME, levantando a voz.

Traição é para traidores. Eu sou o Alfageme de Santarem. Digo-vos eu que o Mestre d'Aviz não foi

leal com o povo, não foi leal com seus irmãos. Fizemo-lo defensor do reino, elle fez-se rei a si. Protestou guardar a coroa para seu irmão, e guardou-lh'a... pondo-a na cabeça. — O mais povo de Portugal que faça o que quizer: o de Santarem... não acclamou o Mestre, e emquanto eu for vivo não o hade acclamar.

BRAZ-FOGAÇA.

O Mestre foi acclamado nas côrtes de Coimbra: é o rei de Portugal. — Viva el-rei D. João! Viva o Mestre d'Aviz.

MENDO, a um gruppo de amotinados.

Lembrae-vos que a vanguarda d'el-rei de Castella está ja ás portas de Santarem.

GIL-SERRÃO.

El-rei D. João de Castella que vem ahi, e todo o podêr do seu reino com elle.

BRAZ-FOGAÇA.

Está um forte rei! Eu quero o nosso rei natural. Viva o Mestre d'Aviz!

GIL-SERRÃO.

Pois esse é que está um fresco rei! Não o quero para mim.

ALGUNS.

Nem para mim.

OUTROS.

Nem para mim.

GIL-SERRÃO.

Ninguem o quer. Tem razão o Alfageme.

TODOS.

Tem razão o Alfageme.

ALFAGEME.

Ah! elle é isso? — Pois agora o tomaria eu para meu se me elle quizesse, homens sem coração, maus Portuguezes! O Mestre d'Aviz inganou o povo e foi mau irmão. Inganou o povo, menos a mim que sempre vo-lo disse. — Gritaveis-me que elle era pela nos-

sa liberdade, que era pelo reino. É por si: dizia eu, e acertei. — A coroa era do infante D. João, ou do infante D. Diniz. Não faltou quem lh'o dissesse até lá em Coimbra. É o que vos eu dizia aqui: « O nosso rei natural é o infante D. João; a bandeira do Mestre é falsa. » — Mas agora que o podêr todo de Castella vem sôbre elle, e sôbre nós... — rei ou não rei, antes seguir o pendão d'Aviz e morrer com elle... mil vezes!

MENDO, aproximando-se do Alfageme com hypocrisia.

Mas, a fallar a verdade, alguma razão dou ás queixas d'ésta gente, Fernando. Porque não acclamastes vós o Mestre d'Aviz direitamente, como fez Affonso Eannes, o tanoeiro de Lisboa?

ALFAGEME.

Bom pago teve.

FROILÃO.

O pago que sempre teem todos os sinceros defensores de qualquer causa.

ALFAGEME.

Os que se mettem com principes.

FROILÃO.

Com os povos não. É ver!

MENDO.

Mas emfim era uma coisa que se intendia, era um partido, um bando declarado.

TODOS.

É verdade, é verdade.

GIL-SERRÃO.

Nem por Castella, nem pelo Mestre d'Aviz, nem por ninguem.

ALFAGEME.

Eu era só por vós: dizeis bem que não era por ninguem.

GIL-SERRÃO.

Trouxé-nos sempre em suspensão; que esperassemos, que ainda não era tempo, que viria o infante D. João...

TODOS.

É verdade, é verdade.

MENDO, baixo a Gil-Serrão.

Foi traição.

GIL-SERRÃO.

Foi traição.

ALGUNS.

Foi traição.

ALFAGEME.

Quem fallou outra vez aqui em traição? Sois vós, senhor Mendo Paes!

MENDO.

Eu!

ALFAGEME.

Pareceu-me... Mas não podieis ser vós; — é impossivel.

ALDA.

Oh Fernando, meu Fernando!

GIL-SERRÃO.

A verdade é que, des que casastes, sois outro do que d'antes ereis.

BRAZ-FOGAÇA.

D'antes andava com a gente; era um popular devéras; um bom matalote, o verdadeiro rei dos Alfagemes. D'ahi para ca, e mal que se casou com essa tal senhora que é tam fidalga e tam prendada... marido e mulher era o mesmo, so nos davam conselhos.

FROILÃO.

E quanto tinham de seu, que ninguem mais vos sustentou, ha dous annos que não trabalhais.

GIL-SERRÃO.

Isso é verdade, la isso!..

ALFAGEME.

Aconselhei-vos que trabalhasseis: não quizestes nunca. Ja não querieis-fazer espadas, senão trazê-las á cinta... E eu...

BRAZ-FOGAÇA.

E vós... vós é que sois a culpa. Se tomámos este officio e deixámos o outro, quem no-lo insinou senão vós?

ALFAGEME, convencido.

Tendes razão, meus amigos; ahi, tendes razão. — Soltei da mão a pedra e quando a quiz parar, não pude. Foi peior, foi peior querê-la parar. É verdade, é verdade. *(Humilhando-se deante dos amotinados.)* Perdoae-me, meus amigos.

FROILÃO.

Boa razão, Alfageme; es um homem de bem e de verdade. — Ora pois, tende paciencia, que não sois o primeiro, nem sereis o último a quem tal succede. Com a melhor fe e a melhor vontade se começam quasi sempre, quanto pelo povo, éstas alterações: rara vez os que sopram a labareda desejam que se ateie o incendio destruidor que depois vem. — Pois bem, meus amigos todos, não fallemos mais n'isso: o que la vai, la vai. Ide para vossas casas, para vossas familias, e assocegae. — Dizeis que esta entrando na nossa villa el-rei...

ALFAGEME, acudindo.

De Castella.

FROILÃO.

De Castella, sim. — E que o outro... o outro está em...

MENDO.

Em Abrantes. Cedo teremos uma batalha decisiva.

FROILÃO.

Pois bem. Deus é grande, e dará a victoria a quem for de razão. — Vós não tendes feito mal a ninguem... graças ao Alfageme; não haveis que recear de um ou de outro. Socegae, e aguardemos que Deus decida entre ambos.

MENDO.

A decisão é facil de antever: el-rei D. João... *(para*

o *Alfageme)* de Castella, como vós dizeis... traz vinte e tantos mil homens de peleja, a mais luzida gente de toda a Castella e Leão, afóra tantos senhores portuguezes que com elle andam... *(Para Alda.)* Entre os quaes o prior de Rhodes, D. Pedr'alvares Pereira, irmão de Nun'alvares, meu senhor. *(Inclinando-se com reverencia ironica.)* São dous irmãos um tanto differentes.

ALDA.

São. Mas ambos honrados, ambos seguiram *um partido so. (Arrastando éstas últimas palavras.)*

MENDO, á parte.

Cuida que me faz móça! *(Alto)* Toda ésta gente vem com el-rei... de Castella. Sem fallar n'esses ingenhos de fogo, n'essas novas máchinas de guerra que pela primeira vez agora nos véem a Portugal aterrar com seu espantoso bramido.

GIL-SERRÃO.

O que será aquillo? Alguma diabolica invenção dos schismaticos.

MENDO.

Catholicos ou schismaticos, é uma coisa terrivel a tal invenção dos trons de fogo, que estoiram como bramido de trovoada e ferem como raio.

BRAZ-FOGAÇA.

Senhor Deus, misericordia!

MENDO.

E D. João, o Mestre d'Aviz o que tem? Seis mil e quinhentos homens, gente bisonha, feita de hontem, sem armas — gente de chuço e varapau a mór parte d'elles.

BRAZ-FOGAÇA.

Vamos esperar el-rei de Castella.

ALGUNS.

Vamos.

FROILÃO.

E a espada do Condestavel não a contais tambem? Quantos mil homens vale essa, gente sem fe?

GIL-SERRÃO.

Eu vou para Abrantes, que la está o Condestavel.

FROILÃO.

Ide para vossas casas; tomae o meu conselho, filhos: deixae-vos de mais alterações e desordens. Não estais ainda insinados, — não apprendestes ja bem á vossa custa? — Pobres, estragados de saude e de fazenda!

MENDO.

El-rei D. João está entrando: deixae-vos de mais conselhos. Não faltará quem vos denuncie por seus inimigos se lhe não ides ao incontro. Ide se quereis escapar.

BRAZ-FOGAÇA, friamente.

Pois viva el-rei D. João de Castella!

MENDO.

E de Portugal.

ALGUNS, froixamente.

Viva!

(Braz-Fogaça e mais alguns trabalhadores sahem, dando vivas froixamente. — Gil-Serrão e os outros olham para o Alfageme, que está com os braços cruzados, incostado á sua porta e como quem não ve nem ouve o que se passa, com os olhos fitos em Alda, que tambem immovel o contempla. O Alfageme não repara n'elles, que, fazendo signaes uns aos outros, porfim se retiram e seguem os primeiros.)

SCENA VI.

O ALFAGEME, ALDA, FROILÃO-DIAS, MENDO-PAES *ao-pé da casa do Alfageme;* D. GUIOMAR *no alto da sua escada.*

ALFAGEME, depois de consideravel silencio.

Aqui está o que é o povo! Fiae-vos em seu favor;

tomae a peito suas coisas: fazei-vos caudilho, defensor da multidão, mettei-vos a guiá-la!

MENDO

Que vos dizia eu, Fernando? Villões pagam como quem são.

ALFAGEME.

Que me importa a mim como elles pagam! Servi-os eu paraque me pagassem? — A causa do povo é a causa dos pobres, Mendo: — que recompensa hade esperar quem a serve?

MENDO.

Oh homem! vós não viveis n'este mundo. Ahi andam com o Mestre d'Aviz tantos servidores do povo que o outro dia não tinham um saio velho com que se cubrir, e hoje são senhores grandes e poderosos.

ALFAGEME.

Bem sei; esses não serviam o povo, serviram-se d'elle.

MENDO.

Mas são esses os que o povo segue e em quem se fia: e vós, com toda a vossa independencia e devoção desinteressada, ficais pobre, estragado de saude, malquisto de todos os partidos, e pelos vossos proprios alcunhado de...

ALFAGEME.

De traidor, de corrupto, de vendido, de schismatico. — Que se me dá a mim de estar mal com todos se estou bem commigo? — Fico pobre? Trabalharemos: não é assim, Alda? Mal me querem os meus? Terras tem esse mundo de Christo para onde ir viver. E para quem vive do trabalho de suas mãos, toda a terra é patria.

ALDA, deitando-lhe os braços.

Sim, meu Fernando, vamos para muito longe d'aqui, para onde não haja d'estes alvorotos, d'estes sustos.

FROILÃO.

Desterrar-vos, homem! Queres deixar a terra em

que nasceste, ir mendigar o pão do extrangeiro! Homem, tu sabes o que é sentar-se um foragido nas ribeiras de terra extranha, a olhar para aquelles campos que não são seus, a ver aquelles rostos que não conhece, a ouvir aquellas fallas que não intende, e sentir-se... sentir-se cahir o coração de desapêgo e desconfôrto? — Oh! antes morrer; morrer so, abandonado... desamparado de seus proprios filhos como eu aqui morrerei... *(Rebentam-lhe as lagrymas. Alda e o Alfageme o abraçam; elle rompe a soluçar.)*

ALDA.

Não, meu tio, não vos deixaremos, não, nunca.

MENDO, fingindo-se commovido.

Ora pois, isso não é vosso, Froilão: estais aggravando o mal sem o remediar. A necessidade aperta, e é preciso tomar uma resolução. El-rei de Castella está perto da villa. Um podêr immenso — não exagero — todo o podêr de Castella vem com elle. *(Olhando para o fundo.)* Vêdes alêm aquella gente que passa? — São os nossos sette vereadores com a bandeira da Camara, e a casa dos Vinte-e-quatro com os seus balsões, que o vão esperar e intregar-lhe as chaves da villa. — *(Ouve-se dobrar o mesmo sino do terceiro acto)* Oh! la toca o sino na nossa tôrre das Cabaças. O podêr d'aquella tôrre em Santarem é invencivel; bem sabeis. E maior é o da tôrre Albarran, que tambem soou por nós nas consciencias patrioticas dos bons Santarenos. Ora, uns por oucos, como as cabaças de barro de uma tôrre, outros por cheios como as arcas da outra; em conclusão, temos por Castella clero, nobreza e povo. *(Ouvem-se vivas e vozeria.)*

ALFAGEME.

O povo, o povo!

MENDO.

Que hade ser, se elle traz um exército de vinte mil homens! Não ha nada que faça um rei amado e que-

rido como um bom exército: todos o adoram. — D'aqui a pouco vereis como triumpham por ahi os mais timidos e indecisos, os que mais duvidavam da legitimidade da rainha D. Beatriz. Vereis os vossos populares submissos e leaes... — E não faltará entre elles, principalmente nos que mais violentos foram e mais atrocidades commetteram, quem, para se salvar a si, vos va denunciar como o mais perigoso cabeça de motim.

ALDA.

Elle, que se oppos sempre a essas violencias, que, por sua moderação, perdeu todo o ascendente que tinha no povo!

MENDO.

Por isso mesmo. Conheceis bem mal os homens, minha bella Alda.

ALDA.

Não os conheço, não: inda bem! nem desejo.

ALFAGEME.

É assim o que elle diz: moderações me perderam. Metti-me a querer ordenar o que não tem ordenação; destrui a minha propria fôrça... E agora todos zombam de mim, escarnecem-me e detestam-me!

MENDO.

Eu bem t'o dizia.

FROILÃO.

Eu bem t'o dizia, eu bem t'o dizia!.. De que serve agora o que vós lhe dizieis ou o que eu lhe dizia? — Bom é dar conselhos antes do mal succedido. Eu tambem dei os meus e não me louvo d'elles, que não foram os melhores. — Em verdade, em verdade, se formos a ajuizar pelo que está succedendo, o maior culpado aqui sou eu que sempre prégui: «Nada de partidos, nada de bandos; deixa averiguar isso a quem toca, e não te mèttas a fundo n'essas coisas.» — Muito bom, muito bom, excellente... mas impossivel. Em as

coisas chegando a estes pontos, é forçoso ser por alguem para não ficar sem ninguem... e ver todos contra si! — Mas emfim, o que passou não tem remedio. O que é preciso agora é salvar dos Castelhanos... e dos maus Portuguezes que ainda são peiores. — Mendo Paes, vós deveis a vida a este homem que duas vezes vos tirou das mãos do povo amotinado. Não fallo nas mais obrigações em que lhe estais...

ALFAGEME.

Froilão, Froilão, callae-vos: nem mais uma palavra, se não quereis que eu me va ja intregar a el-rei de Castella.

FROILÃO.

Pois bem, não digo mais nada. Mendo sabe que...

MENDO.

Sei... E se eu podesse mostrar...

FROILÃO.

Não podeis!... Vós, homem d'el-rei de Castella, vós hoje ricco e poderoso!..

MENDO.

Ricco! Tu sabes, Fernando, como eu sou ricco. — O meu valimento é muito menor do que suppondes. Para vos eu esconder em minha casa, bem vêdes que...

ALDA.

Ai, isso não, Fernando, não!

MENDO.

Eu por mim... Mas não tardavam a descubri-lo...

ALFAGEME.

Não vos canceis com desculpas: não irei para vossa casa.

MENDO.

Tomae o meu conselho. Ja sabeis que Nun'alvares Pereira está em Abrantes: ide para elle. Tomae um dos meus cavallos. Por acaso... foi mero acaso... *(confundindo-se)* alcancei, por um homem do Mestre que aqui passou afforrado, um salvo-conducto para entrar

em Abrantes; dar-vo-lo-hei: tomae. *(Tira um papel da bolsa e dá-lh'o.)* Aqui estamos fóra de portas, ainda podeis ir sem perigo; eu tomarei cuidado que vos não embaracem. — Bem vêdes que sou generoso: mando um soldado como vós aos meus... aos meus contrarios.

ALFAGEME.

Obrigado, Mendo, agradeço-vos a boa tenção.

FROILÃO.

Sois cavalleiro, D. Mendo: perdoae-me que vos não fazia justiça.

MENDO.

E vós, Alda, so vos me não dizeis uma palavra de!..

ALDA.

De agradecimento, senhor Mendo Paes?

MENDO.

Não digo tanto, mas de...

ALDA.

De quê?

MENDO.

De... de... — Ao menos pela boa vontade.

ALDA.

A vontade! Oh! essa ficae certo que a conheço, e que a não heide esquecer nunca.

MENDO, retirando-se confuso, e indo ao-pé da escada onde está D. Guiomar.

Ésta conhece-me, mas não me descobre; tem vergonha.

GUIOMAR, para o irmão.

Então ja se resolveu?

MENDO, para Guiomar.

Ainda não. Mas hade partir: digo-t'o eu. Deixemo-los agora. *(Sobe.)*

SCENA VII.

ALFAGEME, ALDA, FROILÃO-DIAS.

ALFAGEME, fallando comsigo.

Eu soldado do Mestre d'Aviz! Eu servir o principe ingrato que inganou o povo! Eu apresentar-me deante do... do seu condestavel, e dizer-lhe... o quê?

ALDA.

O quê, Fernando! — O que te pede o coração, o que eu n'elle estou lendo porque o conheço, Fernando; o que uma falsa, uma viciosa vergonha te não deixa vir aos labios.

ALFAGEME.

Que dizes tu, mulher?

ALDA.

O que é verdade, Fernando. — Cuidas que eu sou ainda uma criança, aquella donzella fraca e timida que, so de ouvir fallar n'éstas coisas, se assustava? — Ja sou mãe, Fernando, e ja sou tua mulher ha dous annos; e de dia a dia apprendo cada vez mais a estimar-te como tu mereces, a imitar-te como devo, a amar-te como me pede o coração. — Agora amo-te, Fernando, ouve-me, amo-te como nunca amei.

ALFAGEME, abraçando-a.

Bem vinda sejas, desgraça, que tammanha felicidade me trouxeste!

FROILÃO.

Ora pois, chorem ahi um boccado; despeçam-se á vontade, que eu vou ver o pequeno e ja venho.

SCENA VIII.

ALDA, ALFAGEME.

ALFAGEME.

Oh Alda, se tu soubesses como essas palavras, essa voz do coração com que as disseste, me entraram aqui

n'alma, e o bem que me fizeram! — Oh! venha a pobreza agora, venha a morte, a ignominia.

ALDA.

Pois quê, Fernando! tu duvidavas de mim?

ALFAGEME.

De ti, não, Alda. De ti, da tua virtude, nem um momento. Mas o teu amor... oh! se o eu soubera, se o eu adivinhasse... — Di-lo-hei?.. Digo. — Alda, ésta aversão, ésta repugnancia invencivel que eu tinha ao Mestre d'Aviz, não adivinhas o que m'a inspirava?

ALDA.

Não?

ALFAGEME.

Era o ciume; ciume que me rallava as intranhas, que me consummia a vida, que me seguia por toda a parte como a minha sombra, que era uma voz d'agouro que nos instantes mais felizes, quando te abraçava — ainda quando te via tam alegre e satisfeita a cuidar da tua casa, a trattar do nosso querido filho... a funesta voz me dizia: « È resignação, é virtude, mas não te ama! » — Se um instante te via triste, logo eu dizia: « Suspira por elle! » — Se fallavas na tua vida passada: « Eram saudades! » — Se não fallavas: « Era disfarce, era por me não affligir! » — Oh que tormento, Alda!

ALDA.

Porque m'o não dizias tu, porque me não abrias o teu coração, espôso? Ha muito vivirias socegado. — Mas ainda bem que o não fizeste! A tua confiança, a firmeza que em mim punhas, a mesma ignorancia em que eu estava do teu funesto duvidar, plantaram em meu coração este amor fervoroso com que agora te amo, e que apagou até a derradeira imagem d'essa inclinação d'infancia que todas nos comprazemos a exagerar tanto, que tu mesmo cuidavas que ainda podia reverdecer no coração de tua mulher... Ah Fernando,

tinha vontade de te não perdoar. — Eu amei a D. Nuno, e ameio-o muito...

ALFAGEME, com ancia,

Amaste?

ALDA, com serenidade.

Amei; e cuidei que me fosse impossivel amar outro homem. Cuidei-o sempre até áquelle momento — lembras-te? — em que me disseste: « Alda, não abraças « a teu irmão? » — Foram palavras magicas, de incanto, reviraram-me o coração. Não sabes o podêr que tem n'uma mulher a generosidade e a confiança.

ALFAGEME.

Basta, Alda: vou para o Mestre d'Aviz. Ja sei o que heide dizer ao Condestavel.

ALDA, com gentilleza.

A ver se eu adivinho?

ALFAGEME, surrindo.

Dize.

ALDA, com solemnidade.

O Alfageme de Santarem tem coração de Portuguez: não queria servir o rei extrangeiro, nem o natural que não era legitimo. A sua causa não era... não é ainda a vossa, senhores cavalleiros. Elle queria os foros e as liberdades do povo; vós quereis sim a liberdade do reino, mas com a grandeza e o podêr, o podêr todo para vós. O Alfageme não vos queria ajudar. — Hoje porêm que os extrangeiros véem com tanta arrogancia sôbre vós, que a vossa causa parece desesperada, a vossa causa é a minha, é a do Alfageme, é a do povo. Sêde grandes embora; nós vimos ajudar-vos a vencer, ajudar-vos a morrer... — E morrer sabemos nós, podemos nós melhor, que menos temos por que estimar a vida... Morreremos por vós, que ao menos sois Portuguezes. — *(Mudando de tom e graciosamente.)* Adivinhei, Fernando? *(Com seriedade e paixão.)* Conheço o teu coração, amo-te eu de-véras que assim leio n'elle?

ALFAGEME.

Sim, Alda; sim, minha mulher, minha espôsa adorada!

ALDA.

Parte, Fernando: não tenhas cuidado em mim. Ja ves que a minha alma está temperada pela tua. — O nosso querido filho, o nosso bom tio ficam com a minha protecção... A minha protecção! pois? Não sou eu a mulher do Alfageme? — Vai que hasde vencer: diz-m'o o coração. Outros te acconselham que partas porque n'isso vêem a tua perdição: mas Deus confundirá os projectos dos maus. Vai e vence.

SCENA IX.

ALDA, ALFAGEME, GIL-SERRÃO; BRAZ-FOGAÇA *e os mais* SERRALHEIROS *que voltam.*

GIL-SERRÃO, lagrymejando.

Mestre, os Castelhanos estão entrando pela porta de Atamarma. — Partiu-se-me alma, mestre, de os ver entrar tam senhores de si pela nossa villa dentro. — Estes rapazes todos, foi o mesmo. Sem dizermos nada uns aos outros, voltámos todos a cara para não ver tanta vergonha. — Mas atequi va, inda va... Mas quando a gente viu intregar as chaves ao rei schismatico, as chaves da nossa terra, onde está aquelle sancto milagre da hostia de Christo com o seu purissimo sangue derramado por nós — que este foi so pelo povo catholico de Santarem, não é para todos como o outro... Oh mestre! quando a gente viu tal, não houve mais que fallar, saltaram-nos as lagrymas pelos olhos fóra, e viemos muito depressa correndo. Ja está tudo de um concêrto: vamos para Abrantes ter com o Condestavel: e acabou-se. — Quereis vós vir comnosco? Sois o nosso mestre, sereis o nosso capitão. — Se d'ésta vez tem

de acabar Portugal, acabemos nós tambem com elle. Mas ja'gora quem começou a obra tem obrigação de a rematar, ou de acabar em cima d'ella. E, salvas as más palavras, vós, mestre, que nos mettestes n'isto, não vos fica bem...

ALFAGEME.

Meus amigos, meus honrados amigos! *(internecido)* — *(Para Alda.)* Fui injusto para com elles, assim como fui comtigo, Alda! — E elles perdoam-me como tu me perdoaste: voltam para mim. — Alda, as minhas armas. *(Aos trabalhadores)* Vamos para Abrantes, amigos. *(Alda vai buscar as armas, volta com ellas e ajuda-o a armar-se.)* — Alda, vou pedir ao condestavel de Portugal a dívida de D. Nun'alvares Pereira.

ALDA.

Qual?

ALFAGEME.

A da espada. E hade pagar-m'a...

ALDA.

Como?

ALFAGEME.

Quero um imprêgo, um logar.

ALDA.

Tu! qual? aonde?

ALFAGEME.

Na vanguarda do exército de D. João I de Portugal.

ALDA.

Oh meu Fernando!

ALFAGEME.

Adeus, Alda! — Um abraço derradeiro, e adeus. — Este bejo ao nosso filho... ao nosso Alvaro... *(internecido)* Então, Alfageme! E o nosso velho Froilão! — Pschiu! que não oiça elle: está muito velho para estes transes de despedidas. — Dar-lhe-has um abraço por mim, Alda.

ALDA.

Que é d'elle o abraço?

ALFAGEME, abraçando-a.

Aqui está... E adeus, adeus!

(Sai cantando)

Alfageme, a patria te espera,
Deixa a forja, leva o coração!

TODOS OS SERRALHEIROS, seguindo o Alfageme.

Vamos!

(Cantam)

Alfageme, a patria te espera,
Deixa a forja, leva o coração!

SCENA X.

ALDA, FROILÃO-DIAS.

FROILÃO, sai, ïntoando, com o breviario na mão.

Nunc dimittis servum tuum in pace; quia viderunt oculi mei... (*Repara na falta do Alfageme.*) Que é do Alfageme?

ALDA, tristemente e apontando para o fundo.

Vède-o: elle acolá vai com a sua gente toda que lhe voltou, que lhe veio pedir perdão, que o leva em triumpho.

FROILÃO.

E onde vai elle, onde é que vão agora?

ALDA.

Para o Condestavel, meu tio, para o exército do Mestre d'Aviz.

FROILÃO.

Foi, resolveu-se? — Elle é verdade que ja agora... Mas, e Jesus! não sei o que me diz o coração. Ai filha, filha!

ALDA.

Receiais que vençam os Castelhanos?

FROILÃO.

Espero em Deus que não. — Mas elles parece que são tantos!

ALDA.

Não importa; não hãode vencer: tenho fe.

FROILÃO.

Tambem eu. — Mas o peior agora é que tu estás aqui so — porque eu... eu sinto-me... (*Cai, como tomado de paralysia, nos braços de Alda, que o senta em um banco e lhe fica amparando o corpo.*)

ALDA.

Meu querido tio! tornae a vós. — Não me ouve. — Ouvis? (*Froilão accena que ouve*) Não se póde mover. — Oh Virgem bemditta! que mal o tomou derepente! — E eu so... so. — Fernando que partiu sem lhe tomar a benção! — Ai Jesus! e ninguem que me ajude, ninguem que me acuda!

CÒRO.

(Ouve-se ao longe o estribilho da canção do Alfageme.)

Alfageme, a patria te espera,
Deixa a forja, leva o coração.

ALDA.

A patria, a patria!.. Ah! (*Ajoelha deante de Froilão que lhe põe a mão sobre a frente; ella abraça o tio.*)

ACTO QUINTO.

SCENA I.

FROILÃO-DIAS *está sentado em uma cadeira de braços antiga, com os pés sôbre um banquinho:* ALDA *concertando-o e arranjando com muito carinho:* JOANNA E SEIAPHINA *sentadas no chão aos pés do padre, fiando em roccas:* CÔRO DE DONZELLAS *do Alfageme que fazem o mesmo: algumas estão ainda em pé, outras vêem chegando.*

JOANNA.

(Canta)

Padre capellão!
Casae-me, meu padre, pela vossa...

(Froilão faz signal de que o afflige esse cantar.

ALDA.

Afflige-vos? — Coitado, lembra-se de...

JOANNA.

Então não, não: cantaremos outra coisa para o divertir. (*Canta.*)

Quem não deve, não deve, não teme:
Espadas e lanças...

(Signal mais expressivo ainda de impaciencia em Froilão.

ALDA.

Tambem a mim me afflige essa canção: faz-me saudades. (*Froilão accena que sim.*) Cantae outra coisa.

JOANNA.

Outra coisa! Que hade ser? — Ah sim: d'ésta haveis de gostar. A chacara do *Conde Alarcos.*

ALDA.

Como é essa?

JOANNA.

É a do rei que mandou chamar o conde, que matasse a mulher e casasse com sua filha: e que depois...

ALDA.

Ai, credo, que feia coisa!

SERAPHINA.

Então a da *Bella Infanta*. Sim? (*Froilão faz signal de que approva.*) Pois vá a da *Bella Infanta*.

ALDA, para Froilão.

Tambem me lembra saudades de outro tempo, mas que estão bem apagadas por estas mais vivas e que entraram mais fundas na alma. Não me importa avivel-as: já não tem perigo. — (*Para as Donzellas.*) Deixae-me ir buscar o meu Alvaro: e as minhas coisas todas. (*Entra em casa, traz um berço com uma criança, depois uma roda de fiar, senta-se em um banquinho ao-pé de Froilão, e diz a parte.*) Estou n'uma inquietação, n'um desassocêgo! Não sei como o heide incubrir. (*Para Froilão.*) Já sabeis que hontem veio um homem das bandas de Alburrota, que dá os dous exercitos a incontrar-se um com outro? No dia treze d'este mez d'Agosto: foi antes de hontem... vespera de Nossa Senhora, estavam em termos de dar batalha.

(*Froilão levanta as mãos para o ceo e como que diz: O que Deus quizer!* — *Alda fia em sua roda e imballa o berço.*)

SERAPHINA.

A cantiga da *Bella Infanta* é como a nossa gente que foi para a guerra. E quando elles voltarem, que lhe havemos de perguntar: (*Entoando*)

Dize-me, o cavalleiro...

JOANNA.

Tal e qual. E a bella infanta no seu jardim assentada que é esta: e nós, como quem diz, as suas donzellas que estão a roda. — Vês como te eu dizia: «El-«la está só, a nossa patroa que é tam boa para nós:

« vamos-lhe fazer companhia e fiar para ao-pé d'ella, e « cantaremos. » — Então vês como é bonito?

SERAPHINA.

Isso é. — E mais vamos apprendendo para quando elles voltarem. Diz que ha na nossa gente, no exército do nosso rei, uns senhores, — não sei se é companhia se é terço, mas são muitos — que se chama a *Ala dos Namorados* e outros da *Madresilva*... Que lindos nomes tomaram! — E diz que cantam e concertam elles mesmos as mais lindas cantigas de aventuras e de amores e de princezas incantadas, que é um feitiço ouvi-los. — *Para Alda.* É verdade, senhora?

ALDA.

É, sim.

JOANNA.

Ó senhora, então aqui a senhora D. Guiomar que está no convento das Claras? Que foi aquillo, senhora?

ALDA.

Foi servir a Deus, filha: mais socegada estará que nós. — Canta a tua canção.

JOANNA.

Então vamos. *Freitão esfrega as mãos como quem é contente de ouvir, e anima Joanna na coisa, como para lhe agradecer.* Gostais? Inda bem, coitado! *Para Seraphina.* Vamos: quando chegar ás fallas da infanta com o cavalleiro, eu sou a infanta e tu es o cavalleiro.

SERAPHINA.

Pois sim.

JOANNA.

(Toada popular bem conhecida.

Estava a bella infanta
No seu jardim assentada,
Com o pente de ouro fino
Seus cabellos penteava. —

Deitou os olhos ao mar,
Viu vir uma nobre armada:
Capitão que n'ella vinha
Muito bem que a guiava.

CÔRO.

Capitão que n'ella vinha
Muito bem que a guiava.

JOANNA.

Dize-me, ó cavalleiro,
Pela cruz da tua espada,
Se incontraste meu marido
Na terra que Deus pisava?

CÔRO.

Incontraste meu marido
Na terra que Deus pisava?

SERAPHINA.

Anda tanto cavalleiro
N'aquella terra sagrada!
Mas dize-me, tu senhora,
Os signaes que elle levava.

CÔRO.

Dize-me tu, ó senhora,
Os signaes que elle levava.

JOANNA.

Levava cavallo branco,
Sellim de prata doirada;
No seu peito de aço fino
A cruz de Christo levava.

CÔRO.

No seu peito de aço fino
A cruz de Christo levava.

SERAPHINA.

Pelos signais que me deste.
La o vi n'uma estacada...
Morreu morte de vallente:
Eu sua morte vingava.

ALDA, estremecendo.

Boas novas vieram á pobre da infante!

JOANNA.

Esperae, tende paciencia, que ouvireis agora o resto: nem sempre o peior é certo.

ALDA, suspirando.

Mas do susto ja ninguem a livra.

JOANNA.

Esse teve ella muito grande; e entrou-se a carpir e a lastimar que fazia dó ouvi-la, e ve-la arrancar seus louros cabellos, e magoar suas lindas faces, e dizia com muitas lagrymas: *(Canta)*

Ai triste de mim coitada,
Triste que tudo perdi!
Tres filhas que me deixaste,
Como as casarei sem ti!
Ai, espôso da minha alma,
Ai triste de mim sem ti!

CÔRO.

Ai, espôso da minha alma,
Ai triste de mim sem ti!

SERAPHINA, fallando.

E então o cavalleiro da armada, meio surrindo, meio com dó d'ella, lhe tornou: *(Canta)*

Que darias tu, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?

JOANNA.

Dera-lhe ouro e prata fina,
Quanta riqueza ha por hi.

SERAPHINA.

Não quero ouro nem prata,
Não n'o quero para mi'.
Que darias mais, senhora,
A quem l'o trouxera aqui?

JOANNA.

De tres moinhos que eu tenho;
Um moe cravo e gergeli,
Outro...

SERAPHINA.

Os teus moinhos
Não n'os quero para mi'.

CÒRO.

Que darias mais, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?

JOANNA.

As telhas do meu telhado
Que são de ouro e marfi'...

SERAPHINA.

As telhas do teu telhado
Não n'as quero para mi'.
Que darias mais, senhora,
A quem l'o trouxera aqui?

JOANNA.

De tres filhas que eu tenho,
Escolherás para ti:
Uma é loura como o sol,
Outra alva como o al-hélí;
Tem quinze annos a mais velha
Corada como um rubi'.

SERAPHINA.

Não é assim, não é assim. A Eyria Martins d'o pé do rio, que sabía essa chacara como ninguem, sempre lh'a ouvi cantar d'outro modo. E resa assim:

De tres filhas que eu tenho,
Todas tres te dera a ti:
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais formosa de todas
Para comtigo...

JOANNA.

As cachopas do rio cantam como tu dizes; mas a trova verdadeira é como a eu cantei, que m'a insinou Mestre Froilão: e é como se ella canta entre senhores, e é mais bonita assim. — Não é, padre capellão?

(Froilão faz signal que sim e bate com mimo na face de Joanna.)

ALDA.

Tens razão, Joanna; é como tu dizes. E que não fosse, era mais bonito: assim se deve dizer. — Como foi a resposta do cavalleiro, Seraphina? — Se elle recusa tambem essa offerta!..

SERAPHINA.

Oh se recusa! — Não que elle... Ora escutae: (*Canta*)

As tuas filhas, infanta,
Não são damas para mi':
Dá-me outra coisa, senhora,
Se queres que o traga aqui.

JOANNA.

Não tenho mais que te dar,
Quanto tinha offereci...

SERAPHINA.

Tudo, não, senhora minha,
Que inda te não deste a ti.

JOANNA.

Cavalleiro que tal pede,
Que tam villão é de si...
Por meus villões arrastado
O farei andar ahi
Á cauda do meu cavallo,
Á roda do meu jardi'.

CÔRO.

Por meus villões arrastado
Á roda do meu jardi'.

SERAPHINA.

Olha la os teus vassallos
Se estão bem certos por ti,
Que, eu erguendo esta viseira,
Não me obedeçam a mi'.

CÔRO.

Se eu tirar ésta viseira
Hãode obedecer-me a mi'.

SERAPHINA.

Este annel de sette pedras
Que comtigo reparti...
Que é d'ella a outra metade,
Pois a minha está aqui?

CÔRO.

Do annel de sette pedras
Minha metade está aqui.

JOANNA.

Tantos annos que chorei,
Tantos sustos que tremi...
Deus te perdoe, marido,
Que me ias matando aqui!

JOANNA E SERAPHINA.

Tive mais medo á ventura,
Não sei como não morri.

CÔRO.

Assustou-se co'a ventura
Que a ia matando aqui!

ALDA.

Linda chacara!

JOANNA.

Oh senhora, o condestavel, diz que gosta tanto de romances, que está sempre a ler n'um livro que tracta dos cavalleiros de Tavola-redonda. Se nós lhe cantarmos este romance quando elle por aqui vier depois da batalha?

ALDA.

Pois hade vir, Joanna?

JOANNA.

Hade sim, senhora; tenho fe que hade vir, triumphante e com toda a nossa gente.

ALDA.

Deus te oiça, filha! — Podes-lhe cantar a tua chacara que é linda. E que linda acaba!

SCENA II.

FROILÃO-DIAS, ALDA; JOANNA, SERAPHINA *e as outras* DONZELLAS; MENDO-PAES *entrando; depois* POVO *dentro.*

MENDO.

Se elles acabassem todos assim os romances, bem bonitos eram!

ALDA, assustada.

Que quereis dizer, senhor? Mendo, que é o que succedeu? — Vindes com cara de caso... e de mau caso! — Que novas ha do exército de?.. — Por vossa vida, dizei... Seja o que for. — Más novas?

MENDO.

Más... más! Más para uns, boas para outros; que é a volta do mundo.

ALDA.

Santa Maria da Amieira nos acuda, que venceram os Castellanos! — Se elles eram tantos, e os nossos...

MENDO.

Cada-um para dez Castelhanos: é verdade.

ALDA.

Ai meu Deus, meu Deus! que será feito de?...

MENDO.

De quem?

ALDA.

De meu marido, senhor.

MENDO.

Vosso marido... vosso marido! — Bem se tracta agora de vosso marido. — O caso é que elles não venceram, o caso é que os insinámos, que lhes démos uma licção mestra. — Ah bons Portuguezes, ah gente leal e destemida, que nunca me inganei comvosco! So aquella «Ala dos Namorados!» So aquella companhia da «Madresilva!» Pois com gente d'aquella, por fôrça havia de ser. — Eu sempre o disse, sempre o esperei. Que victoria, que victoria! Não tornam ca.

ALDA, suspensa.

Não tornam ca! — Em nome de Deus, explicae-vos. Quem? — Vencémos! Quem são os que venceram?

MENDO, com grande enthusiasmo.

Os nossos, Alda, os nossos.

ALDA.

Mas quem são os vossos? — Ha tempos a ésta parte que não sei.

MENDO, picado.

Não sabeis, Alda... minha senhora D. Alda! Não sabeis quem são os meus! Com quê eu sou como certa pessoa que não queria os Castelhanos porque eram Castelhanos, não queria o Mestre d'Aviz... porque era... nem eu sei o quê... Não queria nada! — Eu quero, quiz e heide querer sempre o que...

ALDA.

O que vencer.

MENDO.

O que vencer, sim, o que tiver justiça para vencer, porque a justiça é a fôrça, isto é, a fôrça é que dá a justiça... Não é assim: quero dizer que a justiça é que dá a fôrça.

ALDA.

Por charidade, Mendo, que me digais... Vós?..

MENDO.

Eu sou um Portuguez leal e honrado, graças a

Deus! Não quero ser escravo de extrangeiros, não quero...

ALDA, ajoelhando e pondo as mãos.

Louvado seja Deus que venceram os Portuguezes!

MENDO.

Assim foi. A bandeira do Campo d'Ourique, a sagrada bandeira do Campo d'Ourique. *(Fazendo por se excitar)* O pendão da honra e da lealdade!..

POVO, que grita dentro.

Victoria, victoria!

ALDA, erguendo-se.

O meu Fernando! Inda bem que o resolvémos!

MENDO.

Inda bem! — E custou. *(Á parte.)* Mal sabes tu porque eu digo ainda bem.

ALDA.

Mas dizei, contae...

MENDO.

Contar o quê? Dizer o quê? — Foi uma coisa como nunca se viu. Castelhanos, ficou tudo em postas. El-rei D. João de Castella... o tal rei schismatico — veio correndo a bom correr toda a noite, e ésta madrugada entrou em Santarem; ahi esteve em Marvilla mettido, Deus sabe com que medo; e logo de madrugada... *(Olhando para o rio.)* Olhae para acolá; vêdes aquellas galeotas sem pendão nem bandeira? É elle que vai pelo rio abaixo, com vento e maré de feição, metter-se na sua armada que está á foz do Tejo, para se pôr a bom recado em terras de Castella, que estes ares de Portugal não se dão bem com elle.

ALDA, affirmando-se.

É verdade; são as galeotas castellanas. — Oh meu Deus, que alegria! — E onde foi a batalha?

MENDO.

Entre Aljubarrota e Leiria, nos campos ao-pé d'Al-

jubarrota... *(Á parte.)* E o Alcaide sem chegar, e a minha gente!... Oh! ei-los ahi véem.

POVO, de dentro.

Victoria, victoria pelo nosso rei D. João I... — Morram os Castelhanos! Fóra os Castelhanos!

MENDO.

Fóra os Castelhanos!

ALDA, á parte.

Que vil homem! Faz-me corar. *(Para Mendo.)* Pois vós, senhor Mendo Paes, não creis?...

MENDO.

Era o quê? — Esperae que ja vo-lo digo o que eu era. — Graças a Deus ja se póde fallar; *(bradando)* que ja temos a nossa liberdade!

SCENA III.

ALDA, FROILÃO, JOANNA, SERAPHINA *e as outras* DONZELLAS *e* AGUÀZIS, MENDO-PAES, O ALCAIDE, POVO.

UM DO POVO.

Viva o Mestre d'Aviz!

POVO.

Viva!

UM DO POVO.

O nosso rei D. João I, que o fizemos nós; não queremos outro!

POVO.

Viva!

MENDO.

Viva, viva! — E estes pérros d'estes extrangeiros que nos teem avexado, que nos teem opprimido... fóra com elles!

MENDO.

E os extrangeirados, que ainda são peiores, muito peiores.

POVO.

Muito peiores.

MENDO.

Fóra tambem!

POVO.

Fóra!

MENDO, á parte.

Está a opinião preparada, a opinião pública! — *(Alto)* Senhor Alcaide, tende a bondade de me ler este alvará *(Tira das pregas do saio um rólo de pergaminho e o intrega ao Alcaide, que o desinrola, e ao abrir cai-lhe o sêllo pendente com uma grande fitta incarnada. Mendo deita-lhe a mão derepente, e diz á parte:)* Olha o que eu ia fazendo! É o d'el-rei de Castella este. *(Alto, escondendo o pergaminho no seio, de donde tira outro)* Inganei-me, não era aquelle. *(Abrindo o segundo pergaminho de que pende uma fitta azul com sêllo)* Este é: é este, senhor Alcaide. — Lêde alto e bom som, para todos ouvirem. E desde ja, e na melhor fórma de direito — parece-me que assim é que se diz — vos requeiro e demando execução plena e inteira de todo o contehudo n'esse alvará d'el-rei nosso senhor.

ALCAIDE, lendo.

« Eu el-rei *(descobre-se)* faço saber a todos os que o « presente virem como, havendo respeito ao que me « representou Mendo Paes da Villa de Santarem e fi- « dalgo da minha casa, e aos muitos serviços que n'es- « sa villa me tem feito, dentro e fóra d'ella, e duran- « te o vexame e occupação da ditta villa pelas gentes « de D. João que se chama rei de Castella, dando-me « secretamente aviso e parte de muitas coisas que eram « do meu serviço e que...

MENDO, corrido, interrompendo-o.

Passae adiante, passae adiante. Tambem não sei paraque era preciso pôrem ahi tudo tam explicado no alvará! — Vamos á conclusão.

ALCAIDE, continuando a ler.

« E por quanto sou informado que é de justiça e ra-
« zão direita, me praz fazer-lhe mercê e doação, para
« todo o sempre e sem reserva alguma, de todos os ha-
« veres e alfaias, bens moveis e immoveis que na referi-
« da villa possuhia um dos mais incarniçados inimigos de
« minha Real pessoa, o qual por este alvará, com fôrça de
« sentença como se na mesma casa do Civel da ditta vil-
« la de Santarem fôra passada, Hei por bem declarar trai-
« dor e revel, e que por nome não perca, Fernão Vaz...

ALDA.

Meu Deus, que perfidia, que aleivosia infame!— Senhor alcaide, ouvi-me, ouvi-me por quem sois. Isso é falso, isso é...

ALCAIDE, impassivel e continuando a ler.

« Mais conhecido pelo nome do Alfageme de San-
« tarem.

FROILÃO, pondo-se derepente em pé, e como soltando-se-lhe a voz pela grande paixão.

Mente!

TODOS.

Oh! oh! oh!

ALCAIDE, gravemente.

Padre Froilão, isto é um alvará d'el-rei.

FROILÃO.

Rei!... Rei que faz d'esses papeis...

ALDA, com exaltação.

Não merece ser rei.

(Froilão faz signal de approvar com violencia, quer continuar a fallar e não póde. Senta-se.)

MENDO, contente.

Ora ainda bem que os ouvis, senhor Alcaide. É gente d'este lote.

ALDA.

Oh Mendo, Mendo! Vós, vós, Mendo!.. — Traidor meu marido, Fernão Vaz traidor!

ALCAIDE, continuando tranquillamente.

« Por tanto mando etc. etc. » As mais palavras do stylo, Está em boa e devida fórma, não lhe falta nada.

MENDO.

Em nome d'el-rei nosso senhor *(descobre-se o Alcaide.)* e em virtude do alvará que tendes na mão, vos requeiro que immediatamente me deis posse do que é meu, de tudo o que foi do traidor. *(Para o Povo)* Morram os traidores! Não fique nada dos traidores!

(O povo investe com a casa do Alfageme e começam a quebrar portas e janellas com grande furia. Alda e Joanna tomam o berço e se juntam ao-pé de Froilão com as outras Donzellas do Alfageme, como amparando-os.)

ALDA.

Meu filho! Meu tio!

MENDO, ao povo.

Não é isso, meus amigos. Tomais tudo ao-pé da lettra. Quando era d'elle, podia ser; agora é meu...

UM DO POVO.

Destruir tudo! Hade ficar tudo arrazado.

MENDO.

Alto la! *(Para o Alcaide)* Senhor Alcaide, acudi pela minha fazenda, restabelecei a ordem. — Onde está a auctoridade pública?

(O Alcaide consegue fazer cessar os amotinados.)

ALDA.

Oh senhor Alcaide, meu marido, meu marido traidor! E viver eu para ouvir ésta palavra. . e escripta n'um alvará d'el-rei D. João I!.. — Não póde ser.

ALCAIDE, mostrando-lhe o pergaminho.

Lede.

ALDA, depois de ler.

É verdade; ca está. « Traidor... revel... *(lendo)* É « verdade. — « O Alfageme de Santarem! » — E ésta é a justiça que temos que esperar do nosso rei natural

por quem tanto padecémos! Para isto combatémos, e sangrámos tanto sangue e chorámos tanta lagryma!

ALCAIDE.

A fallar a verdade vosso marido... unnca se soube bem... Fernão Vaz era um tanto... Não se sabía... — E agora onde está elle? — A sua ausencia confirma...

MENDO.

Confirma: está claro.

ALDA.

Confirma o quê, Mendo? — Que está no exército de Portúgal, que ha oito dias d'aqui se foi para Abrantes, para o Condestavel. — Não se sabía, senhor Alcaide! Não. — Meu marido é verdade que duvidou da justiça do Mestre d'Aviz.

ALCAIDE.

Então confessais?

MENDO.

Que remedio senão confessar!

ALDA.

Que vergonha me fazeis, Mendo Paes! — Confesso, confesso que duvidou em quanto não viu o podêr de Castella prestes a destrui-lo a elle e ao Povo: — então fez como verdadeiro Portuguez; tomou o partido do mais fraco, declarou-se pela liberdade do reino.

ALCAIDE.

Mas por onde consta isso, que documento, que próva?

ALDA.

Próva! Digo-vo-lo eu.

ALCAIDE, surrindo.

Ah, ah! Não basta; é preciso outras testimunhas...

SCENA IV.

O ALFAGEME *todo cuberto de poeira e com a sua facha d'armas ás costas;* ALDA, FROILÃO, MENDOPAES, ALCAIDE *e* AGUAZIS, JOANNA, SERAPHINA *e as outras* DONZELLAS, POVO.

ALFAGEME.

E eu serei bastante?

MENDO, á parte.

Estou perdido.

ALDA.

Fernando!

FROILÃO, erguendo-se e balbuciando.

Meu...

ALFAGEME.

Alda, Froilão... *(Mal os abraça, e arredando-os)* Quem me acusa aqui? Qual é o meu crime? Onde estão os meus juizes? E o meu accusador, o meu accusador quem é? — *(Silencio geral)* Ninguem responde! Eu sou o reo e todos se callam deante de mim! *(Murmurios entre o povo.)* Quem murmura lá? Quem é o covarde que so se atreve a murmurar baixo, a calumniar pelas costas? — Levante a voz e olhe bem para mim; levante a voz e diga: — « Sou eu que accuso o Alfageme de Santarem. »

ALDA, estendendo-lhe os braços.

Oh meu espôso, meu querido espôso! não imaginas o que ésta gente...

ALFAGEME.

Alda, minha adorada Alda!.. Oh! e o nosso filho? *(Alda mostra-lhe o berço, elle abaixa-se e beija o filho.)* Deixa-me primeiro... *(Repara em Froilão)* Oh meu bom Froilão, dae-me a vossa bençam. *(Toma-lhe a bençam, depois repara no Alcaide)* Vós aqui senhor Alcaide! E de vara na mão! Vindes em diligencia do vosso officio?

ALCAIDE, confuso.

Fui requerido; é minha obrigação... E muito me custa...

ALFAGEME.

Custa-vos fazer vossa obrigação! Como assim, senhor Alcaide?

ALCAIDE.

O senhor Mendo Paes appresenta aqui...

ALFAGEME.

Mendo! — Senhor Mendo Paes, vós! — pois vós é que?..

MENDO, fazendo resolução.

Sou eu que vos acuso, é verdade. *(Levantando a voz)* O vosso procedimento duvidoso têm escandalisado todos os leaes habitantes d'ésta villa. Desde o principio d'éstas alterações, fostes aqui o cabeça de motim; alvorotastes o povo contra os nobres e fidalgos, favorecendo assim a causa de Castella de que vos dizieis contrário, — e não seguistes as partes do Mestre d'Aviz, *(levantando mais a voz)* do nosso legítimo e victorioso rei, o senhor D. João I! Privaste-lo do auxílio dos honrados homens d'ésta villa que, por suggestões vossas, se não reuniram á sua sagrada bandeira. — Accuso-vos d'isto eu e todo o povo de Santarem. *(Para o Povo)* Não é assim, meus amigos?

POVO.

É assim, é assim.

UM DO POVO.

Podiamos estar agora riccos e fidalgos como todos os mesteres e homens d'officio de Lisboa e do Porto.

POVO.

É verdade, é verdade.

ALFAGEME, que tem estado com os braços cruzados, deixando-os dizer, e olhando ora para Mendo, ora para o povo.

E se o Mestre não vencesse?.. Inforcados.

UM DO POVO.

La isso tambem é verdade.

ALFAGEME.

Calae-vos vós outros do povo, e deixae ouvir este fidalgo... o meu nobre accusador!

MENDO.

Não tenho mais que dizer.

ALFAGEME.

E não dissestes ja pouco por-certo. — Vós, Mendo, meu collaço!.. Ia quasi dizendo meu irmão! Meu senhor D. Mendo Paes, o filho do meu nobre protector, o companheiro da minha infancia... ah! — E vós todos, o senhor Alcaide tambem! — estaveis-me aqui julgando á revelia pela mera accusação d'este fidalgo?

ALCAIDE, confuso.

Ausentastes-vos da villa n'uma occasião...

ALFAGEME.

É verdade; sahi de Santarem na propria hora em que vós, senhor Alcaide, com os vereadores e mesteres, estaveis á porta de Atamarma intregando as chaves da nossa villa a el-rei de Castella.

ALCAIDE, confuso.

Estavamos coactos.

ALFAGEME.

E eu, para o não estar, fui com a minha gente — com todos esses que arredei do serviço do Mestre, senhor Mendo Paes — appresentar-me em Abrantes ao condestavel do reino. — Não o sabieis vós, Mendo? Não será verdade isto?

MENDO.

É. Mas assim que la chegastes, logo vos levaram, por espia, para o castello d'Abrantes, e...

ALFAGEME.

Ah! sabieis vós isso! *(á parte)* Ja sei quem fez a denúncia falsa para Abrantes. E o impenho que elle tinha em que eu fosse!

ALDA.

É verdade aquillo, Fernando?

ALFAGEME.

É verdade.

ALDA.

Prenderam-te a ti por espia... a ti?

ALFAGEME.

Por espia, a mim? não ha dúvida. *(Amargamente)* E não quizeram attender aos meus rogos, insultaram as minhas lagrymas!.. — De joelhos e com as mãos postas os suppliquei, pedi-lhes que me deixassem ir morrer o primeiro na vanguarda das batalhas portuguezas... — Chamaram-me Castelhano, schismatico, traidor, rebelde... espia! — E eu não morri, Alda! e tive fôrça para os ouvir, tive ânimo para supportar tantas injúrias... e para esperar ainda em Deus e na justiça!

ALDA.

Justiça!.. Oh Fernando, justiça não torna a haver n'ésta terra.

ALFAGEME.

Quando a houve entre os homens, filha? — Mas Deus ainda está no ceo. — E se homens me julgassem...

MENDO.

Ja estais julgado, e sem appellação. Aggravae-vos para Deus, se quizerdes; que da sentença que aqui está *(tocando no pergaminho que está na mão do Alcaide)* para outro tribunal não podereis. — Senhor Alcaide!

ALCAIDE.

O senhor Mendo Paes tem razão: nem eu, nem justiça alguma do reino tem podêr para...

ALFAGEME.

Paraquê, senhor Alcaide?

ALCAIDE.

Para imbargar a execução d'este alvará.

ALFAGEME, arrebata o papel das mãos do Alcaide, le com grande commoção, ora baixo, ora alto, algumas palavras truncadas.

« O zêlo... os serviços... de Mendo Paes... fidalgo « da minha casa... — revel, traidor... o Alfageme... » — *(Fallando)* Eu!.. Sou eu. — E este alvará é de?..

ALCAIDE, tirando a gorra.

De el-rei nosso senhor.

ALFAGEME.

Do Mestre d'Aviz? De el-rei D. João?.. — El-rei... mandou passar este alvará!.. E assignou *Rei* n'este papel infame... que o deshonra... O Mestre d'Aviz, por quem eu, eu... — Mentes, Alfageme. que não foi por elle. — Não foi, é verdade; mas nem por isso me deve elle menos. — El-rei assignar ésta villania... — Eu desaggravo assim a honra d'el-rei. *(Rasga o alvará e calca aos pés.)*

ALDA.

Que fizeste, Fernando!

POVO.

Oh! oh!

MENDO.

Traição, nova traição! O alvará d'el-rei!.. Traição!

POVO.

Traição!

ALCAIDE.

Fernão Vaz, este crime foi público, e commettido na minha presença, deante de todo este povo. Intregae-vos ás justiças d'el-rei.

MENDO, á parte.

Estou salvo.

ALCAIDE.

Intregae as vossas armas.

ALFAGEME.

As minhas armas! — Ésta que ainda está tincta no sangue de!.. A vós, a nenhum dos que aqui estão?

— Não sois vós que lhe poreis as sujas mãos. — Esta arma... (*quebra nas mãos a hacha e a atira com grande arremeção para longe*) ficará de tropheo no fundo do Tejo sôbre a sepultura da nossa sancta protectora. Calumniada como ella, martyr, pura e immaculada como ella, tambem não hade cahir em mãos de infieis.

ALCAIDE, para os aguazis.

Prendei esse homem.

(Os aguazis não se atrevem.)

ALFAGEME.

Fazei o que vos mandam. Não me vêdes desarmado? Nem assim vos atreveis!

ALCAIDE.

Levae-o ao castello, para Marvilla; que o mettam na tôrre da menagem.

ALFAGEME.

A mim me levarão elles? — Nobre e justiceiro Alcaide, o Alfageme de Santarem não se leva assim. Vai elle quando quer, e porque... quer.

ALDA.

Oh Fernando, Fernando! — E eu, eu é que sou a culpada, a causadora de tudo isto! Se te eu não resolvesse a ir... Antes tu não fôras.

ALFAGEME.

Tal não digas, Alda; tu foste o anjo da minha guarda: ainda bem que segui a tua inspiração, que fui, que adquiri o direito de os desprezar, de lhes chamar ingratos, de...

ALDA.

Pois tu foste, alcançaste porfim?... Não ficaste no castello d'Abrantes?.. O Condestavel?..

ALFAGEME.

O Condestavel...

MENDO, ao povo.

E este homem hade estar aqui a zombar de nós todos, do povo?

UM DO POVO.

Prendam o traidor. Viva o nosso rei D. João!

POVO.

Viva!

ALFAGEME.

Qual d'elles é hoje, meus bons amigos — o de Portugal ou o de Castella?

MENDO.

Insultou o povo.

UM DO POVO.

Insultou o povo, o traidor! Morra.

(Querem apedrejá-lo: Alda abraça-se com o marido.)

POVO.

Morra!

SCENA V.

OS MESMOS; NUN'ALVARES *e* CAVALLEIROS, *entrando.*

ALCAIDE.

O Condestavel!

POVO.

Viva o Condestavel, viva!

ALDA.

Nuno!

MENDO, á parte.

Estou perdido.

NUN'ALVARES.

Alda, Fernando! *(com os braços abertos.)* Falta-me aqui... ah!.. vós, Froilão. *(Observando a expressão dos circumstantes)* Que é isto? Voltais-me o rosto! Ninguem me falla, ninguem me vem abraçar!.. Alda, minha irman!.. E tu, meu velho Froilão, tu tambem! — Triumphos, acclamações por toda a parte, e so aqui ésta frieza, este...

MENDO.

Senhor Condestavel, senhor conde d'Ourem, dignae-

vos acceitar os sinceros emboras, os parabens do coração...

NUN'ALVARES.

Ah, ah! Vós aqui, Mendo! — E so vós me recebeis com...

MENDO, com enthusiasmo.

Bem sabeis que...

NUN'ALVARES.

Oh sei, sei... — Parece-me que começo a perceber isto. — Fernando, vós estais?..

ALFAGEME.

Prêso.

NUN'ALVARES.

Prêso! Vós! Quem vos prendeu?

ALCAIDE.

Fui eu, senhor...

NUN'ALVARES.

Um samarra preta, um alcaide, um homem de vara atrever-se a um dos meus! Como foi isto, dizei-me. — Porque o prenderam, por?..

FROILÃO, fazendo um grande esfôrço.

Por traidor...

ALDA.

Meu tio, socegae, por quem sois, lembrae-vos do estado em que estais.

FROILÃO.

Deixa-me, ja estou bom, ja estou bom. Soltou-me o despeito a falla... o despeito, a vergonha... *(Andando desimbaraçadamente para Nun'alvares, e pegando-lhe na mão com fôrça.)* Ouvis bem, Nuno Alvares Pereira? — Por traidor o Alfageme de Santarem, o marido de tua irman!... E por ordem d'esse rei, que vós fizestes rei para nos libertar, para nos catar nossos foros, para nos guardar justiça! — Ouves isto, Nuno Alvares Pereira? — Ouvis, senhor condestavel do reino, senhor conde d'Ourem?.. Quantos mais titulos e honras e senhorios

e mercês e grandezas tendes, para vos eu chamar por elles todos, e vos dizer... para te invergonhar com elles todos, Nuno, e te dizer: «Es tudo isso, Nuno, D. Nuno: olha ogora o Alfageme, o homem do povo, e ve o que lhe fizeste.

NUN'ALVARES.

O que eu fiz?

FROILÃO.

Tu ou os teus, tu ou o teu rei: que importa?

NUN'ALVARES.

Froilão, meu velho Froilão, tu abusas do direito que te dá...

FROILÃO.

O quê, senhor condestavel? Este hábito, ésta cruz *(Apontando para a cruz da ordem que traz no peito)*, ésta edade? — Não vos prendais com isso, vallentes cavalleiros de D. João Primeiro. O que é isso para os vencedores, para os libertadores da patria! — Eu não fui a Aljubarrota; não tinha pés que la me levassem, nem mãos que podessem com uma partazana... heide ser traidor como este. *(Apontando para o Alfageme.)*

NUN'ALVARES.

Este! Fernando?

FROILÃO.

O marido de tua irman, o homem que...

NUN'ALVARES.

O Alfageme que me temperou ésta espada, que lhe deu este fio que nunca imbotou.

FROILÃO.

E lembrais-vos d'isso, senhor! — E nem siquer é esquecimento!

NUN'ALVARES.

Esquecer-me, eu! — de uma dívida que ainda não paguei! — *(Indo para o Alfageme com os braços abertos.)* Fernando, meu Fernando... meu irmão... nos meus braços.

ALCAIDE.

Um traidor!

POVO.

Um traidor!

NUN'ALVARES, levantando a voz.

Traidor! O Alfageme de Santarem! — Quem se manchou com essa vil calúmnia?

FROILÃO.

O teu rei.

NUN'ALVARES.

Mentes.

FROILÃO, sentido.

A mim, D. Nuno, a mim essa palavra!

NUN'ALVARES, com deferencia.

Perdoa-me, meu velho amigo... Oh, perdoa-me: bem sabes como te estimo, como respeito essas cans tam honradas. — Mas dizes taes coisas... — Foste inganado. — El-rei, el-rei D. João I!.. — Mas tu não sabes, Froilão, que este homem, *(pegando na mão do Alfageme)* teu marido, Alda... o marido da tua escolha — este homem foi o nosso triumpho, a nossa glória? Estava prêso, sem o eu saber, no castello d'Abrantes, por falsas informações que d'aqui mandaram traidores: *(olha significativamente para Mendo-Paes)* mas conseguiu evadir-se da prisão...

ALDA.

Oh meu Fernando! *(abraça-o.)*

NUN'ALVARES.

E chegando a Aljubarrota quando o exército castelhano ja tinha rompido o centro da nossa linha, — elle com os seus homens, com ésta gente d'aqui das suas officinas, derepente cahiram sôbre o inimigo e o aterraram, e o fizeram retroceder.

FROILÃO, rindo e chorando.

Fernão Vaz, Fernão Vaz, deixa-me te abraçar, quero-te abraçar, quero chorar, quero rir, quero

morrer de contente. — Deixa-os agora: que te prendam, que te confisquem, que te infamem se quizerem... Despreza-os meu Alfageme, que é o que elles merecem.

NUN'ALVARES.

Mereciam, se não confessassem o que lhe devem. Mas...

FROILÃO.

Mereciam? — Bem, muito bem. — Ora... *(Começa a juntar os boccados rasgados do alvará que estão pelo chão.)* Ajuda-me, Joanna, Seraphina; ajudae-me a apanhar... *(Ajudam-n'o ellas, e Froilão vai dando os boccados a Nun'alvares.)* Ide lendo, ide lendo.

NUN'ALVARES, lendo-os como lh'os dão.

« Traidor... schismatico... revel... »

FROILÃO, affirmando-se em um dos pedaços que não póde ler e dando-o a Alda.

Toma, toma, le aqui, Alda.

ALDA, lendo.

« Todos os seus bens e haveres... »

FROILÃO, repettindo.

Todos os seus bens e haveres. *(Tira o pedaço de pergaminho das mãos de Alda e o dá a Nun'alvares.)* Lede vós. — Pagam assim os reis?

ALFAGEME.

Sempre.

NUN'ALVARES.

Fernando!

ALFAGEME.

Sempre.

NUN'ALVARES.

Aqui ha mysterio que eu não intendo. — Esperae, deixae-me ver.

FROILÃO.

Não tem que ver: é como os principes pagam as suas dívidas.

NUN'ALVARES.

Nem todos.

FROILÃO.

Nem *a todos:* quereis dizer; aos senhores, aos fidalgos é n'outra moeda; bem sabemos: mas aos credores que são do povo...

ALFAGEME.

Não lhes devem nada a esses.

NUN'ALVARES.

Não digais, isso, homem, porque a vós...

ALFAGEME.

A mim não me devem nada.

NUN'ALVARES.

A vós, a quem el-rei deve!..

ALFAGEME.

Nada.

NUN'ALVARES.

Por quem fizestes!..

ALFAGEME.

Por elle, nada. O que fiz — se alguma coisa é... quatro golpes de cimitarra, puchados d'alma, n'esses extrangeiros que vinham devaçar a minha terra... Se eu nasci aqui!

NUN'ALVARES.

Homem, dá-me um abraço, e vai descansar. Depois averiguaremos o que isto é; e ficae certo que havereis satisfação e reparo. — Alda, este homem foi quem tomou o estendarte real de Castella, e escondeu-se da acção como de uma vergonha, — e foi pôr o estendarte onde o achou Antão Vasques que o trouxe a el-rei...

FROILÃO, surrindo com desprêzo.

Dizendo que fôra elle que o tomára?

NUN'ALVARES.

Não, homem descrido, não disse tal; disse que não

sabía, e disse a verdade. Sabía-o eu; mas não o pude dizer a el-rei, porque Fernando exigiu de mim...

ALFAGEME, atalhando-o com vehemencia.

E exijo.

NUN'ALVARES.

Basta.

ALCAIDE.

Senhor Condestavel, permitti que vos diga.

NUN'ALVARES, seccamente.

Dizei.

ALCAIDE, tossindo e com importancia.

As formalidades da justiça são a mais segura fiança das liberdades...

NUN'ALVARES, interrompendo-o seccamente.

Basta, senhor Alcaide; sabemos essas coisas. Vamos ao que eu não sei. — Por que auctoridade prendestes a Fernão Vaz?

ALCAIDE.

Primeiramente appresentaram-me um alvará d'el-rei nosso senhor, em que o declarava traidor e revel e mandava confiscar seus bens: eu ia dar-lhe devida execução quando...

NUN'ALVARES.

Onde está esse alvará? vejamos.

ALCAIDE.

Onde está, meu senhor? — Ahi é que vai o crime maior, o crime de lesa-majestade de primeira cabeça. — Accreditareis, senhor, que teve a ousadia?..

NUN'ALVARES.

Quem?

ALCAIDE.

O Alfageme.

NUN'ALVARES.

De quê?

ALCAIDE.

De m'o rasgar na cara.

NUN'ALVARES.

Vós, Fernando!

ALFAGEME, com serenidade.

Eu. — Estamos quites. Serviço e desserviço de parte a parte — offensa contra offensa. — Agora ja lhe não fica mal: póde-me mandar inforcar cada vez que quizer.

NUN'ALVARES.

Vós... rasgastes esse papel?

ALFAGEME.

Eu. — Como quereis que vo-lo diga?

(Silencio longo e geral.)

NUN'ALVARES, depois de meditar, alçando a voz.

Fez muito bem o Alfageme.

TODOS, com grande espanto.

Muito bem!

MENDO.

Um alvará d'el-rei!

NUN'ALVARES, firme.

Era falso.

ALFAGEME.

Falso!

ALDA, baixo a Nun'alvares.

Tu es o que mentes, Nuno.

NUN'ALVARES, baixo a Alda.

Minto: mas que ninguem o saiba senão tu. — *(A parte)* Ah principes, principes! — Nunca te fiz tammanho sacrificio, rei D. João: pela primeira vez na sua vida mentiu Nuno Alvares Pereira para te não deshonrar! — *(Alto)* Era falso: eu conheço a rúbrica d'el-rei. — *(Para Mendo significativamente)* Mendo Paes, vós... vós... O alvará é falso, Mendo: disse-o eu, e basta. *(Mendo vai a fallar)* Nem mais uma palavra. — Levae-o ja prêso para a Alcaçova. — *(Mais baixo a Mendo)* Ja vêdes que sei tudo: ámanhan verei se vos posso castigar sem infamia. *(Vai prêso Mendo-Paes.)* — *(Para o povo)*

O alvará era falso: tam falso que eu trago plenos podêres d'el-rei meu senhor para declarar solemnemente a Fernão Vaz de Santarem benemerito da Patria, e digno de toda a sua real contemplação. — E como a tal, eu, em seu nome *(tira a espada)* com ésta espada... É aquella, Fernando — é a que está por pagar, Froilão — é a de meu pae, Alda! — com ésta espada... Ajoelhae, Fernão Vaz, escudeiro.

ALFAGEME.

Ajoelhar paraquê?

NUN'ALVARES.

Para te eu armar cavalleiro, Dom Fernando.

UM DO POVO, murmurando para os outros.

É o que elle queria. Não verão o senhor Dom Fernando! São todos o mesmo: não ha que ver.

ALFAGEME, sem affectação.

Cavalleiro eu, senhor!.. Um alfageme!

NUN'ALVARES.

O Alfageme de Santarem. — Quantas casas nobilissimas começaram por mais baixo?

ALFAGEME.

Muitas. — E muitas mais ainda são as que mais baixo vieram a cahir. — Senhor D. Nuno, vós sois um honrado e digno fidalgo, não descereis do que nascestes; não vós. — Eu sou filho d'alfageme... d'um alfageme honrado... e tambem não subirei porque não quero descer.

UM DO POVO.

O homem é capaz. Nunca cuidei. Este sim. Isto é que é homem.

OUTRO DO POVO.

Viva o Alfageme!

POVO.

Viva!

NUN'ALVARES, commovido.

Meu irmão.

ALFAGEME, internecido e correndo a abraçá-lo.

Irmão! Oh senhor! Esse titulo sim: está-vos bem dar-m'o, e não me peja a mim acceitá-lo. — Quanto ao mais, fiquemos como estamos, que estamos bem, senhor.

NUN'ALVARES.

Recusar o que tantos ambicionam! — Ahi anda tambem muito orgulho, meu Alfageme.

ALFAGEME.

Ha algum! confésso. — Não vêdes que eu assim sou o primeiro dos meus... e que ficava o derradeiro dos vossos?

NUN'ALVARES.

Ah populares, populares!

ALFAGEME.

Temos as nossas vaidades. E vós! Não tendes as vossas? — Desculpemo'-nos, respeitemo'-nos uns aos outros — e poderemos viver em paz.

VOZES, fóra.

Viva el-rei D. João Primeiro! Viva o Alfageme!

(Ouve-se dentro marcha guerreira.)

NUN'ALVARES.

É a tua gente que entra.

ALFAGEME.

Os meus companheiros, os meus bravos companheiros! — Alda, vamos abraçá-los.

SCENA ÚLTIMA.

OS MESMOS, *e* CÔRO DOS SERRALHEIROS *do Alfageme.*

(Os cavalleiros de Nun'alvares formam, e vão ao incôntro dos serralheiros que entram em fórma militar, com seus aventaes de coiro e machados ás costas. Por uma evolução rapida, cada-um dos corpos fica a seu lado da scena. Tudo isto deve ser feito em um momento.)

CÔRO FINAL.

(Marcha guerreira.)

CAVALLEIROS.

Erguei essas Quinas, o pendão da glória,
Que ahi vem a victoria!
Ja foge o inimigo, de raiva ja freme,
Que ahi vem o Alfageme.

Cavalleiro, ávante
Co'a espada — cansada!
Ávante, segura a espada, o montante,
Firmeza na sella, no estribo que geme,
Que ahi vem o Alfageme!

SERRALHEIROS.

Foi o Alfageme; foi e não tremia,
Que a morrer so ia.
Mas ao cavalleiro de nobre pujança
Renasce a esperança.

Nobre cavalleiro,
Ávante — o montante!
Ávante co'a espada, meu nobre guerreiro:
Ja morrer não quero, que vejo a esperança
Brilhar n'essa lança.

TODOS.

Alcemos as Quinas, o pendão da glória,
Que é nossa a victoria.
Ja foge o inimigo, de raiva ja freme.

SERRALHEIROS.

Viva o cavalleiro!

CAVALLEIROS.

Viva o Alfageme!

Pq Almeida Garrett, João Baptista
9261 da Silva Leitão de Almeida
A57A7 Garrett
O alfaqueque de Santarem

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 06 03 018 1